



3 1761 05391528 6

PQ
9135
P5

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

Em 1890

A AFRICA PORTUGUEZA, de Pinheiro Chagas.
NUVEM DESFEITA, de Afonso Vargas.
A MINHA TERRA, de Raphael d'Almeida.
A FONTE DA PREGUIÇA E A NOGUEIRA DA MISERIA,
de João de Mendonça.
SEVERINA, de Guiomar Torrezão.
A NOITE DE 3 DE SETEMBRO DE 1758, de Alberto
Telles.
O REI DA ERICEIRA, de Alberto Pimentel.
OTHELLOSITO, de Rangel de Lima Junior.

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

(Imprensa da Casa Real)

110, RUA DO DIÁRIO DE NOTICIAS, 116

1890



PQ
9135
P5

Pinheiro Chagas

A AFRICA PORTUGUEZA

A AFRICA PORTUGUEZA

I

Se, em vez de lhes contar as aventuras do heroe de um romance, eu tentasse em breves paginas contar-lhes as aventuras d'esta Africa portugueza, que tantas amarguras nos tem custado, mas a que por isso mesmo temos um entranhado amor, não ficariam os meus leitores mais satisfeitos, sobretudo se eu conseguisse condensar em poucos periodos as idéas geraes que são indispensaveis a todo o patriota que quer saber devéras o que é, o que tem sido um paiz, já hoje tão impregnado de sangue portuguez, mas ao qual estão hoje ligados, como ao ultimo filho que nos resta d'essa gestação audaciosa de mundos novos que estivemos dando durante dois seculos á luz da civilisação?

Tomemos simplesmente essas colonias que se espalham por toda a Africa: Angola, Guiné, Cabo-Verde, S. Thomé e Príncipe, Moçambique, tomemol-as na occasião em que se funda no nosso paiz o regimen constitucional.

Já em torno d'ellas pairam, como abutres, as cubiças estrangeiras. Em Lourenço Marques o capitão Owen reivindica para a Inglaterra o dominio d'essa bahia, que só quarenta annos depois

a arbitragem de Mac-Mahon nos reconhece definitivamente; já os inglezes da Serra Leôa erguem de vez em quando a sua bandeira nas ilhas do archipelago de Bijagós, e tambem só quarenta annos depois é que a arbitragem de Ulysses Grant nos reconhece a ilha de Bolama; já o governo inglez nos impede de estabelecer o nosso dominio na foz do Zaire, e tambem só cincoenta annos depois a conferencia de Berlim nol-o reconheca; já os francezes tambem se vão estabelecendo, com pés de lã, nas margens do Casamansa, que temos afinal de sacrificar. Com tanta attenção deviamos olhar para essas longinquas regiões, e comtudo não nos occupavamos senão das nossas discordias civis, dos nossos pequenos interesses continentaes!

As colonias africanas eram o vazadouro para onde despejavamos todas as fezes que tinhamos no reino. Com degredados as povoavamos, com degredados formavamos o seu exercito e, quando não eram degredados, que o compunham, eram batalhões expedicionarios que levavam do continente os mais torpes elementos das tropas nacionaes. Em 1817, quando acabou a guerra peninsular, e se tratou de mandar uma expedição para Montevideu, organisou-se com a flôr dos nossos regimentos, pozeram-se á sua frente officiaes como Lecor, Saldanha, Azevedo e Claudino Pimentel. Em 1835, pouco depois de ter acabado a guerra da liberdade, quando se quiz mandar uma expedição para Cabo-Verde, organisou-se um batalhão com os soldados mais ruins e indisciplinados que havia, não no exercito vencedor mas no exercito vencido. Por isso, a façanha que esse batalhão praticou foi matar todos os seus officiaes, á ex-

cepção de um ou dois alferes, que escaparam por milagre!

Se essas colonias não eram senão ninhos de escravos, e era a escravatura a unica fonte da sua receita!... Sá da Bandeira appareceu, esse animo generoso. Promulgou a lei de 1836 que abolia a escravatura, e procurou fazel-a cumprir. Mas todos os interesses feridos se sublevavam contra elle. Alcunhavam-n'o de utopista, accusavam-n'o de arruinar as colonias. Os governadores que iam para o ultramar, com ordem expressa de acabar com o odioso trafico, viam-se obrigados a transigir, ou a fugir.

Em Moçambique, o marquez de Aracaty, um Oeynhausen, tinha de suspender a lei de 1836, porque os escravistas não a deixavam executar. D. Antonio de Noronha em Angola, depois de uma lucta formidavel, tinha de fugir quasi para a Europa. Joaquim Pereira Marinho, em Moçambique, via-se salteado por toda a especie de calumnias, e por uma guerra ferocissima, porque effectivamente debellava os escravistas. O tratado com a Inglaterra concluido em 1842 impunha-nos sacrificios enormes, sujeitava-nos a continuados vexames, e a tudo nos resignavamos para cumprir lealmente a nossa missão emancipadora. E, emquanto o cruzeiro portuguez se mostrava implacavel com os navios que transportavam escravos, emquanto as nossas colonias definhavam porque perdiam uma receita que não era substituida, os navios inglezes tomavam os negros escravos não para os libertar, mas para os levar ás suas colonias, e estas floresciaam com o trabalho gratuito dos braços que á escravatura deviam.

II

De vez em quando algum estadista, algum governador do ultramar pensava nas colonias, muito de relance comtudo, que as guerras civis absorviam-nos. Bonitas palavras na camara de vez em quando, actos rarissimos. Aparecia Pedro Alexandrino em Angola, procurando explorar e conhecer a provincia, implacavel com a escravatura, mas tentando devéras fazer alguma coisa util.

Depois em 1849 appareceu tambem um homem dedicado, energico, de verdadeira iniciativa, Bernardino Freire de Abreu e Castro, que era o verdadeiro fundador da colonia de Mossamedes. Luctava com innumeradas difficuldades, mas a colonia lá ia rompendo lentamente, até que afinal se transformou na villa, que é hoje uma das nossas glorias ultramarinas. Ha quarenta annos!

E pouco mais se fazia! Em 1852 appareceu um decreto, em cujo preambulo se dizia pomposamente que, sendo notorio e incontestavel que innumerados emigrantes portuguezes iam procurar trabalho no Brazil, sonhando phantasticas riquezas e não encontrando afinal senão a miseria e a morte, sendo incontestavel ainda que os madeirenses iam procurar em Demerara, nos climas inhospitos da Guyana ingleza, as febres que faziam d'essa colonia britanica um cemiterio para os portuguezes, era indispensavel que se tratasse de derivar para as nossas colonias africanas essa emigração nacional, e com esse louvavel intuito de crear um imposto nas colonias sobre a importação dos vinhos e aguardentes de Portugal. Palavras, e só palavras!

Trinta e tres annos depois é que o auctor d'estas linhas fundava n'esse districto de Mossamedes, tão claramente indicado para a colonisação portugueza, as auspiciosas colonias Sá da Bandeira e S. Pedro de Chibia!

III

O movimento regenerador punha termo em Portugal ás discordias civis que tinham alagado de sangue o nosso territorio, e paralyzado o nosso progresso. Inaugurou-se a politica do fomento, gastavam-se com plena razão rios de dinheiro para fazer estradas no paiz, para fazer caminhos de ferro, mas as nossas colonias africanas não tinham senão um mesquinho quinhão n'esse jubileu do progresso. Pensou-se em tudo que não custasse muito dinheiro. Auctorisou-se a exploração botanica de Angola pelo dr. Welwitsch, que foi maravilhosa, mas que de certo não desequilibrou o orçamento. Creou-se o conselho ultramarino, que deu excellentes indicações, e que chamou um pouco a attenção publica para os negocios coloniaes; mas, quinze ou dezeseis annos depois, o sr. Latino Coelho aboliu-o porque o julgou dispendioso. Apareceu Sá da Bandeira em 1856 com o seu velho enthusiasmo pelas colonias, mas sem conseguir arrancar aos seus collegas as sommas necessarias para a desenvolver. Além d'isso não tinha quem o ajudasse, e o seu espirito generoso, mas demasiadamente theorico, estragava as suas concepções por não descer ás particularidades da pratica. Quiz fundar colonias militares em Huilla e em Tete. Foram duas povoações do reino da Utopia.

Prodigalisou os conselhos e as sementes aos governadores para que elles fomentassem diferentes culturas.

Para que servia, quando as innumeradas e enormes concessões de terrenos que se faziam no ultramar ficavam constantemente desaproveitadas? O enthusiasmo do paiz pelas colonias tornou-se bem patente na subscripção que se abriu para a colonia de Pemba. Sá da Bandeira logrou pôr á testa d'essa subscripção um dos grandes capitalistas do tempo, Thomaz Bessone, fez com que todos os administradores abrissem subscripções nos seus concelhos. Algumas capitaes de districto chegaram a dar 30\$000 réis, o concelho de Povoá de Varzim subscreveu com dez tostões!

A colonia lá foi ainda assim para Moçambique. Mas, se faltavam a Sá da Bandeira os subscriptores, ainda mais faltavam os auxiliares. Os colonos foram mal escolhidos, peor escolhido ainda o sitio na bahia de Pemba, onde não havia sequer agua potavel. Para a encontrarem tinham de se affastar muito da beira-mar. Um desastre completo corrou esta malfadada tentativa de colonisação.

Se não conseguíamos atinar com o meio de dar ás nossas colonias o desenvolvimento de que ellas careciam, em compensação continuavamos a ser fidelissimos á nossa missão de anti-escravistas. N'aquelle territorio da Africa Occidental entre 5°, 12' e 8°, em que a Inglaterra não consentia que puzessemos o pé, fazia-se odiosamente escravatura. Estava no poder o primeiro ministerio regenerador, era ministro da marinha o visconde de Athougua, presidente do conselho ultramarino Sá da Bandeira, governador de Angola Rodrigues de Amaral, commandante da estação naval Redo-

valho. Passou-se por cima da prohibição da Inglaterra, e em 1855 occupou-se audaciosamente o Ambriz. Dentro de uns barracões encontraram-se 150 pretos, que esperavam navio escravista para embarcar. Era flagrante o caso. A Inglaterra não se atreveu a protestar, como os negociantes inglezes, provaveis proprietarios dos 150 escravos, se não atreveram a reclamá-los.

Mas nós continuavamos a ser apresentados á Europa como incorrigiveis escravistas, e a Inglaterra, a patria de Wilberforce, continuou a ostentar a gloria de ser ella a nação chefe na brilhante, humanitaria e redemptora cruzada contra a escravidão.

Em Moçambique os plantadores das colonias francezas e especialmente os da ilha da Reunião, antiga ilha Bourbon, tinham tomado o costume de ir contractar o que elles chamavam trabalhadores livres. Por mais de uma vez, nos proprios tribunaes da ilha da Reunião se reconhecera que esses suppostos trabalhadores livres não eram senão escravos. A Inglaterra chamava a attenção do governo portuguez para essa escravatura disfarçada, que se fazia em Moçambique. Ingenuamente Sá da Bandeira, que acabára de promulgar a lei de 1858, abolindo a escravidão, e que era o complemento da sua lei de 1836, prohibiu que se consentissem em Moçambique os suppostos contractos de trabalhadores livres. As auctoridades portuguezas informaram o sr. de Méquet, commandante da estação naval franceza, dos abusos que os navios da sua nação praticavam e que tinham dado origem a esta prohibição do governo portuguez. O sr. de Méquet respondeu que não consentiria que fossem navios francezes a Moçambi-

que fazer esses contractos. Comtudo, n'esse mesmo anno de 1858 um navio de guerra portuguez encontrou em Quitangonha, na bahia de Conducia, uma barca franceza, a *Charles-et-Georges*, a fazer contractos de trabalhadores pretos *livres*. Os pretos interrogados declararam que eram levados á força. A barca foi apresada, o tribunal competente proferiu a sentença condemnatoria.

O governo francez de então, o governo de Napoleão III, reclamou; nem quiz esperar a decisão dos tribunaes superiores, enviou uma esquadra ao Tejo, ordenou que o seu ministro, o marquez de Lisle de Siry, retirasse com o pessoal da sua legação, se a barca *Charles-et-Georges* não fosse entregue. Não o foi. O governo do duque de Loulé respondeu simplesmente: Sois os mais fortes! Levae-a. E um navio de guerra francez, que tinha um nome condigno da missão que desempenhava, o *Tubarão*, le *Requin*, levou a barca *Charles-et-Georges*.

Tinhamos appellado para a Inglaterra, para a Inglaterra que fôra a nação que protestára contra os suppostos contractos de trabalhadores livres, que nos levára a prohibil-os. Encolheu os hombros, e disse-nos: Cedam!

Onze annos depois, em 1869, uma corveta de guerra ingleza, a *Daphne*, fazia no proprio porto de Moçambique o mesmo que a *Charles-et-Georges* fizera na bahia de Conducia.

Simplemente, em vez de contractar trabalhadores livres, contractava criados *livres*. Era governador de Moçambique Fernando da Costa Leal, que fôra governador de Mossamedes, e que era dotado de uma rara energia. Intimou o commandante da *Daphne* a que não procedesse as-

sim, o official inglez desdenhou a intimação, Fernando Leal observou-lhe tranquillamente que a corveta *Daphne* não sairia com os seus contractados do porto de Moçambique, senão debaixo de fogo das fortalezas e depois de ter destruido os meios de resistencia que elle tinha á sua disposição.

O commandante da *Daphne* teve medo do escandalo que isso faria na Europa, e cedeu!

E Portugal continuou a ser apresentado pela Inglaterra ao mundo como um paiz essencialmente e incorrigivelmente escravista!

IV

E as colonias continuavam no seu triste abandono! Lá se percebia enfim que em Moçambique o nosso dominio era insignificante, que até os nossos portos de mar estavam á mercê dos pretos, e alguma coisa se fazia para pôr termo a essa ordem de coisas. Em 1861 tomavamos Angoche, n'esse mesmo anno reoccupavamos o Zumbo abandonado, mas o official encarregado de tomar posse, ao sair de Tete, não podia atravessar a Chedima e o Dande senão quando lh'o permittiam os regulos indigenas. Em 1862 o governador de Lourenço Marques auxiliou efficazmente o poderoso regulo Muzilla nas guerras que este tivera com o seu irmão Mauéva, e obtinha que o Muzilla reconhecido se declarasse vassallo de Portugal; o governador de Quilimane, Custodio José da Silva, á força de dedicação e de coragem, logrou manter abertas as communições entre Quilimane, Senna e Tete, mas tudo isto eram factos isolados, não havia a persistencia indispensavel. As com-

municações entre Tete e Zumbo continuaram a ser quasi impossiveis ; a vassallagem de Muzilla não se tornou effectiva ; a Zambezia, um momento pacificada pelo governador de Quilimane Custodio José da Silva, tornava dentro em pouco a ser um fóco de desordens ; Angoche ficava, apesar de conquistado, em tristissimas condições ; a vassallagem do Muzilla não passou de ser nominal, e não tardou o proprio regulo a esquecel-a, em Sofala os habitantes, constantemente vexados pelas incursões dos pretos, abandonavam esse antigo padrão das nossas glorias, e refugiavam-se em Chiloane, para onde se transferiu tambem a séde do governo do districto.

De vez em quando, se alguma catastrophe mais terrivel chamava as attensões de Portugal, lá se organisavam uns tristes batalhões expedicionarios, que iam, *tant bien que mal*, restabelecer a ordem em Cassange, em Angola ; mas nunca a feira de Cassange se podera restabelecer, as communicções entre Loanda e Ambriz eram interceptadas pelo chamado marquez de Mossul, e emquanto isto continuava assim, abandonado e decadente, não se parava com a construcção de estradas e de caminhos de ferro em Portugal.

Infelizmente, no meio d'este desleixo absoluto, começavam a apparecer na Africa Oriental os viajantes inglezes. Livingstone em seis annos fizera trabalhos que tinham excitado enthusiasmo em Inglaterra. Nós o tinhamos ajudado, as nossas auctoridades tinham-lhe facilitado os estudos, tinham-n'ó por mais de uma vez salvado, acolhera-o Silva Porto, o grande africanista portuguez, com a mais cordeal hospitalidade, tinham-lhe dado as mais amplas indicações geographicas os por-

tuguezes de Tete e de Quilimane, e nas suas *Via-gens* não teve para nós o famigerado doutor se não palavras de odio e de malevolencia!

A cubiça da Inglaterra fôra estimulada; nunca mais deixaremos de a encontrar no nosso caminho.

V

Como se fosse muito o que despendiamos com as colonias, apparecem n'este momento os ministerios das economias. Espalha-se a singular doutrina de que as colonias devem viver com os seus proprios recursos, supprimem-se os subsidios, e ufanam-se alguns ministros de apresentar um orçamento ultramarino com saldo positivo. O sr. Latino Coelho obedece muito a esse principio. Rebello da Silva decretou leis excellentes com esplendidos relatorios, mas que não encerram se não palavras que de pouco servem. O que resulta de tudo isto é o terrivel desastre da Zambezia. Batalhões organizados segundo o detestavel systema habitual, com tão indisciplinados elementos, que já na metropole se começaram a insubordinar, vão succumbir ás intemperies do clima, aos ataques dos pretos selvagens. As cabeças dos seus officiaes espetadas na *aringa do bonga* são o triste documento do nosso desastre. Ficou tumultuosa, apesar de uma pacificação apparente, só conseguida ainda assim depois de muitos annos, aquella rica região que orla o Zambeze. O rendimento da provincia é insignificante.

Alguma coisa se vae fazendo ainda assim a favor das colonias. A ilha de S. Vicente de Cabo-Verde tinha uma situação geographica tão excellente, que os paquetes transatlanticos, apesar de

tudo, a procuraram, e o governo conseguiu que o cabo submarino do Brazil tivesse em S. Vicente uma estação. Estabeleceu-se, com subsidio pesado, uma carreira de vapores para a Africa Occidental, mas como o governo luctou primeiro que se resolvesse a fazer esse sacrificio! E comtudo, apezar de todo o abandono, as colonias eram taes que poucos annos depois já a navegação se fazia sem subsidio.

Depois de Sá da Bandeira era Andrade Corvo o primeiro ministro que se occupava das colonias com verdadeiro amor. Foi elle que completou a obra redemptora de Sá da Bandeira, acabando definitivamente e de facto com a escravidão no ultramar, foi elle emfim que teve a coragem de reclamar para as colonias os melhoramentos que tão prodigamente se espalhavam na metropole, e de organizar as expedições de obras publicas, que, apezar dos defeitos da execução d'essa medida, fizeram ás colonias um bem infinito. Mas que tempo se perdêra, e que tempo ainda se perdeu depois, porque os melhoramentos nas colonias foram feitos aos sacões, sem persistencia, sem amor!

Basta lembrarmos que o paiz soube com a maxima indiferença que Portugal assignára com a republica da Africa do Sul um tratado de limites, pelo qual se restringia de um modo extraordinario o nosso districto de Lourenço Marques, abandonando sem razão nem motivo, sem pressão ao menos de uma nação forte, ricos terrenos auriferos.

VI

Ao menos agora pensava-se mais nas colonias, e concorrera tambem para isso a fundação em

1875 da benemerita Sociedade de Geographia; mas que desconhecimento dos nossos interesses coloniaes, que desprezo por esses assumptos se manifestou no parlamento, quando discutiu em 1879 a concessão da Zambezia feita ao intrepido explorador Paiva d'Andrada, e em 1881 o tratado de Lourenço Marques assignado com a Inglaterra! Nem uma coisa, nem outra eram acceitaveis, mas a camara ficava na negação sem lembrar, nem acceitar os alvitres que se propozessem para se substituir o que se rejeitava.

Quando um desastre fulminava as colonias, lá vinha um movimento de sobresalto, e foi assim que o desastre de Bolor na Guiné levou a camara a dar ao governo os fundos necessarios para se tomarem algumas providencias urgentes, para se separar a Guiné de Cabo-Verde, e cuidar um pouco da sua guarnição. Caia porém tudo na apathia antiga.

Assim fôra em 1877, graças á iniciativa de Andrade Corvo, que fizera passar na camara uma lei que auctorisou o governo a gastar 30 contos com exploração scientifica, que se organisou a gloriosa expedição em que appareceram pela primeira vez os nomes de Serpa Pinto, de Capello e de Ivens. Em 1880 voltavam os exploradores, Serpa Pinto tendo atravessado a Africa, Ivens e Capello tendo feito explorações importantissimas nos sertões de Benguella. Foram acolhidos com extraordinario enthusiasmo, mas por ahi se ficou. Só annos depois se retomaram as explorações.

Houve tambem por esse tempo uma nova tentativa de colonisação, tão infeliz como a da colonia de Pemba. Foi devida ao sr. Julio de Vilhena, que, se não pôde vêr executada com felicidade a sua idéa, ao menos formulou um excellente regula-

mento de colonisação, que de muito serviu aos seus successores.

Em Moçambique, entretanto, a semente deitada á terra por Livingstone ia fructificando. Os missionarios escocezes invadiam o interior da nossa colonia africana, fundavam o estabelecimento de Blantyre, e nós, com a amabilidade que sempre nos distinguiu, não só os ajudavamos mas até quasi que reconheciamos a sua independencia, estipulando na pauta de Moçambique um simples imposto de transito de 3 0/0 para as mercadorias que fossem para a região dos Lagos, como se essa região fosse estrangeira! Sentimos-lhe hoje as consequencias.

Os Tartuffos escocezes acceitaram com humildade os favores, e, quando emfim os quizemos pôr fóra, exclamaram arrogantes :

C'est à vous d'en sortir !

VII

Precisa o auctor d'estas rapidas linhas de falar agora da sua propria obra, mas, como pelas circumstancias que então houve, bastantes acontecimentos importantes se deram, temos de os relatar com a brevidade a que nos temos cingido.

Foi no periodo de 1883 a 1885 que contractou a ligação telegraphica de todas as nossas colonias da Africa Occidental com a metropole. A ilha de S. Vicente era ligada por um cabo submarino á de S. Tiago, esta a Bolama e Bolama a Bissau. Da Guiné seguiu o cabo para a ilha do Principe, d'aqui para S. Thomé, de S. Thomé para Loanda, Benguella e Mossamedes, e de Mossamedes

para o Cabo da Boa Esperança. O telegrapho está funcionando.

Contractou-se o caminho de ferro de Loanda a Ambaca, que já tem varias secções em exploração.

Contractou-se o caminho de ferro de Lourenço Marques á fronteira do Transvaal, e essa linha ferrea está em exploração tambem.

Construiram-se varias pontes importantes em Angola e em S. Thomé.

Contractou-se e realisou-se o abastecimento de aguas de Loanda, e o abastecimento de aguas da cidade do Mindello de Cabo-Verde.

Retomaram-se as tentativas de colonisação em Mossamedes, e d'esta vez com resultado melhor. Estão florescentes as colonias madeirenses de Sá da Bandeira e de S. Pedro de Chibia; e, se o caminho de ferro agora projectado se realisar, serão dentro em poucos dias nucleos poderosos de colonisação.

A conferencia de Berlim resolveu as questões do Zaire. Podémos occupar emfim esse territorio comprehendido entre 5° 12' e 8° de latitude. Tivemos de acceitar, porém, o dominio de um novo Estado africano, o Estado livre do Congo, na margem direita do Zaire. Reconheceu-se-nos comtudo a posse de territorios que tinhamos recentemente adquirido e a que nunca tinhamos aspirado, os de Cacongo e Massabi.

D'ahi proveiu organizar-se o novo districto do Congo, estabelecendo-se por um contracto a navegação regular do Zaire, e comprando-se duas canhoneiras e uma lancha para a policia do rio.

Urgente era acudir á Africa Oriental, onde os estabelecimentos inglezes iam tomando um des-

envolvimento assustador pelo lado dos Matabeles. Por isso se reoccupou Manica, ha muito abandonada, e alli se organisou um novo districto. Por isso tambem se aproveitou a morte do Muzilla, para reatar com seu filho e successor, Gungunhana, os laços de relações esquecidas, tornando-as porém d'esta vez mais solidas, porque se fez o tratado em Lisboa e se estabeleceram residentes nas terras do regulo.

Outra questão importante havia a resolver em Moçambique, que estava ha quarenta annos pendente. O nosso visinho pelo lado do Norte, o sultão de Zanzibar, considerava como sua a bahia de Tungue, e ahi estabelecera postos aduaneiros, e todos os signaes de dominio contra nós. Tinha sempre protestado, mas não conseguiramos obrigar-o a desistir da sua persistente invasão, até que em janeiro de 1886 o sr. Augusto de Castilho, governador de Moçambique, fez reaparecer na contestada bahia a bandeira portugueza. Era o principio da reoccupação, que no tempo do ministerio immediato foi concluida.

Não aconteceu o mesmo ao protectorado portuguez estabelecido em 1885 na costa de Dahomé, que o ministerio immediato aboliu. Era uma idéa sympathica a de fazer com que Portugal grangeasse a gloria de abolir aquelles sacrificios humanos, que tornam tão horrorosamente legendario o reino de Dahomé. Póde ser que o rei barba e perfido, de quem estão agora os francezes justamente queixosos, nos trahisse como os trahiui a elles, mas, emquanto durou o protectorado portuguez, e bem pouco tempo foi, não se fizeram as sinistras carnificinas.

Finalmente, retomou-se o caminho das explora-

ções. Em 1884 Capello e Ivens voltaram á Africa, atravessaram-n'a de occidente a oriente, e regressaram gloriosamente á patria em 1885, e n'esse mesmo anno foram Serpa Pinto e Augusto Cardoso explorar a região entre o Cabo Delgado e o Nyassa, n'esse mesmo anno ainda partiu Henrique de Carvalho a fazer a sua tão proficua e tão gloriosa exploração de Muata-Yanvo. Os Stanley e os Wissmann sentiam por toda a parte o echo da passagem dos exploradores portuguezes.

VIII

Assim a nossa politica colonial africana não tivera a persistencia indispensavel para o fim a que ella devia aspirar. Quando n'essa vastissima provincia de Moçambique era indispensavel occupar fortemente os pontos essenciaes para o dominio, e manter na nossa obediencia os regulos que tão facilmente sempre nos seguiram, vemos que em 1861 reoccupavamos o Zumbo, abandonado havia muito e em 1862 faziamos o tratado com o Muzilla, e só vinte e tres annos depois, em 1884, reoccupavamos Manica, e em 1885 faziamos um mais solido tratado com o Gungunhana; quando tão necessario era, para a administração, para o commercio, para a agricultura, sulcar esses sertões com a locomotiva que leva a toda a parte a ordem, a prosperidade, só em 1884 e 1885 se faziam os caminhos de ferro essenciaes de Lourenço Marques e de Ambaca; finalmente, quando a colonisação persistente, constante, era o grande meio efficaz de tornarmos esses vastos territorios solidamente portuguezes, só em 1849 se fundava a colonia de Mossamedes, e só 36 annos depois

em 1885 se fundavam as colonias Sá da Bandeira e S. Pedro de Chibia.

Quando a exploração perseverante e scientifica do interior da Africa tinha de ser o complemento da nossa missão dominadora, deixavamos os nossos negociantes, como Silva Porto, fazer viagens admiraveis, os nossos mestiços percorrer o continente negro em todos os sentidos, sem os fazermos seguir por homens que soubessem conquistar esse continente para a sciencia, e esse commercio para a nossa bandeira, só em 1877 se lançou a primeira expedição scientificamente organizada, só sete annos depois em 1884 se lançaram outras tres expedições scientificas de maravilhosos resultados.

E entretanto pairava em torno das nossas colonias a cubiça estrangeira, arrojava-se a Europa inteira á partilha da Africa, e nós corriamos perigo de ser excluidos. Os tratados de 1886 com a França e com a Allemanha impozeram-nos sacrificios relativamente pequenos a troco do reconhecimento de vastos dominios em Africa Occidental, mas na Oriental é que estava o perigo, porque ahi affloravam o oiro e os diamantes e luzia a cubiça nos olhos da Inglaterra. O perigo estimulou-nos e continuou-se, depois de se perder algum tempo, no caminho em que se entrára em 1884; novas expedições se tentaram, alargou-se um pouco o districto de Manica, fundou-se o districto do Zumbo, mas já tarde. A Inglaterra intimou-nos brutalmente a parar. Não contamos o resto; a historia é recente e o coração ainda nos verte sangue. . .

Ahi está em breves traços a historia da Africa portugueza nos cincoenta e seis annos de regimen

constitucional. Preferiríeis um romance? Não o póde haver mais dilacerante do que este nosso romance colonial, este romance africano, truncado, abandonado, de que apenas foram escriptos alguns capitulos por uns poetas que se apaixonaram, por esse epico ideal. Que os corações patrioticos dos que me lêem pulsem com a narrativa do que fizemos e do que podíamos fazer, e que se apaixonem tambem por esse ideal resplandecente. Isso bastará para que resurjâmos. O que nos tem faltado é a boa vontade persistente dos governos, e o sincero enthusiasmo do povo.

Attonso Vargas

NUVEM DESFEITA

NUVEM DESFEITA

Nascera na provincia a Margarida.

Os paes eram dois lavradores obtusos mas honestos, creados na forte communicacão da terra, e envigorecidos no contacto saudavel da natureza. Quando lhes veio aquella pequenita, um anjo que surgia no seu lar sereno, como que a doiral-o com um raio de luz, pensaram em mandal-a educar para a capital se a pequena mostrasse tendencias. Nem um nem outro sabiam ler, e isso vexara-os algumas vezes ; além d'isso o sr. prior estava sempre a dizer que quem não mandava ensinar os filhos era indigno de ser christão porque o ensino — dizia — revelava a todos faculdades novas, e melhorava, e aperfeiçoava as existentes. Elle bem sabia que ás vezes as familias eram pobres e precisavam dos filhos em casa para vigiar os gados, para amanhar as terras, para a debulha, para a póda, para a colheita, n'uma palavra, para os trabalhos do campo ; mas isso chegava a ser abuso, tornava-se uma exploração ignobil das forças das creanças, e então, quando se era rico, não havia a minima desculpa ; por isso quem se eximisse ao cumprimento de tão séria obrigação

não devia ser bem visto da sociedade, como não era bem visto de Deus, que creára a luz para todos — rematava.

Ora o sr. prior gosava da maxima influencia na casa dos lavradores, que o respeitavam e que lhe pediam conselho.

E para lhe mostrarem que tencionavam fazer o que elle dizia pensavam em dar á filha, se ella vivesse e fosse esperta, uma educação esmerada.

O parcho tinha já sido consultado e confirmára, que faziam muito bem, que não podiam empregar melhor a sua fortuna, que até Nosso Senhor os abençoaria. E apoiava-os com toda a eloquencia — e citações de textos.

Logo pois que a creancita fez seis annos foi o proprio prior que lhe quiz ensinar a lêr, não lhe custava, era até uma distracção — affirmava. E começou.

Coisa notavel, a creança tinha uma intelligencia clara, fóra do vulgar, até, o que fizera dizer uma vez ao escrivão de fazenda, paraphraseando uma saída celebre, que a filha tinha saccado letras sobre a intelligencia dos paes, alludindo á estupidez d'estes.

Aprendeu, portanto, sem custo, e dentro em pouco lia já tão intelligivelmente, que o bom do parcho andava maravilhado e contava a todos aquelle prodigio.

— Homem — diziam-lhe, isso era bom aproveitar, mandem-n'a para a capital.

O Thomé da tenda, porém, assegurava que era tolice, que não fizessem tal; os que aconselhavam isso tinham minhocas na cabeça; depois a rapariga voltava para casa cheia de soberba, não queria ajudar a familia em certos trabalhos, quem sabe

se não viria mesmo a ter vergonha d'ella, se não lhe daria na tineta fugir, — o diacho...

— Oh! Thomé você é agoirento, exclamava o prior; logo havia de succeder isso tudo á filha do Luiz e da Joaquina! tão boa gente, tão temente a Deus!...

O Thomé, porém, não ficava vencido, contava historias, citava casos acontecidos para confirmar a sua opinião. Lembrava-se perfeitamente da filha do João da Encosta, que a senhora fidalga tinha trazido comsigo, até no trem, e a quem mandára educar *como a uma princeza*, que depois quasi sentia horror pela mãe porque não se dava á *estimação* e dizia *prove*. E qual fôra o resultado — perguntava com ar triumphante?

— Foi fiar-se nos carapetões d'esse patife do Lobo que para ahi viéra lá de Coimbra e que a obrigou a fugir de casa.

— Olhe, sr. prior, mulher caseira, e nada de finuras.

O padre ficava confuso, não sabia bem que responder, mas não queria dar-se por vencido; por isso insistia dizendo que era de má condição a que se tresmalhava, e não lá por ter aprendido.

Ella podia ser honesta; quando viesse, estabeleceria um collegio, e ensinaria a rapaziada do lugar, depois elle lá estava para aconselhal-a, se visse. A religião era uma grande arma contra esses males e elle tinha mesmo muita fé no coração da pequenota.

*
* *
*

Entretanto o prior já não tinha que ensinar á discipula e até um dia dissera a rir a Luiz, que lhe pedia informações da filha:

— Olhe, agora homem, só se fôr latim ou theologia, que o mais, a pequena sabe e bem. Ella lê, ella escreve, ella somma, ella até desenha, Luiz. E' o que lhe digo, até desenha.

E o bom pae, com um ar imbecil e espantado, ficava a olhar para o prior, agarrando-se-lhe por fim á sua mão polpuda e branca, beijando-a muito.

Havia de ir para Lisboa, dissera, ao menos não queria que lhe succedesse o mesmo que a elle, que já muita vez tinha sido illudido, por não saber ler nem escrever.

Logo que Margarida fez 14 annos, Luiz veio pois com ella á capital e metteu-a n'um collegio que lhe recommendára o escrivão de fazenda.

A despedida fôra triste; Margarida era muito meiga e gostava dos seus. Quando o pae se punha a fital-a, bondoso e enlevado, e o via algumas vezes limpar uma lagrima furtiva, corria a abraçal-o e ficava-lhe momentos suspensa do peçoço a olhal-o, a olhal-o muito.

Outras vezes Luiz pedia-lhe para ler, e ella então, com uma doçura captivante, vinha sentar-se-lhe ao pé e começava a lêr algumas historias que o escrivão ou o parochó lhe emprestavam.

— Como eu gostava de lêr assim, dizia o pobre pae, ao mesmo tempo envergonhado e orgulhoso da filha.

Margarida parava de lêr, ficava um momento pensativa, e uma occasião disse-lhe:

— Quer o pae aprender commigo? Eu bem conheço que não sei ensinar como o sr. padre prior me ensinou, mas se o pae quizesse...

E receosa de que elle se negasse, começou a dizer-lhe:

— Olhe é muito facil, veja: *isto* é um *a*, isto aqui é um *i*, aquella acolá um tanto maiorsinha, um *m*. E leu-lhe assim uma linha do livro que tinha aberto.

Por fim, Luiz decidiu-se a receber todas as noites uma lição de Margarida.

Coitado, o bom homem não se adiantava muito, mas ao fim de algum tempo conseguira lêr, embora de vagar, e assignava o nome. O parcho coadjuvava a filha nas lições, e até gostava de ver aquella applicação da pequena.

Por isso Margarida se entristeceu com a vinda para Lisboa. Não conhecia ninguem, ia para uma casa estranha, e só veria a mãe e o pae por occasião das ferias. Afinal para que? Perguntava.

— Para aprenderes e saberes muito, minha filha, dissera-lhe o pae.

— Quero que não tenhas vergonha das meninas Sás. E abraçava-a.

Margarida, porém, lembrava-se das bellas noites que passára na provincia, das caricias do pae, das observaões da mãe quando Luiz se enganava, o que a levava sempre a proferir a phrase sentenciosa: «burro velho não aprende linguas» — finalmente, evocava na sua pequenina imaginação todas as doces recordaões da sua infancia, e sentia pungil-a uma dôr minaz.

Quando o pae a deixou entregue aos cuidados de D. Leocadia, a directora do collegio, ficou a chorar por muito tempo, até que o somno a prosrou.

No primeiro dia em que fez a sua entrada na aula, aquelle pequeno mundo de raparigas travesas e falladoras, que a miravam segredando, cauou-lhe susto, e fez-se córada.

Fugiu para um canto, com medo, e foi preciso que a mestra a chamasse acarinhando-a, fazendo-lhe a apresentação de algumas da sua idade, e dizendo-lhe com um ar amigo :

— Que se risse, que brincasse, ninguem lhe fazia mal.

Margarida foi-se animando lentamente. Como era bonita e alem d'isso tinha no rosto uma meiguice communicativa e attrahente, as condiscipulas não implicaram. Depois, não ia precisamente ignorante. Sabia ler, sabia coser, sabia desenhar um pouco, e em contas era uma perfeição, esclarecera o escrivão de fazenda. Não fazia portanto má figura.

Um mez depois já lhe chamavam todas a Margarida bonita, e nem uma só lhe queria mal. Quanto a progressos fizera-os sensiveis, começando já a bordar e a aprender um pouco de francez, para que tinha uma grande quéda — especialisára o professor.

Margarida escrevia a miudo á familia, informando-a e dizendo que já estava mais contente, mas que se não esquecessem de mandal-a buscar nas ferias.

O pae não se esqueceu. Quando se approximou o Natal, veio elle mesmo buscal-a. Na aldeia fizeram-lhe muita festa, vinham vel-a de proposito, e todos concordavam — que estava muito bonita, a pequena.

O proprio Thomé ficára descorçoado pela sua-vidade das maneiras de Margarida.

— Muito boa rapariguinha, affiançára. Deus lhe dêsse a sorte que merecia e que não a estragassem lá na cidade.

Margarida quando regressou ao collegio vinha

feliz e alegre, e lançou-se com ardor ao estudo.

Em pouco tempo começára piano e já a mestra a classificava como das melhores discipulas, traduzia o seu trecho de francez, e para prova de adiantamento em bordado trabalhava n'umas chinellas para trazer á mãe, que deviam ficar primorosas, — prognosticavam. E ficaram, tirante o tamanho, que não estava em harmonia com as dimensões dos pés da Joaquina, uns bons pés largos e solidos de lavradora... Mas, nem por isso se inutilisaram; pozeram-se na sala, como exemplar comprovativo do adiantamento de Margarida...

E n'estas prendas amiudadas foram decorrendo os mezes, até que pelo consenso de todos se resolveu considerar terminada a educação da pequena, que voltou para casa.

*
* *
*

Tinha então dezeseite annos. Estava formosissima, alta, elegante e as côres sadias e vivas que lhe carminavam o sangue e lhe davam a principio o aspecto de uma bella provinciana robusta, haviam-se-lhe esbatido levemente, dando-lhe um tom fino e suave, de menina longamente formada na atmospherã tepida das cidades...

Não era porém uma doente, uma chlorotica ou uma anemica; simplesmente como que a pelle se lhe adelgaçára, opalisando-se sob a acção da luz temperada em que se desenvolvera...

No seu logar fez sensação, e aos domingos quando acompanhava a familia á missa, mais do que um rapaz casadouro a contemplava ancioso...

Ella, porém, não manifestava preferencias; dir-

se-hia que o seu coração estava longe e se deixaria prender na aza ligeira de algum sonho docemente acariciado em segredo...

No entanto, o irmão de um dos melhores amigos do Luiz, sentia-se cada vez mais apaixonado por ella.

Todas as manhãs o pobre rapaz fazia tres leguas a pé para vir vel-a á varanda em que ella costumava demorar-se um bocado, e era como se o proprio Deus lhe houvesse sorrído, quando ella amavelmente retribuia o seu comprimento...

Sincero e simples, o pobre namorado, um lavrador modesto, mas activo, via em Margarida o sol da sua existencia inteira... E como não sabia dissimular, uma tarde procurou o Luiz, e disse-lh'o francamente — que estava cada vez mais enfeitado pela filha e que se ella se agradasse d'elle e o pae levasse em gosto, desejaria casar.

O Luiz levava em gosto. Além d'isso via Margarida a aquecer todos os solteiros do sitio, teve medo e ambicionando quanto antes resolver uma cousa que afinal tinha de ser — dizia para si — assentiu, que sim, que por seu lado lhe agradava essa união, e prometeu convencer Margarida.

Não foi difficil o encargo. A filha convenceu-se depressa, e conveiu tambem que não era mau partido o Guilherme.

Bem no intimo não gostava muito d'elle, e talvez até lhe fosse indifferente, mas educada no principio de uma obediencia constante a todos os desejos do pae, e percebendo que era esse o que elle escolhera nem discutiu sequer.

Quando o Luiz dera a Guilherme a noticia do assentimento de Margarida o rapaz estarreceu, os olhos injectaram-se-lhe, e todo elle tremia e vi-

brava tão intensamente, que dir-se-hia que ia morrer de felicidade.

Durante dois dias quasi não comeu, e o velho prior, o mesmo que havia visto nascer Margarida, que a ajudára a formar e que ia agora casal-a, dizia sentenciosamente :

— Ora ahi está ! E prégam que só a desgraça póde matar ! Olhem-me para aquelle rapagão do Guilherme, quasi a passar d'esta para melhor só porque este palmosito de cara — e affagava o rosto de Margarida — resolveu não se fazer feia para elle, e lhe deu a entender que sim, que o apaixonado não lhe causava engulho !

— Vão lá perceber esta machina da vida ! Para ahi é que as minhas theologias me não sabem industrializar . . .

Entretanto, Margarida começava, independentemente do seu querer, e por um processo quasi alheio ao seu espirito, a analysar, a decompor a individualidade do noivo.

N'esse exame minucioso e impertinente, em que parecia deliciar-se dentro d'ella alguma força mysteriosa, ora imaginava que nunca poderia amal-o, ora se sentia invadir por uma doce onda de sympathy que a levava para elle, ora quasi lhe vinha do mais fundo do seu ser, dominando-a com uma tyrannia absorvente, uma instinctiva repulsão por esse homem que evidentemente não era de sua especie, nem tinha o *feitio* da sua alma . . .

Quantas vezes Guilherme, nos dois mezes que precederam o casamento, não surprehendeu nos olhos da sua noiva uma fixidez investigadora e estranha, procurando, como uma lança aguda, rasgar-lhe todos os recessos do coração !

Quantas vezes, mesmo, não era elle, o homem, o viril, o forte, que sentindo sobre si o peso d'aquelle olhar, tinha que baixar a cabeça e córar de envergonhado, e temer, sem saber de quê!

N'esses curtos e fugidios instantes, se se atrevesse a confessal-o, o que sentia por Margarida não era amor, era medo! Não esse medo insciente e estúpido que paraliza os musculos ou destrambelha os nervos, mas esse medo incoercivel e vago, especie de temor moral, que a certas organizações inspira ou uma intelligencia superior, ou um coração inabordavel ou uma individualidade singular!

Então vinha-lhe o presentimento rude de que em certas porções, em algumas *dobras*, da alma da sua noiva elle jamais lograria entrar...

Evidentemente ella era feita de uma outra materia, diversa da sua, e nunca de certo poderia amal-o, como elle a amava a ella!

Por seu lado Margarida, que ás vezes parecia ler a estranha tortura inexprimivel que se passava no cerebro do pobre Guilherme, e que então se deixava vencer pela ternura, pondo no olhar toda a bondade de que era capaz, tambem quasi se convencencia d'isso, e um momento houve em que por um mais revoltado impulso do seu sangue pensou resolutamente em dizer ao pae que tambem nunca poderia amar Guilherme, nunca.

Mas esse impulso esmoreceu após, e ella ficou-se a pensar que o Guilherme era ainda assim por ali, o mais bello, o mais intelligente e o mais digno homem a quem poderia entregar-se. E entregou-se.

Casaram pois. Foram felizes? Foram-n'ó em quanto durou a excitação alegre dos sentidos, em-

quanto ella encontrou sempre em volta de si a atmospherã estonteadora e tepida das caricias d'elle, emquanto elle sentiu na pelle o perfume capitoso e doce dos beijos d'ella...

Foi-o sobretudo elle, que se via na posse inteira e incontestada da sua estremecida mulher.

Alguns mezes volvidos, ainda lhe vinha á idéa a apprehensão incommodativa, e a instantes dolorosa quasi, sobre se essa posse seria realmente e absolutamente inteira e completa ; mas, simples e sincero, procurava elle proprio dissuadir-se d'isso, e concordava que sim, que era.

É verdade que já mais de uma vez se lhe afigurára denotar em Margarida um certo ar fastiento e contrariado quando por qualquer exigencia da sua vida de lavrador, contas, conferencias, praticas, cousas de lavoura, emfim, a obrigava a pôr de lado a leitura de livros em que ella parecia embevecer-se por completo, e lhe pedia que viesse coadjuval-o ; todavia, elle proprio se lamentava por ter de perturbar a mulher, e na sua simplesa ingenita achava até natural que Margarida preferisse as suas occupações ás d'elle.

O que, porém, o magoava devéras e lhe tol-dava o rosto de uma melancholia por vezes tão funda que nem lograva disfarçal-a a estranhos, era ver que em geral quando lhe perguntava o que estava lendo : — se era alguma historia bonita, ella de ordinario respondia-lhe com um ar de creatura incomprehendida :

— Coisas que tu não entendes.

E quando o Guilherme insistia em conhecer a razão porque não entenderia essas coisas, Margarida retorquia-lhe um pouco enfadada em geral :

— Que não se tratava de sementeiras nem de adu-

bos e por isso o não podia interessar o assumpto.

E não havia modo de a fazer dizer mais.

Por isso Guilherme já quasi lhe nem perguntava o que lia e só quando de todo não podia por si só resolver ou tratar os negocios é que recorria á mulher, receioso sempre de que ella o ficasse amando menos...

Insensivelmente foi-se convencendo que Margarida era em verdade uma pessoa diversa d'elle, d'outra raça e d'outros ares, comquanto lhe houvesse conhecido muito bem os paes e os avós, e sinceramente se capacitava que ainda muito favor lhe fizera ella em o acceitar por marido.

Nas suas horas de desalento, que tambem começava a tel-as, quasi se arrependia de ter casado, e muito baixinho, com medo parece de ser ouvido por si proprio, perguntava se não haveria sido mais feliz, tomando por mulher uma guapa camponeza do seu logar, ignorante como elle, mas a mais linda cara que a rosa do sol cobria quatro leguas em redor, e que não tinha nenhuma das exquisitices que pelos modos era costume só das raparigas da cidade, ou que cá vinham a aprender...

Comtudo, ao mesmo tempo sentia-se orgulhoso e feliz, em se vêr esposo de uma linda mulher, instruida e fina, que *não se parecia com as mais*, que a elle proprio lhe fizera crear habitos e instinctos novos, que tinha o seu casal, como um brinco, que fallava com o sr. prior e com a senhora do *doutor medico*, que era um gosto ouvil-a, que mostrava uma bondade attrahente para todos, e que emfim mesmo para elle, apesar do seu ar protector que ás vezes o chocava, se fazia tão condescendente e tão meiga...

Porque, porém, não o era sempre? Eis o que Guilherme forcejava por explicar a si proprio, sem atinar com a explicação.

*

* * *

No entretanto, Margarida, que passados com effeito os primeiros mezes reconhecia, desilludida, que Guilherme não era com certeza o marido que idealisára nem respondia, como tanto pedira, até nas suas rezas, aos sonhos incoherentes dos seus dezeseis annos, sentíra por um momento, um duro e desanimador momento, esboroar-se o edificio da sua chimera, e viu-se ao lado de um homem que se não lhe parecia mau, e não era grosseiro, não podia comprehender todas as finezas do seu espirito, todas as modulações da sua alma...

Teria sido o minuto perigoso e fatal para ella, se algum escarninho Fausto, adivinhando a crise, começasse desferindo-lhe ao ouvido a sua eterna canção dolente — e dolosa.

Por felicidade, por ali não havia Faustos que prestassem.

O unico acceitavel seria o medico, um bello typo moreno de alemtejano, cujos olhos onde uns laivos de ascendencia arabe tinham posto um intenso brilho, faiscavam de alegria e de saude, mas que, casado tambem havia pouco, e perdida-mente enamorado da esposa, nem sequer attentava no rosto de Margarida.

De fórma que d'essa crise a salvou a inopia das pessoas e a conformidade das cousas.

Depois, passado esse minuto mau, e para tantas mulheres fatidico e decisivo, a sólida educação moral que em casa havia recebido, a sereni-

dade saudavel do sangue de todos os seus, o providencial destino que a trouxera para uma casa de Lisboa, onde o internato não era esse cancro infeccioso que em tantos pontos alastra e tão contagioso tem sido, e que por isso a conservára incolume e refractaria á preversão do convívio, a vida habitualmente tranquillada da sua casa e da sua familia, e até, felicidade suprema, a natureza das leituras a que se affizera, narrativas de viagens, livros sobre as sciencias e especialmente sobre astronomia, salutar conselho de uma velha mestra allemã com quem convivera muito no seu ultimo anno de collegio, tudo isso e até o respeito por Guilherme e pelo seu bom nome, conseguiu salvar-a de si mesma, emquanto a natureza se encarregava igualmente de a salvar, iniciando-a n'uma existencia nova, preparando-a para ser mãe.

E então o velho prior, que com a paciencia de um naturalista andára estudando aquelle casal que elle proprio tambem ajudára a formar, sem nunca ter revelado a ninguem o que observára e para que observára, entendeu chegado o momento de intervir, mas com a doçura évangelica de um amigo que era quasi um pae. E foi a Guilherme que se dirigiu primeiro.

Quando este uma tarde seguia cabisbaixo e meditabundo na direcção de uma fazenda, o padre interpoz-se-lhe no caminho e atalhou: — Ora ainda bem que te vejo, Guilherme. Tenho alguma cousa de serio que te dizer. Estás hoje disposto a ouvir-me rabujar?

— Ora essa, senhor prior, bem sabe que é só mandar.

Pois seja, mas não é de mandar que se trata

ou pelo menos não é a mim que eu pretendo que obedeças.

E lentamente foi-o levando para debaixo de um parreiral.

Ahi sentaram-se os dois e o velho começou uma longa palestra sobre o que Guilherme devia fazer em presença do novo estado da *sua Margarida*.

Deu-lhe indicações medicas, alvitres hygienicos, conselhos de padre um pouco medico e de medico que parecia pae, citou-lhe de tudo um pouco, velhos alfarrabios e novas theorias, e teve até a subtil arte de, sendo elle conhecido no lugar e nos arredores por não dizer quatro phrases que não fizesse uma citação do Evangelho, quasi o não citar, com medo de que Guilherme não fosse confundir o que lhe estivera dizendo, com um sermão que prompto esquece.

Ao terminar, e pondo-lhe a mão no hombro, gritou-lhe, como bordão para o caminho:

— Olha que *aquillo* que lá tens em casa é ouro em pó, mas o que precisas é não o deixar marear, entendeste?

Guilherme confirmou que entendera, e elle que havia dias andava alvoroçado com a novidade, tão funda impressão sentiu com as palavras d'aquelle velho amigo de casa, que de então por diante redobrou de cuidados, de attenções e de carinhos para Margarida.

A esta o seu antigo professor e amigo disse apenas que fizesse um sacrificiosinho ao Destino, e que mostrasse não desconhecer a adoração que o seu Guilherme lhe tinha, porque lh'a merecia, e nem insistiu mais.

Para si reflectiu, com a tranquillidade ingenua de um bom, que tinha evitado uma possivel des-

graça, e que o resto agora seria obra de ambos.
E foi.

Margarida começou a descobrir qualidades, meritos, virtudes novas em Guilherme, e todo um lado da individualidade aliás tão simples e tão clara do marido lhe apparecia pela primeira vez, como um filão novo que até alli houvesse estado envolvido em ganga.

Achou-lhe delicadezas de sentimento em que não havia reparado, generosidades de coração sobre que inscientemente passára, e sobretudo o que acabou de a conquistar para o amor inteiro do marido foi o havel-o surprehendido mais de uma noite, quando elle a julgava dormindo, a olhal-a com uma ternura effusiva e quente, e a envolvel-a toda n'uma illimitada onda de amor e de bondade, mas um amor e uma bondade que tinham alguma cousa de extra-terreno e de immaculado.

Desde então Margarida comprehendeu que esse rapaz que ingenuamente a amava, que vivamente confessava a sua pequenez defronte d'ella, que era em verdade um ignorante com quem ella não poderia conversar senão sobre determinados pontos e a quem a sua vida de espirito não lograria interessar, tinha aos seus olhos e ao seu coração uma qualidade superior a tudo isso, bens fugaces que todos podem possuir, — tinha uma bondade infinita, immensa, e um amor inalteravel e inexcedivel, e tudo isso elle lhe offerencia incondicionalmente, com enternecimento, com gratidão até, por um simples olhar, por uma pequena palavra que d'ella viesse.

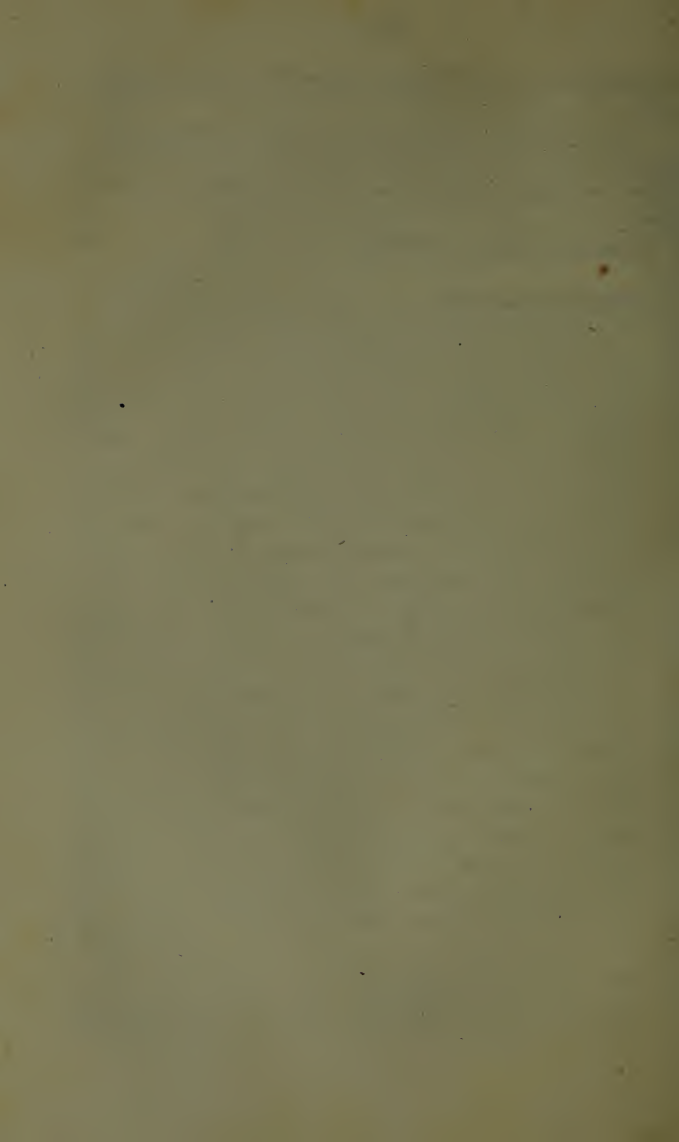
Isso a salvou, e a esclareceu, fazendo de vez nascer no seu lar, sem intermittencias e sem esmorecimentos, a divina luz fecundante e imma-

culada da eterna felicidade entre duas almas, que afinal se comprehendem e se combinam.

Quando mezes depois uma creança nascia n'esse casal, podia bem dizer-se então que ella era já filha de uma mesma carne e de um mesmo coração...

A nuvem estava desfeita.

Setembro de 1890.



Raphael d'Almeida

A MINHA TERRA

A MINHA TERRA

Das nove ilhas de que se compõe o archipelago açoriano, destaca-se a de S. Miguel, pela sua grandeza, importancia commercial, grande porto d'abrigo, amenidade de clima e formosos e ricos jardins que possue.

É dos Açores a perola.

Descoberta em 8 de maio de 1444, tem progredido muito a ponto de ser hoje considerada como a terceira cidade do reino de Portugal.

E' mais comprida de que larga, razão porque á cidade denominaram de Ponta Delgada.

O chamar-se S. Miguel, foi por ter sido descoberta no dia em que a egreja festeja o archanjo S. Miguel, segundo affirmam historiadores cujas obras tenho á vista.

As Furnas, e o logar das Sete Cidades são sitios encantadores, muito concorridos de verão, especialmente as Furnas, pela variedade e abundancia de aguas medicinaes que brotam de varias nascentes.

*

* *

O descobridor da ilha de S. Miguel, foi um negro escravo, da ilha de Santa Maria, a primeira dos Açores descoberta em 1432, que tendo fu-

gido ao seu senhor subiu em procura de refugio á mais alta serra, d'onde avistou a nova ilha, indo em seguida participar ao amo a descoberta em troca do perdão.

D'ahi resultou, ser encarregado Gonçalo Velho Cabral de se certificar da descoberta feita pelo negro.

Em 8 de maio de 1444, dia da aparição do archanjo S. Miguel, Gonçalo Velho Cabral, acompanhado da sua gente, saltava n'um sitio que depois chamaram «Povoação» e hoje é Villa do mesmo nome.

Os companheiros do descobridor apanharam pombos, ramos, etc. para presentear o principe regente, o qual ao ter conhecimento da descoberta, nomeou o dito Gonçalo Velho Cabral, descobridor e capitão donatario d'esta ilha como já o era da de Santa Maria.

Alguns historiadores açorianos referindo-se á descoberta de S. Miguel, dizem que na dita «Povoação» ficaram uns individuos naturaes d'Africa, que contaram, terem sentido muitos terramotes e bramidos. Casualmente andando mais para o interior da terra, encontraram um homem, o qual confessou ter vindo de Santa Maria, fugido com um seu amigo e a mulher d'este, com quem tinha amisade, e fugindo á justa punição, se tinham refugiado para esta ilha, e que elle então para ficar com a mulher matára o marido.

A dar-se credito a este facto, foram pois estes os primeiros descobridores da ilha de S. Miguel. Ouvindo isto, o que era considerado como superior, ordenou que se lhe applicasse o castigo que n'essa epoca se dava em Portugal, sendo em vista de tal enforcado.

Os descobridores voltaram depois em 29 de se-

tembro de 1445, com varios colonos portuguezes, fundando uma nova povoação.

*
* *

Dada a erupções vulcanicas e terremótos, em diversas epocas tem soffrido enormes e consideraveis prejuizos a ilha de S. Miguel.

Ha annos a esta parte a sua principal riqueza eram a laranja, os ananazes, e os cereaes; hoje os ananazes, a batata doce e ainda os cereaes — trigo, milho e fava, mas isto em pequena escala.

Uma doença terrivel nos laranjaes inutilisou milhares de plantas, arruinando grande numero de familias.

E' triste confessal-o.

A ilha de S. Miguel, na occasião em que escrevo estas linhas, atravessa uma crise medonha, horrorosa talvez!

Os trabalhadores do campo expatriam-se levando comsigo as familias para as terras de Santa Cruz, e ilhas de Sandwich; o agricultor que traz de renda as terras que cultiva, está empenhado devéras com o senhorio, e não sabe como sahir da situação precaria e desesperada em que se vê.

Na crise por que estão passando as ilhas dos Açores, ha muita culpa, muita negligencia, porém, a minha missão n'este momento não é a de indicar os culpados, nem de discriminar as causas.

O tempo encarregar-se-ha de o fazer.

*
* *

Os michaelenses são, como todos os açorianos, (bem como todos os portuguezes), essencialmente

trabalhadores e hospitaleiros, intelligentes e activos.

Tempera rija e ambicionando independencia.

No trabalho quotidiano buscam-n'a com persistencia assombrosa.

Olhemos para os camponeses, a classe mais importante de todo o povo açoriano.

Entremos nos seus casebres, visitemos os seus campos e veremos quanto valem, quão uteis são a si e aos seus semelhantes.

Mouream com o sachó (enxada) na mão, de cabeça baixa, desde o nascer do sol até que elle se esconde de todo, recebendo em troca por esse trabalho violento e fatigante, diariamente, uma pequena medida de milho, equivalente a oito vintens !

Fóra da cidade os jornaleiros recebem em milho a paga dos seus trabalhos, porque o milho na ilha de S. Miguel, como nas demais dos Açores, equivale a moeda corrente.

Nas povoações afastadas dos centros os vendedores têm uma grande caixa de madeira, onde recebem o milho, dando em troca os generos comprados, como : sal, sabão, tabaco, peixe salgado, etc., unicos generos de maior consumo. Depois, quando a caixa está cheia, isto é, quando comporta cinco a seis saccos de milho, (30 a 40 alqueires) põe-se a caminho da cidade o vendeiro.

Na cidade encontra então, comprador a dinheiro, o milho.

A vida do campo, nos Açores, é poetica e originalissima. Casebres de pedras nuas, cobertos com palha de trigo, (vendo-se em alguns largas fendas), e tendo unicamente duas ou tres divisões internas, feitas com esteiras de cannas ; compõe-se

o solar das familias pobres. Uma porta e um pequeno postigo para um pateo é a apparencia exterior da habitação.

O pateo é indispensavel para a vivenda do suino ou gallinhas que sustentam. Os suinos tornam-se necessarios porque a panella é temperada com banha de porco.

Na ilha de S. Miguel não se aduba as comidas com azeite. As oliveiras vegetam nos Açores, mas não dão fructo. De sorte que o camponez sustenta todos os annos nm porco para ter o adubo para os seus alimentos.

O chão dos casebres, tristes palhoças, é terreo.

Em dias de festa passa a ser juncado de ramos de pinheiro.

A mobilia que os guarnece é bem simples.

Dois ou tres bancos de madeira, uma cama de pau, uma mesa tosca, uma caixa, e um moinho de pedra, o movel mais preciso na casa do pobre.

Achará o leitor, que não fôr açoriano, extraordinario o movel moinho.

Pois não o é.

O moinho de pedra é onde a mulher ou as filhas do camponez açoriano, reduzem a farinha o milho para alimentação da familia.

Quasi sempre este processo é feito ao rasgar da manhã.

Muitas vezes ouvi, ao dirigir-me de madrugada para a caça, em povoações a oito kilometros da cidade de Ponta Delgada, misturado com as deliciosas cantorias das avesinhas, que saudavam o nascer da aurora, o rodar pesado das pedras dos moinhos, despedaçando o milho, algumas vezes, cadenciado pelo cantar popular e alegre das robustas raparigas que com as suas mãos callosas as moviam.

Uma orchestra divina, que se não descreve, mas que se sente, e que nos arrebata, porque a confusão e variedade de cantos e silvos, juntos aos trabalhos matutinos d'aquelle povo, enebria e não tem rival.

*

* *

A alimentação d'esta abençoada gente, consiste, invariavelmente, em pão ou bolo de milho, uma pimenta ou peixe salgado, (sardinha, chixarro ou bonito) ao almoço e jantar ; e á noite, a ceia, consta de um caldo quente de couves, unicamente temperado com banha e pimenta.

Em dias de festa, incluindo as do Divino Espirito Santo, festas tradicionaes e popularissimas nos Açôres, apparece então nas mezas uns bocados de vitella e algumas gottas de vinho. Isto, uma ou duas vezes no anno !

E vivem felizes, sadios, sem ambições e sempre lutando pela existencia e sempre trabalhando com obediencia.

O domingo destinam elles ás suas reuniões, isto depois da missa conventual na egreja da aldeia. Alguns ha, que habitando longe da egreja vêem em ranchos a pé, e com suas familias, percorrendo alguns kilometros, cumprir com o preceito catholico.

Imponente a manifestação santa da crença !

Discutem no adro da egreja assumptos agricolas, e os remediados tratam de questões particulares, demandas por passagens de terrenos, heranças, etc., ouvindo-se sempre com attenção as palavras dos velhos.

Ha uma povoação na ilha de S. Miguel, chamada Bretanha, onde as demandas teem vulto, e são amiudadas.

Depois do jantar, os mais novos, procuram a sombra dos valles ou grotas e ali inauguram o jogo do *bilro* (chinquilho) ou de cartas — *bisca ou pedida*.

No dia seguinte lá estão de novo no seu labôr constante, risonhos, contemplando a natureza e fazendo calculos sobre a producção do anno.

* * *

Por occasião das festas ao Divino Espirito Santo, enfeita-se o theatro, (uns palanques de madeira e alguns de pedra com emblemas do Espirito Santo) e em diversas casas, dos mais remediados, realisam-se bailaricos.

N'estes bailaricos cantam-se e tocam-se as seguintes modas ; algumas d'ellas lindissimas :

Aurora :

«Auroras, meu bem auroras,
Auroras por isso digo
Claro sol, divina neve
Lindos amores tive contigo».

Pésinho :

«Deita aqui o teu pésinho,
Aqui ao pé do meu,
Q'ó tirar do teu pésinho,
Cada qual fica com o seu».

Chamarrita :

«Anda, anda chamarrita
Da sala para a varanda,
Faze esmolos por tua alma,
Que teu corpo perdido anda».

Trelico (ou Praia) :

«Trelico bate, bate,
 Trelico já bateu,
 Quem gosta de mim é ella
 Quem gosta d'ella sou eu».

Murcianna :

«Murcianna, Murcianna,
 Murcianna, Murcianninha,
 Ninguem t'hade pôr a mão,
 Sabendo que tu q'és minha».

Fado :

«Fado e mais fadinho,
 Foi ao mar n'uma brodola,
 Faltou-me o gaz, fui cahir
 A dentro d'uma caçarola».

Canninha verde :

«O' minha canninha verde,
 Canna verde d'encantar,
 Ainda que tu me fujas
 Sempre, sempre t'heide amar».

Preta :

«Arrenega da preta
 Que vem d'amarello,
 Cachimbo na boca,
 Chinello no pé».

Escusado será dizer que estes bailaricos são concorridissimos e representam para as familias do povo um successo.

N'estes bailaricos fazem-se e desfazem-se casa-

mentos, e ha annos a esta parte, provocam-se desordens, algumas das quaes com serias consequencias.

No emtanto a originalidade e a poesia popular caracterisam estas festas do povo michaelense, que d'anno a anno, tem um dia para a folga, e tornam-as appeteciveis e desejadas pela mocidade aldeã, cheia de vida e de esperanças.

Setembro 1890.

JOÃO DE MENDONÇA

A FONTE DA PREGUIÇA

E A NOGUEIRA DA MISERIA

(LENDAS DO MINHO)

A FONTE DA PREGUIÇA

E A NOGUEIRA DA MISERIA

(LENDAS DO MINHO)

I

Era uma tarde esplendida de setembro.

O sol apenas declinava para o horisonte e illuminava ainda vivissimamente os formosissimos campos de Vizella, povoação tão pittorescamente situada entre as serras de S. Bento e de S. João das Barrocas.

Eu e o meu amigo José Prado, que é um abastado proprietario d'aquelles sitios, iamos de passeio pela estrada, que encaminha a Penafiel

Tinhamos deixado á esquerda os afamados banhos do *Mourisco* e, avistando mais abaixo o umbroso e ameno sitio da *Cascalheira*, onde o Rio Vizella se espraia sob denso arvoredado, tornejámos pela vereda da *Cruz perdida* e embrenhámo-nos atravez campos e pinhaes, em sombrias azinhagas até aos logares de *Barreira e Portelladinha*.

Ali corre, por entre pedras passadeiras, um regato, que dimana mansamente formando meandros e banhando pés de *myosotis* em flôr.

Trepámos uma escabrosa encosta, calçada de grossos calhaus e ensombrada de corpulentas e copadas carvalheiras, onde as vides se enroscavam em phantasiosas volutas, suspendendo, por entre

pampanos vicejantes, bellos cachos amadurecidos.

De uma pequena mina escavada na montanha, cae, em tanque de pedra, cujos labores, que os seculos em parte respeitaram, attestam a arte primorosa de outras eras, em que aquelles logares seriam mais frequentados, — uma veia de agua crystallina. D'ali a nitida lympha, transborda e vae alimentar duas represas, que ladeiam o caminho.

O murmurio das aguas allia-se agradavelmente ao cicio das folhagens por onde perpassa a viração, ao chilrear das aves e á toada triste, que os carros fazem ouvir ao passar nos caminhos. Essa harmonia é cortada pelos cantares plangentes, tão peculiares ao Minho, das mulheres, que andam nos trabalhos da lavoura.

— Tem um nome bem singular, disse-me José Prado, esta fonte. Chamam-lhe a *fonte da preguiça*.

— A amenidade do sitio, disse-lhe eu, a tranquillidade, que parece reflectir-se d'estas amenissimas paragens no espirito de quem as contempla, fel-a assim denominar.

— E' possivel, tornou o Prado, mas isso não obsta que haja uma historia, lenda ou quer que seja, que explica esse nome, e a qual tambem se refere áquella vetusta nogueira, chamada a *nogueira da Miseria*, e ao celeste mensageiro S. Miguel, cuja imagem se venera em Villarinho, na antiquissima egreja, que nós vamos visitar.

Antes de continuarmos, demorámo-nos alguns momentos n'aquelle logar de belleza, devéras fascinante.

Os *aspleniuns* e *trichomanes*, fetos de folhagem finamente recortada, ornavam os muros e rochedos ensombrados d'aquella encosta. Em volta os car-

valhos cerquinhos e molares agrupavam-se pittorescamente, apresentando nos troncos carcomidos a *sticta pulmonacea*, esse interessante lichen, cujo nome provem da sua semelhança com os pulmões humanos. Outros lichens, como a *parmelia caperata*, de côr verde esmeralda e a *parmelia aureolata*, guarneceida nas suas margens, como de um cordão de ouro, vestiam aquelles troncos e davam gracioso contraste com as manchas esbranquiçadas, semeadas de traços, que parecem caracteres arabes ou semelham cartas geographicas, dos *opegraphas* e *graphis*, e os pontos pretos em grandes espaços brancos da *verrucaria nitida*, emergindo de entre tufos d'esse musgo verde amarellado, que semelha seda, e que tão justamente foi denominado *Leskea sericea*. O matto, matizado das flôres amarellas das giestas, das flôres em cacho roseas, violetas, azues e purpurinas das urzes, e das flôres alvissimas e mimosas do *leucogium automnale* e bagas vermelhas dos azevinhos, era riquissimo de tons de colorido e rescendia de um perfume balsamico, acre, mas agradavel.

Continuámos a subir a Serra de S. João, passando por Sestaes e S. Paulo. Deixando á esquerda um formosissimo bosque de carvalhos, e subindo ao topo, deparou-se-nos um esplendidissimo panorama.

— Olha, disse José Prado, ali tens n'este valle bellissimo as quintas do Bairro e de Quintãs.

Na vertente opposta a esta, ficam as quintas da Agrella e do Paço, e, como fechando esta enorme bacia, estão os montes em que alvejam a capella de S. Bento e mais além a do Senhor Jesus dos Perdidos!

Ora seguiamos os caminhos de carro, ora percor-

riamos o estreito atalho, fechado por vezes por altos pedregulhos, mas dispostos em fôrma de escada, tornando-se por isso de facil accesso. São esses os *Cancellos de cão*, tão frequentes nos caminhos que atravessam campos de milho, hortas e vinhedos, e por onde passam povos, que vêm de grandes distancias á egreja, nos dias de festa e santificados, e por isso a essas veredas lhes chamam *caminhos de missa*. Foi por um d'esses caminhos, que nos dirigimos ao antigo convento de S. Miguel de Villarinho. D'elle o que resta é bem pouco. Resta a egreja, accusando nas paredes e n'alguns restos de ornato architectonico, o que foi ha seculos.

Na parte superior do adro acha-se construida uma excellente vivenda de casas. Na egreja ha alguns retabulos de boa talha dourada, retocada de pintura. No altar-mór, n'um quadro mal pintado, vê-se a imagem de S. Miguel, tendo o diabo aos pés. O santo, no modo como o pintor o vestiu, parece um figurino de anjo de lôas.

No claustro, transformado em pardieiro, vimos uma porta murada, onde n'um arco de volta abastida ha uma inscripção com a era de 1417, mas que não nos foi possivel decifrar. Na soleira da porta lateral da egreja ha outra inscripção mutilada com o anno de 1611.

Foi o cura, homem illustrado e amavel, que nos mostrou a egreja. Com o rosto sorridente, exprimindo bondade, convidou-nos para a ceia. A pedido de José Prado mandou chamar o velho sacristão, que era um narrador consummado, para que nos contasse as lendas, que eu vou narrar, tendo-as colhido agora nas minhas reminiscencias e recordações.

Ainda era dia, quando nos sentámos á meza. No Minho janta-se ao meio dia e ceia-se ao pôr do sol. Por isso é muito para vêr-se, ao recolher dos trabalhos do campo, como se exhala o fumo dos telhados de telha vã, da cozinha terrea, que tambem serve de lareira, e que emergem de entre a espessura viridente.

A ceia foi alegre. Na lareira crepitava o fogo, esse bom fogo cujas faúlhas e centelhas tanto alegam. As virtualhas tinham sido regadas com um excellente vinho verde, e para o final da refeição o excellente cura offerecera-nos um bello transmontano com vinte annos de casa. Alguns d'esses copos deram aos nossos organismos esse bem-estar alegre e satisfeito, que sentimos depois de uma boa refeição. Invadia-nos uma agradavel lassidão. Estavamos no momento psychico dos contos e narrações, e aspirando o fumo dos charutos prestámos os ouvidos. O velho começára a sua narrativa.

II

Em tempos remotissimos estas regiões abundavam de tudo, que é necessario ao goso da vida.

Homens e mulheres, velhos e creanças passavam parte do dia deitados á sombra das arvores, ou, no inverno, aconchegados á lareira. A terra, pujantissima de força productiva, alimentava de tal modo as plantas, que a semente lançada no solo dava 300 grãos por cada um, quasi sem amanho.

Todos, mais ou menos abastados, olhavam ao bem presente e descuravam do futuro.

Alguns poucos dos que compunham o conselho dos anciãos, o qual se reunia junto á fonte, que da preguiçosa incuria d'essa assembléa tomou o

nome, — tinham chamado em vão os seus concidadãos aos seus deveres, mostrando-lhes que a inercia, ou, mais propriamente, a *preguiça*, quando invade uma população, definha-a, esterilisa-a e mata-a, tendo-a antes prostrado sob o desprezo das outras populações, que não renegaram os seus direitos, antes os affirmaram pelos seus esforços e tornaram evidente a sua vida activa.

Mas quasi todos tinham o pão na arca, o celeiro e a adega bem providos, e por isso não lhes calava no espirito essas exhortações, que tomavam, como dictadas por espiritos sob a influencia do mau humor que lhes causava o bem-estar e a felicidade alheia. O povo chamava-lhes loucos e prophetas de desgraça.

Mais acima d'essa celebre fonte havia uma miseravel choupana, coberta de telha vã e colmo, onde vivia uma pobre mulher de nome Miseria.

Era mais velha que Mathusalem, ou, talvez, tão velha como a humanidade.

A sua unica companhia era um cão magro e faminto, mas extremamente dedicado á sua dona.

N'um pequeno cerrado, pertencente á Miseria, havia uma nogueira, que lhe dava saborosissimos *nogões*. O unico prazer da pobre velha, ella, que quasi todo o anno roía n'alguns pedaços de brôa durissima, era comer os fructos da sua nogueira. Eram-lhe condimento ao amargo pão esmolado.

Mas os garotos, implacaveis, roubavam-lhe em grande parte essa consolação, mais por divertimento maldoso, que por necessidade.

Todos os dias, Miseria, encostada a um bordão ia esmolar, acompanhada de seu cão *Fiel*.

Batia a todas as portas, mas nem todas se abriam para lhe dar esmola.

Os mais ricos repelliam-lhe as supplicas e cobriam-n'a de doestos. A abastança, em que viviam, desenvolvera-lhes em alto grau o egoismo, e tambem a preguiça lhes embotára todos os sentimentos bons. Na sua criminosa indiferença, pelo soffrimento alheio, censuravam a auctoridade, que permittia á Miseria, coberta de andrajos, que publicamente implorasse a caridade.

Era dos menos protegidos da fortuna, que a misera colhia algumas mealhas. Ainda assim, a sacola nunca se lhe encheu a mais de metade.

No outomno o peditorio era-lhe mais penivel, pois ia desacompanhada de *Fiel*, que ficava de guarda aos fructos da nogueira. Amavam-se tanto, que esse apartamento era dolorosissimo para ambos, que choravam lagrimas de amarga saudade.

III

Houve um inverno extremamente rigoroso, em que a terra se cobriu de extensa mortalha de gelo.

Em noite caliginosa, em que o vento soprava tempestuoso e avergava as mais corpulentas arvores, os raios coruscavam na atmospherá, como largas fitas de fogo, e a chuva caía a jorros.

Miseria, mal agasalhada nos seus andrajos e aconchegada a *Fiel*, despertou pelo ruido, que alguem fazia batendo-lhe á porta.

Sempre que alguem se aproximava d'aquelle pobre tegurio, *Fiel* ladrava com furor. D'esta vez, porém, latiu alegremente e começou a mover a cauda como que a festejar a boa vinda.

— Por amôr de Deus, gemeu uma voz dôlorida, dae pousada a um pobre homem, que morre de frio e de fome.

— Levantae o bedelho e entrae !

Ninguem poderá dizer, que recusei abrigo a uma creatura de Deus !

Entrou o forasteiro. Profundas rugas lhe sulcavam o rosto. No aspecto mostrava ser ainda mais velho que Miseria. Cobria-o apenas uma velha sotaina esfarrapada.

— Assentae-vos, bom homem, disse-lhe Miseria.

O pouco que tenho, vol-o offereço de todo o coração !

E Miseria lançou na lareira a sua ultima acha de lenha, e deu ao velho uns pedaços de brôa de milho e centeio e algumas nozes, que lhe restavam.

O velho aqueceu-se ao fogo, e comeu com appetite. Fiel deitára-se-lhe aos pés e acariciava-lh'os.

Quando o hospede acabou a frugal refeição, Miseria envolveu-o n'um cobertor de serapilheira e fel-o deitar na sua enxerga, emquanto ella se deitava no chão, encostando a cabeça a uma velha arca, para dormir.

No dia seguinte, Miseria despertou cedo, e, como nada mais tivesse que dar ao hospede, lembrou-se de ir esmolar. Chegou-se á porta, abriu-a e viu que a tempestade serenára. Voltou-se para agarrar no bordão e viu de pé o hospede.

— Infeliz Miseria, conheço o teu bondoso intento, disse-lhe elle. É finda, porém, a minha missão.

— Quem és tu ? exclamou Miseria.

A estas palavras o velho transfigurou-se n'um formoso mancebo de rosto radiante.

— Sou o archanjo Miguel, tornou elle. Por mandado divino vim a estes sitios experimentar a caridade dos homens. Bati á porta dos opulentos e felizes do mundo e todos elles me repelliram. Foste tu, pobre velha, a unica pessoa, que me recolheu

e agasalhou, soffrendo na tua miseria pelo bem do proximo. Vaes ser recompensada.

Miseria, que ajoelhára, pondo as mãos, disse :

— Formoso archanjo, eu nada vos peço. Vivo feliz na minha pobreza e não faço a caridade por interesse.

— Bem sei, tornou o santo. Tu pagas com bênçãos e votos de felicidade as parcas migalhas que te dão, e perdoas aos que te maltratam e escarnecem.

Tu eras tão desgraçada como eu, e fostes tu que tiveste compaixão da minha desgraça. Deus quer recompensar-te. Formúla um desejo e serás satisfeita.

— Poderoso santo, nada vos peço porque nada desejo.

— Nada tens e nada queres ? Fala !

Miseria continuava calada.

— Queres ser abbadessa de Santa Clara de Coimbra ? Queres ser a senhora directa dos censos de todas estas terras ? Queres ser joven, bella e rica ? Desejas honras e riquezas ?

A todas essas offertas Miseria abanava a cabeça.

— Não me recuses o prazer de te recompensar ou julgarei que o fazes por orgulho.

— Já que assim m'ordenaes, divino archanjo, vou fazer um pedido. Tenho no meu cerrado uma robusta nogueira, que me dá saborosas nozes. Os garotos d'estes contornos costumam virer roubal-as e eu, uma parte do anno, tenho de deixar Fiel guardando-as.

Fico separada do meu pobre cão dias inteiros, em quanto faço o peditorio: Isto é doloroso para ambos. Fazei, poderoso santo, que todo aquelle,

que trepar á minha nogueira, não possa descer sem o meu consentimento.

— Assim seja, disse o santo, sorrindo-se da ingenuidade da pobre Miseria. Bemaventurados os simples e os pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos Céos!

E abrindo as azas librou-se aos espaços infinitos, abençoando Miseria, que glorificava Deus no seu archanjo.

IV

Havia passado o mau tempo. A protecção do santo era evidente. Miseria, quando recolhia do peditorio, vinha sempre com a saccola bem fornecida.

Quanto aos garotos, que lhe roubavam as nozes, presos uma vez na arvore, Miseria ali os deixou algum tempo, e quando os soltou tal medo tiveram, que nunca mais voltaram. Os proprios aldeões afastavam-se receiosos da arvore e tratavam melhor Miseria, pois que a julgavam possuir poderes sobrenaturaes. Na maioria dos casos é o medo, que impede o homem de ser máo. Por isso, tanto Miseria como Fiel, viviam n'essa tranquillidade bemaventurança, longe do bulicio do mundo, que é a verdadeira felicidade.

Era pelo outomno. Miseria contemplava as arvores já quasi despidas das suas folhagens, e os pampanos, que tomavam essa côr avermelhada, prenuncio da sua queda, quando uma voz lugubre chamou por ella trez vezes :

— Miseria! Miseria! Miseria! Dizia a voz.

Fiel começou a uivar, como se augurasse morte de pessoa.

Era um homem magro e esguio, velho e cada-

verico, com uma comprida foice na mão, que assim chamava. Era a Morte.

— Que queres de mim, homem de Deus?

— Venho cumprir a minha tarefa. Chegou a tua hora.

— Pois já?

— Admiras-te? Que te importa a vida, tu que és pobre e velha e enferma?

— Quanto a pobre, contestou Miséria, tenho pão na arca e lenha na lareira. Velha ainda não o sou porque vou fazer pelo Natal cento e trinta annos, e com respeito a ser enferma sou tão forte como tu.

— O teu logar é entre os bemaventurados!

— Quando alguém morre, costuma dizer-se: *passou d'esta para melhor*. Ora eu não sei se no paraizo a vida é melhor. Prefiro a de cá. A caridade official é uma burla para quem é desgraçado. Além de que não posso separar-me do meu pobre cão.

— Levarás o teu cão!

Vendo irrevogavel a sentença e que forçoso era conformar-se pediu á Morte alguns momentos para vestir o fato, que usava em dias domingueiros.

Emquanto cuidava dos modestos atavios, disse á Morte:

— Queres satisfazer-me um ultimo desejo? Sóbe á minha nogueira e colhe-me aquellas nozes, que lá estão. Será o ultimo repasto, que faço n'este mundo!

A Morte annuiu. Trepou e colheu as nozes, mas por mais esforços que fizesse, não pôde descer.

— Ajuda-me, Miséria, que não posso descer! Gritou a Morte.

— Olha, sabes o que te digo? É que não tenho

pressa de ir gozar da bemaventurança eterna. Deixa-te ficar ahí, que estás bem! Vou ser benemerita da humanidade, sem que ninguem o saiba.

E Miséria fechou a porta e deixou no cerrado a Morte empoleirada e presa na nogueira, cujos ramos, como se fossem os braços de um enorme polvo, a cingiam e luctavam com vantagem contra os esforços que fazia para libertar-se.

V

Decorridos alguns mezes espantaram-se os medicos de ninguem haver fallecido. Os homoepathas attribuiam ao seu systema de dynamização ou atenuação dos medicamentos as maravilhosas curas. Preconizando as theorias de Hannemann, alguns prescreviam o medicamento na mais alta atenuação, recommendando que os doentes nem sequer o cheirassem, mas que olhassem apenas para elle, conservando-o a distancia e em vidro bem rolhado.

Os medicos dosimetricos, pelo contrario, clamavam em altas vozes, que a humanidade se tornára longéva, graças á energia dos alcaloides, que empregavam. Os allopathas tambem queriam a gloria para si proclamando como um dogma o seu — *contraria contrariis curantur* e oppondo-o ao *similia similibus curantur* dos homoepathas. Finalmente hydropathas, electropathas, hydro-sodopathas e metallopathas e muitos outros com *patas* e sem ellas, todos pretendiam para si a gloria de haverem salvado da morte a humanidade.

Durou este estado de coisas alguns annos e a humanidade começou a julgar-se immortal. Então celebraram-se festas de publico regosijo e de um

extremo ao outro da terra os homens exultavam de contentes.

Com o tempo esse contentamento foi desaparecendo. Velhos de 150, 160 e 180 annos, chegados á ultima idade da vida, privados da vista, do ouvido, do tacto e do gosto, com a memoria enfraquecida pela idade e pela doença, maldiziam da vida, e desejavam a morte, como allivio a tantos males.

As populações tinham augmentado de um modo extraordinario, e por isso a existencia tornou-se mais cara e mais difficil. Reis, ministros e auctoridades tornaram-se invalidos e por isso os governos foram fracos e não puderam obstar a que se praticassem todos os crimes. Grandes quadrilhas de salteadores roubavam, violavam, incendiavam, mas não assassinavam, porque não podiam.

Finalmente a immortalidade tornou-se um flagello e os homens procuraram a morte, com o mesmo ardor, com que então a evitavam. Medicos eminentes foram chamados, não para curar, mas para matar, e apesar dos seus esforços e de toda a sua pericia nada conseguiram. Chimicos famosos compozeram venenos subtis e fulminantes, mas sem effeito. Os *elixires da morte* tiveram voga como d'antes tinham tido os *elixires de longa vida*. Aquelles famosos instrumentos de supplicio da idade media, que torturavam a carne e os ossos, foram inefficazes. Alguns fizeram abundante uso de manteiga falsificada com margarina, do vinho fuchsionado, do pão com gesso e sulphato de cobre, mas todos estes e mais generos, que d'antes tão prejudiciaes eram á existencia, foram impotentes para produzirem a morte.

N'uma cidade da Europa, cujo nome me não lembra, reuniu-se um *Congresso medico contra a*

vida. Como d'antes esses congressos tinham sido impotentes contra a morte, tambem esse o foi contra a existencia. Propoz esse congresso um premio de um milhão de cruzados a quem descobrisse o remedio infallivel para dar a morte. Escreveram-se milhares de memorias, mas ninguem atinou com o remedio.

Por este tempo havia na cidade de Braga um doutor medico chamado o dr. Priscus. Uma noite em que elle recolhia para casa pela estrada, que vae de Guimarães a Vizella, desviou-se do caminho e embrenhou-se entre os pinhaes. Como passasse junto da nogueira da Miseria, ouviu uma voz plangente, que dizia :

— Quem me libertará d'esta prisão, para que eu livre a terra da immortalidade, que é muito peor que a peste !

— Eu ! disse o dr. Priscus, e ia estender a mão ao seu velho amigo, quando a Morte lhe disse que lhe não tocasse, mas que fosse buscar homens armados de machados para cortarem os ramos á nogueira. Retirou-se o medico e no dia seguinte, ao alvorecer, voltou com uns poucos de rachadores, que não sómente não conseguiram cortar a nogueira, mas tendo-se imprudentemente agarrado aos ramos, foram enlaçados por estes e ficaram presos com a Morte. Vieram outros e outros successivamente e todos tiveram a mesma sorte. Finalmente foi tal o ruido dos seus gritos e gemidos, que Miseria, ainda que extremamente surda, ouviu-os e acudiu dizendo :

— Sou eu a unica pessoa que vos póde libertar !

Consinto, mas com a condição de que a Morte não nos virá buscar nem a mim nem a Fiel, enquanto eu não a chamar tres vezes.

— Está combinado! E a Morte desceu e como era grande a tarefa, e todos tinham pressa de morrer, pediu ao seu amigo e compadre o dr. Priscus e aos seus collegas, que a auxiliassem, o que elles fizeram de boa vontade.

Quanto a *Miseria*, não consta ainda que chamasse pela Morte tres vezes. E por isso se conserva e conservará no mundo.

Quando saímos do eremiterio do cura de S. Miguel de Villarinho, era noite. A lua filtrava os seus raios por entre o arvoredos. Atravez dos campos, das devezas e pinhaes acompanhavam-nos os alegres cantares das mulheres que recolhiam da romaria de S. Adrião, um logar proximo. E aquellas toadas e aquelles sitios deixaram-me uma impressão melancolica, que me é grato recordar.

Eis algumas d'essas trovas, que me ficaram de memoria.

Se te aborrece o querer-te,
é forçoso o desprezar-te.
Ensina-me a aborrecer-te,
que eu não sei senão amar-te.

Vae meu pobre coração,
conta bem o que padeces,
para vêr se assim mereces
tenham de ti compaixão.

Tomára quem me dissera
com toda a sinceridade,
se prevalece a mentira
contra a força da verdade.

GUIOMAR TORREZÃO

SEVERINA

(À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta
de Palma Fernandes)

SEVERINA

I

Pelas largas charnecas, devastadas por um sol inclemente e fustigadas, no inverno, pelo rispido sudoeste que se levanta do mar em impetos tigrinos, chega-se a Sines, uma aldeia da Extremadura, cravada na aresta do oceano, como uma ilhota inexplorada.

Envolve-a na sua folhagem verde-negra o amplo pinheiral, engrandece-a com o seu estreito abraço o magestoso oceano e isola-a do mundo, das suas ruidosas festas e das suas intermináveis luctas, a ausencia do caminho de ferro.

Foi em Sines que o principe D. Miguel de Bragança embarcou para o exilio, d'onde seguiu, sem tornar a pizar a terra da patria, para a lugubre viagem do tumulo.

Nos longos serões do inverno, quando as ondas se erguem em promontorios, despedaçando-se de encontro ás ribas e o vento rebenta da barra, bramindo e galopando ao longo da vasta planicie ondulante, como um chacal esfaimado, os velhos pescadores, assentados á lareira, contam á familia, agrupada na muda attitude devota dos auditorios ingenuos, a legenda d'aquelle pobre rei

destronado, que atravessou a villa apedrejado pelos homens e escarnecido pelas mulheres.

Outros, mais enfronhados em historia, porque lh'a houvesse ensinado o sr. padre prior, citam, desvanecidos, o nome de Vasco da Gama, orgulhando-se de terem nascido na terra que serviu de berço ao glorioso navegador.

— O apedrejado não foi D. Miguel, emendou o Manuel Cherne, defendendo os creditos da terra e respondendo ao visinho, que pela centesima vez estivera escabichando no escandaloso episodio.

Contou-me o sr. Raposo, filho do outro que atirou a pedra, vocês sabem. Pelos modos, o Francisco Maria Raposo tinha sido castigado, em Lamego, pelo general Lemos. Era sargento de milicias e deixára que um prezo lhe passasse o pé. Vae d'ahi esperou o Lemos, quando elle saía da casa do padre Galufo, ao lado do D. Miguel, e zás, ferrou-lhe com um balazio.

— E a mulher? insistiu o visinho, empenhado em exaggerar para os assombros do auditorio, o estupendo acontecimento de um rei, corrido á pedrada.

— A mulher, tornou o velho Cherne, cachimbando, e estendendo a mão descarnada e cabeluda sobre a cabeça loira do neto, agachado aos seus pés, a mulher era uma *alvoreada* (*doida*, na phraseologia alemtejana). Fez-se um silencio; no fundo da noite escura e tempestuosa, cerrando-se lá fóra em espessas trevas, arrastando-se na lobreaga desolação das tristezas sem conforto, o mar resoou, cantando o seu *requiem* gemebundo.

— Vamos á ceia, Severina, disse o velho pescador, levantando a cabeça encanecida e cravando o olhar mortício na filha, uma esbelta rapariga,

alta e loira, que retirava n'esse momento das brasas o tacho da sopa.

II

Havia dez annos que o Manuel Cherne enviuvára.

Encontrára a companheira agonisante, em uma manhã de outono, ao recolher da pesca aos linguados. Ficaram-lhe duas filhas: Maria Perpetua, mulher de um gageiro, que nunca mais regresára dos Brazis; e Severina, uma creança de 15 annos, franzina, delicada e branca, como uma poetica descendente de lords.

— Uma dôr d'alma, esta enfézadinha! lamentava frequentes vezes o velho, sopesando o sacrificio imposto por uma bôca, e comparando-o á miseria de trabalho que se poderia esperar d'esse pobre corpo anemico. Maria Perpetua, ralada de saudades e esfalfada de mourejar de sol a sol, caíra em uma tísica, que lhe ia minando lentamente a vida.

O seu homem, ao abalar-se por esses mares fóra, deixára-lhe nos braços tres creanças, um mocito e duas mocinhas; mas a Maria Perpetua via-se grega com a lida da casa, porque em vez de tres tinha cinco filhos, sendo o mais velho o pae e o mais novo a irmã.

Luctou em quanto pôde; afinal, quedou-se pregada na cama, d'onde a levantaram para o cemiterio.

O Manuel Cherne estarreceu.

Que havia de ser d'elle, a contas com esses quatro innocentes?

Quem lhe cuidaria do amanho da casa, em quanto andasse pelas aguas do mar?

Quem lhe teria o almocinho quente, quando elle recolhia de madrugada, transido de frio, depois da pescaria no mar alto, sentindo pesar-lhe cada vez mais os janeiros, que de anno para anno lhe dobravam o tronco herculeo e, não raro, lhe paralysavam o braço, outr'ora infatigavel?

Com a ajuda da Senhora das Salas, advogada dos pescadores de Sines, esperava ter forças, apesar de velho, para ganhar o pão dos quatro pobresinhos.

Mas quem havia de remendal-os, de preparar a comida e de acear o casinholo onde viviam?

Um desgosto, que o acabrunhava, que o levaria á cova, soluçava o velho, abraçado ao cadaver da filha. Tres dias depois, foi bater á porta de uma vizinha, a pedir-lhe que lhe olhasse pelos pequenos, em quanto elle estivesse fóra de casa.

Mas ao voltar da pesca, a vizinha saiu-lhe ao encontro e referiu-lhe, com muitos gestos, que a Severina se oppozera, que lhe dera mandado de despejo, que lhe assegurára que de ninguem precisava, que lhe repetira que era já uma mulher e que podia trabalhar.

Resolutamente, com uma força que ninguem suspeitaria n'essa fraca rapariguinha, delgada como um junco, branca e fina como uma flôr de cêra, a Severina chamou a si todos os encargos caseiros e adoptou os tres pequenitos, envolvendo-os na ineffável ternura, amparando-os com a dôce e cariciosa protecção maternal, de que só as mulheres na terra possuem o irrevelavel segredo.

III

Aos 25 annos, a Severina attingira o pleno desabrochamento da sua delicada belleza lirial.

O trabalho desenvolvêra-lhe as fórmãs hesitantes, fortalecêra-lhe o sangue debilitado e tocára de um fino colorido rosado o oval pallido d'esse rosto, recortado em alabastro, de que a caprichosa natureza dotára, por engano, a filha de um pescador, e que faria o orgulho de uma patricia.

Nos seus grandes olhos azues, de uma transparencia diamantina, reflectia a grave melancolia inseparavel d'esse profundo e insondavel mar, que de pequenina a embalára nas suas ondas soluçantes. A bôca, largamente fendida e levemente descórada, esboçava, por vezes, o sorriso triste e fugidio, caracteristico das resignações obscuras, dos holocaustos silenciosos, que o mundo não suspeita.

Os sobrinhos, que ella ensinára a lêr, que creára nos seus braços debeis, a quem ministrára o viatico da maternidade, disputado pela morte, adoravam-a.

O Manuel Cherne chamava-lhe santinha, revendo-se, vaidoso, no seu casinholo, açeado, como um palmito, deleitando-se na sua velhice amimada, cercada de todos os confortos, compatíveis com a pobreza.

— Aquelle migalho de gente!... quem tal diria!... observava aos da companhia, não perdendo ensejo de encarecer os meritos da filha.

Os rapazes ouviam, compenetrados, louvando o juizo da menina Severina.

O mais interessado era, sem nenhuma duvida, o Silvestre.

O Silvestre nascêra em Grandola e viera, ainda pequenote, para Sines.

O pae, caseiro do conde de B., quizera encaminhal-o para a lavoira.

Mas o rapaz morria-se pelo mar ; as ondas exerciam no seu temperamento de marinheiro innato, a suggestiva attracção de uma caricia voluptuosa, offerecida por uma amante inaccessible. Fugiu para casa do tio ; e um bello dia, sem consultar ninguém, pediu ao Manuel Cherne que o levasse na canôa, declarando-lhe que queria ser pescador.

Na tarde em que falleceu a Maria Perpetua, o Silvestre fôra offerecer os seus serviços á menina Severina.

Uma subita e irresistivel sympathia, feita de intimas affinidades, aparentemente incompativeis, declarou-se logo entre esse robusto mocetão, bronzeado pelas brizas maritimas, e essa franzina rapariga, esguia, delicada e branca, como uma estatuetta de marfim.

Em as noites de verão, prateadas pelo luar, que punha nà larga superficie do oceano como que uma doce e mysteriosa claridade de sonho, o Silvestre vinha assentar-se no banco, fronteiro á porta do Manuel Cherne, onde se reunia toda a familia, e ahi conversava com a Severina.

Elle, timido e desastrado, limitava-se a contar-lhe os episodios da pesca, não ousando nunca alludir ao segredo que havia tanto escondia no coração, nem dizer uma só das palavras que lhe affluíam convulsivamente aos labios.

Ella, serena e despreoccupada, ouvia-o e sorria-lhe com o seu meigo sorriso, vagamente doloroso.

O velho, muito afeiçoado ao Silvestre, o seu braço direito, conforme asseverava, esfregava as mãos e de vez em quando referia uma historieta, allusiva aos bons tempos da mocidade, ou calculava os prós e contras da pescaria, que deveria realisar-se no dia immediato.

Nos serões de inverno, agrupavam-se todos á beira da chaminé, onde crepitava a lenha, despedindo clarões rubros que purpleavam as caras.

E lá fóra, o furacão assobiava nas desertas *landes* e nas dunas, erguidas na sua espectral alvura como um cortejo de fantasmas.

A espaços, o mar estrondeava de encontro aos rochedos, como uma salva de artilheria disparada por uma armada invencivel, ou gemia, arrastando na praia o seu longo soluço dilacerante.

Instintivamente, as crianças coziavam-se com a parede ou embrulhavam-se nas saias da Severina, como que a pedir-lhe protecção, e todos fallavam a meia voz, cedendo á impressão de terror que vinha da noute escura, do céu tragico, do mar ameaçador e do vento ululante.

N'essas horas de inconsciente pavor, transmitido pelos elementos sublevados, exercendo a sua influencia dominadora sobre o miseravel ser humano, Silvestre fitava insistentemente Severina e recebia no peito, como uma caricia lenta, de uma doçura divinamente consoladora, o seu olhar azul e calmo, o seu meigo sorriso, vagamente doloroso.

IV

Que estranha tristeza annuviava o coração d'essa bonita rapariga, ardentemente amada por

um bello mocetão, vigoroso, sadio e morigerado, a ponto de servir de exemplo a muitos?

A nevrose das cidades, que faz da mulher actual a eterna desequilibrada, a infeliz nostalgica, preadivinhada pelo compassivo Michelet, estenderia o seu morbido contagio até á humilde aldeia de Sines, perdida nos confins da Extremadura?

Severina era, como já disse, uma doente, degenerado producto de um remoto atavismo, onde a paciente investigação retrospectiva de Zola descobriria por ventura o *documento humano*, susceptivel de elucidar-nos esse ponto obscuro.

A mesma caprichosa natureza que lhe afidalgára as fórmãs, inoculára n'essa alma singela e ignorante, alheia aos refinamentos da civilisação e privada da fecunda cultura intellectual, um germen de revolta.

Inconscientemente, Severina sentia pezar sobre toda a sua vida uma lei illogica, que a desviava de um futuro, vagamente ambicionado.

Adorava os sobrinhos, que creára como se fossem seus filhos, estimava o pae, gostava do Silvestre, comprehendia o inapreciavel valor da affeição dedicada, silenciosa e inalteravel que lhe votava esse excellentes rapaz; a sua innata bondade revelava-lhe, intuitivamente, todos os thezouros de boa e paciente ternura que existiam, latentes, no coração do Silvestre; sabia que a vida d'elle se absorvia toda n'esse amor e que lh'a sacrificaria, se fosse preciso; estremecia-o, queria-lhe como a um irmão, admirava a força de respeito que o pobre rapaz impunha, heroicamente, á intensidade do amor; entretanto, nenhum d'esses affectos lograva preencher o insondavel vacuo da sua alma, inquieta e perturbada.

Severina esperava sempre, sem saber porque, sem o confessar a si propria, alguma cousa, que não chegava nunca.

Seria um amor lendario, personificado, como no *Rêve*, em um principe descendente de cardeaes?

Mas se ella nem sequer suspeitava a existencia das paixões romanticas, que inspiram os grandes artistas.

Seria a riqueza; seria a satisfação da vaidade, o iman que exerce a sua imperiosa attracção sobre todas as mulheres?

Mas a singela filha de um pescador não podia conhecer o valor do oiro, applicado ao voluptuoso epicurismo da vaidade.

Às vezes, ao cair da noite, Severina gostava de divagar na praia, acompanhada dos sobrinhos.

Emquanto as creanças reboavam na areia, rindo, saltando, correndo ao desafio, ella quedava-se immovel e pensativa, perfilando o seu vulto esguio na clara luz argentea do luar, que se alastrava na praia.

O seu obscuro instincto de artista acordava vagamente em face da noite estrellada e do largo mar ondulante. O olhar de Severina percorria a linha alvejante das casas, desdobrando-se, como um collar de perolas, sobre o crystal das ondas; detinha-se no Revelim, o colosso de granito, ressaltando com o seu contorno angulooso do azul diaphano; em seguida, perdia-se na immensidade do oceano, esfumado ao longe em um penumbroso fundo de aguarella e absorvia-se na visão do infinito, sentindo confusamente, sem ter consciencia da impressão que a agitava, da admiração que a possuia, o indefinido terror do incognoscivel.

Voltava-se depois para o Pontal, curvado para

o abysmo, como uma gigantesca esphinge, e fitava longamente as anfractuosidades do rochedo, immergindo da agua espelhante e recortando na luz opalina do luar a sua negra silhoetta de monstro petreficado.

E n'essas horas de silenciosa abstracção, Severina esquecia o Silvestre, a sua aldeia, a condição humilde em que nascêra, o ignorado cantinho da terra em que deveria morrer e viver.

A voz dolente das ondas, desenrolando-se na praia e quebrando-se de encontro ás ribas, soava-lhe ao ouvido como um rythmo fantastico que a arrebatava em espirito para uma região desconhecida. Pungia-a o nostalgico aneio, o torturante desejo de uma ignorada felicidade, que ella não sabia onde existia nem de que elementos era formada, mas que a chamava de longe, fugindo-lhe sem cessar.

Então Severina, tremia, estendia os braços, na attitude de quem supplica, e dos seus limpidos olhos azues, franjados de compridas pestanas, desprendiam-se duas lagrimas, que lhe rolavam nas faces pallidas.

.....
 — Tia, gritava um dos tres pequenitos, tenho frio !

— Cala-te, choramigava o mais novo, deixa-me brincar.

Severina corria para as creanças, abria-lhes os braços, apertava-as ao peito e beijava-as carinhosamente, deleitando-se no amoravel contacto d'essas tres cabecinhas, que afugentavam a visão obcecante.

N'esse domingo de dezembro, o Silvestre, vestido de ponto em branco, viera procurar o Manuel Cherne.

A Severina tinha ido á missa ; as crianças corriam atraz dos patos e gallinhas, flanadores habituaes das estreitas ruas de Sines ; o velho pescador, assentado no banco fronteiro á casa, aquecia-se ao sol.

— Olá, meu rapazola, bradou o Manuel, cachimbando, como tu vens catita !

Timidamente, o Silvestre approximou-se ; tirára o chapéo e com um lenço encarnado limpava a testa, inundada de suor.

— Homem, notou o Manuel, piscando os olhos, pois tu suas com este frio de levar coiro e cabello ?

Fez-se um silencio. O Silvestre assentára-se no banco, sem proferir palavra. O velho pescador continuava a fital-o, rindo-se maliciosamente.

O sol nimbava-os, avivando-lhes a côr argilosa e imprimindo-lhes o firme desenho rectilineo de um grupo de terra côta.

E no amplo espaço, vaporizado por uma tenue neblina que azulejava os longes, adelgaçando-os em uma fluidez aquatica, o mar rugia lamentosamente, executando o seu *requiem* gemebundo.

— Não queres esperar pela Severina ? perguntou o velho ao Silvestre, que se levantára na mesma attitude taciturna e contrafeita, enrolando as abas do chapéo e cravando os olhos no chão.

Aquelle nome, que resoára até ao mais intimo do seu ser, respondendo a todos os sentimentos que o preocupavam, foi a chave mys-

teriosa que lhe descerrou a bôca, obstinadamente muda.

— Tio Cherne, começou, tartamudeando, eu vinha dizer-lhe...

— Acaba, homem, acudiu o outro, salivando, tens a lingua pregada ao céu da bôca?

— Sim, eu vinha pedir-lhe... e o Silvestre hesitou, não se atrevendo a formular o audacioso desejo que alli o trouxera.

— Valha-te Deus,olveu o Cherne, batendo-lhe no hombro, tu acobardas-te de fallar commigo?

— Não é isso, tio Cherne, mas como o outro que diz, sim, vossemecê bem percebe...

— Percebo que és um pedaço d'asno, rematou o velho, soltando uma gargalhada.

— Pois lá vae, exclamou o Silvestre, desempenando a estatura, como um homem disposto a afrontar um perigo mortal. Eu gôsto da menina Severina e vinha perguntar-lhe se seria do seu agrado que nos casassemos.

O pedido não surprehendeu o Manuel Cherne. Havia muito que elle notára a sympathia do Silvestre. Por vezes, sorrira-lhe a idéa d'essa união, que respondia aos seus mais secretos votos.

Com tanto que a rapariga não se opponha, concluiu, ponderando nas exquisitices da filha.

Ergueu-se de golpe e abraçando o Silvestre, prometeu-lhe que fallaria á Severina.

Ella ouviu o pae e com o seu meigo sorriso doloroso respondeu, que casaria com o Silvestre, se tal era a vontade de ambos.

Aprazou-se a cerimonia para o mez de S. João.

O Silvestre parecia um ebrio, cambaleava, fallava só, ria sem motivo e tinha infantilidades que

contrastravam com a musculosa estructura d'esse corpo de athleta, fundido em bronze.

VI

Aquella lua nova do mez de janeiro déra agua pela barba aos pescadores.

O vento e o mar batiam-se desesperadamente, empenhados em uma lucta titanica. Logo ao fechar da noite, a espessa cerração embrulhava as ondas em uma mortalha de largas dobras roçagantes. E o mar crescia em acastellados vagalhões, ameaçando devorar Sines.

Por espaço de muitos dias, os pescadores não se aventuraram a ir ao mar.

O combate era impossivel entre o homem, misero atomo perdido na immensidade, e o monstro, indomado e indomavel, prompto a engulil-o.

O Manuel Cherne ficára-se no casinholo, a remendar as redes, enquanto o Silvestre aproveitava a primeira aberta, para se fazer ao largo.

Amanhecêra um dia chuvoso e encarvoado.

Do céu baixo, acolchoado de nuvens pardacentas, descia lentamente a lugubre tristeza das catastrophes eminentes.

Sentia-se o convulsivo dilaceramento de uma agonia tumultuosa n'esse oceano embravecido, cavado de medonhos vortices, alteando-se, por vezes, em montanhas de espuma, que pareciam lamber as nuvens, vergastado pelo vento da tempestade que lhe arrancava rugidos cavernosos.

A's duas horas da tarde, a cerração augmentára, confundindo a terra e o mar na mesma tinta aquosa, cobrindo-os com o mesmo sudario plumbeo, apertando-os na mesma cinta de ferro sulcada,

a espaços, pela chamma azulada dos relampágos.

— O lobo anda assanhado! commentára o Cherne para o vizinho, que viera pedir-lhe uma pitada de rapé.

O outro abanára a cabeça, compenetrado, esboçando um largo gesto de acabrunhamento.

Ao anoitecer, correu em Sines que um vapor hespanhol, procedente de Gibraltar, viera descair sobre os rochedos da Perceveira, erguidos entre o farol e o forte.

Ao clamor dos naufragos, responderam os gritos dos pescadores; mas uns e outros perderam-se no estrondear das ondas, despedaçando-se de encontro ás ribas.

O Silvestre saltára para a canôa e remára, desesperadamente, na direcção da Perceveira.

Immergindo na densa cerração, a carcassa do vapor desenhava-se vagamente, como um ponto negro perdido no infinito do céu e das aguas.

A canôa do Silvestre, sacudida pelas ondas, batida pelo sul, revolteava ás cegas, sem governo, como uma gaivota desazada. De instante a instante, despenhava-se no abysmo e desaparecia, para reaparecer em seguida, boiando á tona d'agua, arrastando-se ao acaso n'esse vasto pélagó enfurecido.

De subito, um pé de vento voltou-a.

Então o Silvestre descançou alguns instantes, deitado ao lume d'agua.

Em seguida, invocou a Senhora das Salas, pronunciou o nome de Severina e com os seus braços musculosos cortou as vagas, nadando vigorosamente.

O vento amainára; o nevoeiro abriu uma clareira, através da qual se avistava uma nesga de

céo azul, doirada pela tremula scintillação de uma estrella.

Esporeado pelas ondas, o negro esqueleto do vapor cambaleava, estorcendo-se em deslocações funnambulescas.

O Silvestre nadava sempre, tentando approximar-se da praia.

N'essa occasião, sentiu-se empolgado pela mão crispada de alguém que pesava sobre os seus hombros, como uma massa inerte.

Reunindo as forças que começavam a atraí-lo, levantou a cabeça, aspirou o ar que lhe faltava, e sem tentar fugir ao mortal abraço d'esse corpo de afogado, que se lhe collára á pelle, continuou a nadar. Mas a vista obscurecia-se-lhe, os braços e as pernas, inteiriçados, perdiam a agilidade e não deslocavam a agua, que o arrastava lentamente para o tragico sorvedouro.

De repente, soou-lhe aos ouvidos, como um longinquo zumbido, o murmurio de vozes, fechou os olhos e mergulhou nas trevas, que o cobriram, apagando-lhe a consciencia da vida.

VII

Chegára a primavera, lavando os céos brumosos e mosqueando as charnecas e o pinhal com viçosos ramilhetes de rosmaninho, malmequeres e giésta.

A renovação começava a agitar surdamente os flancos da terra, que se abriam em sulcos fecundos ao contacto da charrua.

O mar tinha a doçura enternecida do convalescente que acaba de debater-se nos paroxismos de uma agonia tumultuosa.

José de Lumbrelas, salvo pelo Silvestre, viera com elle para casa do Manuel Cherne.

Severina tratára desveladamente dos dois homens, prodigalizando-lhes todos os cuidados de uma enfermeira solícita, infatigavel e intelligente como poucas.

A gente da canôa, que acudira a tempo de pescar os dois naufragos, fôra largamente retribuida pelo hespanhol, um esbelto rapaz de 25 annos, engenheiro de pontes e calçadas, que visitava Portugal em viagem de estudo.

Quinze dias depois do naufragio, José de Lumbrelas fôra hospedar-se para casa de um negociante inglez, correspondente do pae. E alli se deixára ficar, encantado, affirmava elle, com o aspecto, desartificiosamente pittoresco, d'esse burgo de pescadores, adormecido no seio do oceano.

Ao entardecer, Lumbrelas ia vêr os seus amigos, os seus salvadores, conforme os designava.

Brincava com as crianças, que lhe chamavam o sr. Pepe, conversava com o Manuel Cherne, perguntava pelo Silvestre e, por vezes, os seus grandes olhos pretos, que lhe illuminavam a tez morena, sombreada pela barba á Guise, cravavam-se ardentemente em Severina.

A filha do pescador ouvia-o silenciosa, enlevada na sonoridade d'essa voz de homem finamente educado, exprimindo no viril idioma de Cervantes idéas elevadas, phrases de uma estranha graça suggestiva.

Só, no seu pequenino quarto, Severina via-o, fallava-lhe, confiava-lhe a torturante historia da sua mocidade, perseguida por uma visão allucinadora; via no escuro da noite esses dois olhos negros, profundos como o oceano, que a deslumbravam.

O engenheiro começára a fallar portuguez, expressamente, explicava elle, para ser entendido pelos seus amigos.

Pouco a pouco, foram-se amiudando as visitas.

Pepe ficava-se dias seguidos em casa do Manuel Cherne, captivo do encanto de Severina, envolvendo-a na irresistivel fascinação do seu amor, provando-lh'o a cada instante em attensões de uma delicadeza reservada e por isso mesmo duplamente perigosa.

Por esse tempo, o Silvestre, que passava semanas inteiras no mar, apparecendo raras vezes em casa da noiva, — sempre taciturno e cabisbaixo, — veio participar ao Manuel Cherne que resolvêra ir tentar fortuna ao Brazil, acceitando para o effeito a proposta que lhe fizera o capitão de um brigue hollandez, ao engajal-o para moço de bordo.

O velho tentou dissuadil-o, recordou-lhe a projectada união com a filha, encarregou Severina de convencel-o.

Mas o Silvestre insistiu no seu proposito, pretextando que só casaria quando pudesse offerecer á menina Severina um marido, que lhe dêsse a estimacão que ella merecia.

Quatro dias depois largava de Sines, direito a Lisboa, o brigue que levava o Silvestre, á vista da familia Cherne, agrupada na praia, acenando-lhe, pequenos e grandes, o adeus saudoso, que punha lagrimas nos olhos de todos, emquanto o pobre rapaz, voltado para a terra onde lhe ficava para sempre morta a primeira e a unica felicidade da sua vida, chorava convulsivamente.

VIII

Muito antes de Pepe lhe declarar que a amava, Severina comprehendera que se operára na sua vida um subito reviramento, que a transfigurára.

A sua alma, doentamente perturbada, repousára afinal na divina realisação do sonho, até ali inacessível.

A visão humanisara-se; o Deus ignoto viera, atravez das ondas, ao seu caminho, personificado n'esse homem bello como um príncipe, eloquente como um poeta, delicado e meigo como um archanjo.

No seu coração, pungido de secretos anceios, fizera-se uma paz ineffavel e fulgira uma luz redemptora.

E desde então, Severina vivia em um mundo á parte, absorta na muda adoração do seu vivo ideal, estranha a todos os desencantos da terra, alheia a todos os obstaculos que a distanciavam do ente amado, esquecendo a dôr da eterna separação, suspenso sobre a sua cabeça, como uma sinistra ameaça.

Uma manhã de maio que o Manuel Cherne aproveitára para a pesca dos linguados, José de Lumbrelas veio lêr a Severina uma carta do pae, em que o velho negociante ordenava ao filho que partisse sem demora para Barcelona, onde um negocio urgente solicitava a sua presença.

— E o senhor obedece-lhe? perguntou Severina, livida como uma defunta.

— Que remedio! volveu elle, fitando-a apaixonadamente; depois, curvando-se, dominando-a sob

a imperiosa fascinação do olhar, murmurou-lhe ao ouvido : Venha commigo para Hespanha ; amal-a-hei sempre, sempre !

— Sim ! balbuciou Severina, na inconsciencia da commoção que a prostrava inerte, que a cegava e entontecia..

Então elle beijou-a doidamente, supplicando-lhe que o esperasse ás 11 horas, explicando-lhe que n'essa mesma noite partiriam para Lisboa.

Durante as horas que se seguiram, Severina moveu-se como uma somnambula, indifferente a tudo que a rodeava.

A's 11 horas, José de Lumbrelas fez o signal convencionado.

Severina ergueu-se na sua pallidez espectral e abriu automaticamente a porta, absorta no mesmo extasiante sonho, através do qual pronunciára a palavra que deveria decidir de todo o seu destino.

Lá fóra, o luar argentava a linha das casas, a massa escura dos pinheiros e o perfil granitico dos rochedos, e na doce e religiosa serenidade da noite estrellada o mar cantava o seu *requiem* gemebundo.

Elle enlaçou-a nos braços sofregamente e transpôz o limiar do humilde casinholo, onde o velho pescador e as tres creanças dormiam socegadamente.

De repente, uma fresca voz de creança gritou :

— Tia Severina, deita-te ao pé de mim, tenho medo !

Ella estremeceu, sacudida pela violenta reacção de todo o seu organismo, acordado á imperiosa voz do dever.

Recuou aterrada, esfregou os olhos e levantando

o braço na direcção da estrada que se desenrolava ao longe, disse para o hespanhol, que a olhava estupefacto :

— Póde retirar-se. Eu não deixo aquelles innocentes, os meus filhos ! A mãe, accrescentou, levantando para o céo os seus limpidos olhos azues, humidados de lagrimas, a pobre mãe não m'o perdoaria.

E fechou-lhe a porta, como se fecha a pedra de um tumulo sobre os restos inanimados de um morto.

ALBERTO TELLES

A noite de 3 de setembro de 1758

O crime existiu. Os tiros eram para el-rei ;
e os que padeceram foram réos.

REBELLO DA SILVA — *Lgrimas e Thesou-
ros*, pag. 57.

A noite de 3 de setembro de 1758

Na manhã de 4 de setembro de 1758 espalhou-se em Lisboa um boato atterrador. Dizia-se, a principio, que na vespera á noite tinham disparado uns tiros contra Pedro Teixeira, creado particular do rei ; mas depois correu com insistencia que haviam sido dados em D. José I, e foi esta ultima atoarda a que por fim prevaleceu.

A voz geral attribuiu logo aos Tavoras o sacrilego attentado, e essa familia da primeira nobreza, que tinha o seu brazão de armas na sala dos Cervos do paço real de Cintra, era então bastante numerosa, pois d'ella faziam parte os marquezes do mesmo titulo, pae e filho, as marquezas, D. Leonor e D. Thereza, — José Maria de Tavora e suas irmãs a marquiza de Alorna e a viscondessa de Athouguia ; — a duqueza de Aveiro e a condessa da Ribeira Grande, o conego José Maria de Tavora, Manuel, João e Nuno Gaspar de Tavora, os quaes todos quatro estiveram encerrados no forte da Junqueira, onde um d'elles (João) acabou os seus dias e foi sepultado.

O facto de se terem dado os tiros no rei é, entre todos os lances d'esse mysterioso drama, o pri-

meiro que foi posto em duvida, tendo sido lançado á conta de enredos e manejos de Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal, a quem o partido da aristocracia e dos jesuitas julgou conveniente mimosear com a invenção de uma *pavorosa*, como hoje diríamos, para se assenhorear ainda mais do animo do rei, abatendo-o e dominando-o pelo terror. Todavia, quando não existissem os importantes documentos, que vamos transcrever em parte, e outros testemunhos contemporaneos dignos de fé, bastaria para comprovar esse triste successo o officio em cifra do ministro de França em Lisboa, M. de Saint-Julien, o qual, transmittindo ao seu governo no dia 12 de setembro a noticia do attentado, havia de certo obtido as suas informações de fonte limpa.

Esse officio, conforme o extracto publicado pelo visconde de Santarem a pag. 123 do tomo VI do seu *Quadro elementar das relações politicas de Portugal*, é como se segue:

«... em cifra lhe diz que era com horror que dava parte da verdadeira causa d'aquella doença, sobre a qual se guardava o maior segredo, sendo que a supposta contusão era uma ferida no braço e espadua direita occasionada por dois tiros de bacamarte que atiraram á carruagem de el-rei. — Que, segundo se dizia, eram seis os assassinos, bem que fossem só tres os bacamartes; o primeiro destinado para o boleeiro não fez fogo; os dois outros foram disparados sobre a carruagem, que ficou cravada de balas. Os assassinos estavam a cavallo.»

Sobre o caso dos tiros havia duas testemunhas de vista: o sargento-mór Pedro Teixeira, confi-

dente do rei, a quem acompanhava na referida noite dentro da sege, e o boleeiro Custodio da Costa.

Ambos foram inquiridos no palacio da Ajuda a 2 de janeiro de 1759 pelo desembargador Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, na presença dos tres secretarios de estado Sebastião José de Carvalho e Mello, D. Luiz da Cunha e Thomé Joaquim da Costa Côrte Real.

Pedro Teixeira «disse que, vindo elle testemunha na carruagem com el-rei nosso senhor na noite infaustissima de que se trata para entrar pela porta da quinta de Baixo (*palacio de Belem*), que está junto á travessa do Guarda-mór da Saude, e pretendendo abrir a dita porta achara que lhe não era possivel em razão de que haviam entupido o logar por onde a chave entra na dita fechadura, de tal sorte que n'ella não poude nunca introduzir a referida chave; que, porém, fazendo alimpar a dita fechadura, e sahindo sua magestade com elle testemunha pela referida porta tomara pela calçada que d'ella vai por entre o muro da referida quinta e as casas e terra do official maior da secretaria de estado Antonio José Galvão, indo a sege a passo até á esquina e arco que ficam ao norte das casas da quinta do Meio ou pateo das Vaccas; que, depois de haver dobrado a dita esquina reparou em que o boleeiro Custodio da Costa apressara inesperadamente os passos dos referidos machos; que, tendo avançado quarenta ou cinquenta palmos pelo caminho acima, ouvira um grande estrondo de tiros; que logo successivamente se sentira el-rei nosso senhor gravemente ferido; que elle testemunha percebera que os mesmos tiros o tinham offendido, e que o sobredito boleeiro se

principiou a queixar de que se achava tambem com a grave lesão que depois se manifestou, achando-se o sobredito boleeiro todo crivado de grossa munição ; que successivamente se achou o dito senhor com o horrorosissimo estrago que elle testemunha presenciou na mesma fórma que consta da certidão do cirurgião-mór do reino Antonio Soares Brandão, a que se refere : e que, emfim, examinando depois por onde haviam penetrado os referidos tiros, viu elle testemunha que foram disparados contra o espaldar da carruagem que transportava o dito senhor, abrindo n'elle dois buracos muito grandes e desformes, e arruinando quasi todo o espaldar com a muita copia de munição que n'elle penetrou. E acrescentou que, ao tempo em que sua magestade se sentiu ferido, considerando com a inseparavel serenidade e heroica constancia do seu augusto animo que todos os passos que dêsse para o seu real palacio o poriam mais distante do cirurgião-mór, que devia cural-o, mandando voltar pela calçada grande que está por fora dos quarteis do regimento de infantaria e das reaes cavallariças, passou a casa do dito cirurgião-mór, onde depois de haver recebido com religiosissima piedade a absolvição sacramental permittiu que se descobrissem as feridas e com ellas o horrorosissimo estrago, que todos deploramos, para se lhe applicarem, como applicaram, os proprios remedios, o que tudo elle testemunha disse que sabia por ter visto e presenciado tudo na referida fórma.»

O boleeiro Custodio da Costa foi em seguida interrogado sobre os factos mencionados no depoimento anterior, os quaes plenamente confirmou, dizendo «que todos passaram na verdade assim

como no mesmo depoimento se acham declarados, e que a elles se referê; sendo todos os referidos factos escriptos assim como passaram na verdade, que elle testemunha presenciou por ser o mesmo identico boleeiro que na infaustissima noite de 3 de setembro proximo passado guiava a sege em que el-rei nosso senhor passava da quinta de Baixo para o seu real palacio.» Só acrescentou «que o motivo que teve para acelerar o passo dos machos que conduziam a sobredita sege, ao tempo em que esta passava do arco que estava da esquina das casas da quinta do Meio para o norte, foi por haver visto sahir tres homens a cavallo debaixo do referido arco, um dos quaes desfechou contra elle testemunha um tiro que elle testemunha viu que errara fogo, sendo quasi á queima roupa, disparado para matar a elle testemunha, que por isso procurou salvar a real pessoa de sua magestade com os passos apressados que deu, sem contudo haver declarado ao dito senhor o motivo d'aquella pressa: e que um pouco mais acima lhe parecera ver uns vultos a cavallo da parte do muro novo, ao tempo em que se dispararam os referidos tiros, o que elle testemunha sabe pelas razões que dito tem.»

Cabe aqui naturalmente perguntar que grau de credito merecem esses depoimentos? Foram acaso forjados para fins sinistros da politica sanguinaria do ministro Carvalho, ou serão, com effeito, a fiel expressão da verdade? A esses quesitos não ha resposta mais cabal do que as declarações feitas pelo duque de Aveiro e por outro assassino, Antonio Alvares Ferreira, nenhum dos quaes foi posto a tratos, como se mostra do processo. Por ellas se verá, não só até que ponto confirmam os

depoimentos de Pedro Teixeira e de Custodio da Costa, mas tambem que os ampliam e completam de fórma tal que se torna facil recompor a horri-vel scena, passada nas trevas da noite, em sitio ermo, entre uma carruagem em que el-rei voltava de uma aventura amorosa, como de costume, na companhia de um creado particular, e quatro assassinos, postados em duas embuscadas, estando dois a pé e dois a cavallo.

A dama com quem D. José I se encontrava em todos os domingos á noite no paço de Belem era a marquezia de Tavora, moça, D. Thereza, sendo elle sempre tão pontual n'essas entrevistas que nem faltou á d'aquelle dia, não obstante ser o terceiro do nojo em que estava encerrado pelo fallecimento de sua irmã, a rainha de Hespanha.

Vejamos agora o que disse o duque de Aveiro :

«Respondeu que por descargo da sua consciencia declarava que haverá tres mezes pouco mais ou menos mandara chamar por um guarda-roupa, que actualmente serve a elle respondente, por nome Manuel Alvares, a um irmão d'este, chamado Antonio Alvares, morador em Alfama ou nos Oliveaes, e que vindo o dito Antonio Alvares falar a elle respondente lhe propuzera ser elle o que commettesse o sacrilego insulto, debaixo da expressão de que havia atirar a uma sege que havia passar pela calçada que vae da quinta do Meio para o paço de Nossa Senhora da Ajuda; que o dito Antonio Alvares se encarregou da referida diligencia, dizendo comtudo que elle a não podia executar por si sómente : que por isso falou o dito Antonio Alvares a um seu cunhado, chamado José Polycarpo de Azevedo, para associar nos referidos tiros, que elle respondente mandara dar na so-

bredita sege. Que unindo-se ambos receberam d'elle respondente dezeseis moedas por uma vez, quatro por outra vez, e vinte moedas por outra; que por este premio sómente executaram o referido mandato, descarregando os tiros de que recebeu a offensa el-rei nosso senhor; que depois de haverem dado os referidos tiros fugiram logo nos cavallos que haviam comprado para este effeito, sem que elle respondente os tornasse a vêr n'aquella noite: que, mandando elle respondente chamar dois dias depois d'aquelle infaustissimo successo o mesmo aggressor Antonio Alvares, e vindo elle, com effeito, de noite a casa d'elle respondente o vira então pela primeira vez depois de haver sido commettido o referido insulto; que então lhe contara os effeitos que haviam tido os sacrilegos tiros, recommendou-lhe o segredo d'aquelle horrendo caso; que os motivos que teve elle respondente para se precipitar em um tão inaudito e tremendo absurdo foram a ira e a paixão que desordenadamente concebera contra a real e sacratissima pessoa de el-rei nosso senhor por lhe haver impedido com as suas reaes ordens o vencimento da causa das commendas, que tinham andado na casa de Aveiro, e a celebração do matrimonio que tinha ajustado com licença de sua magestade entre o marquez de Gouveia, filho d'elle respondente, e D. Margarida de Lorena, filha dos duques de Cadaval.»

Confessou tambem que estivera debaixo do arco contiguo ás casas da quinta do Meio «esperando a pé associado de um seu creado, João Miguel; sendo elle respondente quem disparou o tiro que errou fogo contra o boleeiro que conduzia sua magestade na sege, a que logo depois se atirou.»

Antonio Alvares Ferreira, natural da freguezia de Negrellos, no arcebispado de Braga, tinha quarenta annos de idade e era feitor do Jardim do Tabaco.

Eis a sua tocante e sincera confissão :

«Respondeu, pondo-se de joelhos com as mãos postas, que elle queria descarregar a sua consciencia e salvar a sua alma, dizendo toda a verdade, e que esta era :

«Que antes da fatal noite em que succedeu este caso, tres mezes pouco mais ou menos, mandara o duque de Aveiro chamar a elle respondente por um seu irmão, chamado Manuel Alvares, e que importava muito lhe falasse logo.

«E como elle respondente tinha servido ao dito duque onze ou doze annos, como tem dito, na occupação de seu guarda-roupa, lhe veiu logo falar. E o dito duque o levou para uma barraquinha nas terras defronte do jardim das suas casas e ahi lhe disse : «Que elle respondente o tinha servido tantos annos, e tinha conhecido que elle respondente era de segredo e fidelidade, e assim que fiava d'elle respondente um grande segredo, e que só d'elle o fiava; que, se o revelasse, corria evidente perigo a vida d'elle duque e a d'elle respondente, e que vinha a ser : — que a elle duque o andavam esperando para o matarem e que já lhe tinham atirado um tiro e o tinham errado, e que assim, para se livrar d'este perigo, queria que elle respondente o acompanhasse para matar a quem o queria matar a elle duque, e assim que ambos haviam ir em uma sege com duas espingardas curtas esperar uma sege que havia descer pela calçada da Ajuda, e que haviam esperar em cima no largo acima das casas do ex.^{mo}

secretario de estado, o sr. Sebastião José de Carvalho e Mello, e que ahi haviam de esperar ambos a um tempo a dita sege, em que vinham duas pessoas.» — E logo lhe tornou a dizer — que o irem em sege podia ser perigoso, que o melhor era irem ambos de cavallo; e assim que elle respondente comprasse dois cavallos, um para elle duque e outro para elle respondente, para o que o mandou esperar em quanto chegava a casa, e voltando logo lhe deu dezeseis moedas de ouro para comprar os ditos dois cavallos. E, com effeito, elle respondente comprara os dois cavallos, um por quatro moedas a um homem chamado Luiz da Horta, que móra no pateo do Soccorro, e outro a um cigano chamado Manuel Soares, que móra em Marvilla, por outras quatro moedas. E agora lhe lembra que o primeiro custou quatro moedas e meia.

«E que, vindo elle respondente com os dois cavallos na mesma semana em que o duque lhe fallara, este montara em um e elle respondente em outro, e lhe dissera que lhe queria ir mostrar a sege. E, com effeito, ambos foram esperar no sitio que tem declarado, onde estiveram até ás dez horas e meia, e que, como não passara a sege que esperavam, se foram ambos embora. E que d'essa vez não levaram armas algumas. E que, passados tres ou quatro dias, tornaram a pé ao mesmo sitio para o mesmo effeito do duque lhe mostrar a sege a elle respondente; que tambem foram sem armas e que, esperando até ás mesmas horas, não passara a dita sege, e da mesma sorte se recolheram. E que depois lhe dissera o dito duque a elle respondente que d'aquella fórma não faziam bem, porque elle duque era muito conhecido, que o melhor era di-

zer elle respondente a seu cunhado José Polycarpo de Azevedo que lhe fosse falar a elle duque, que como tambem era de segredo e com resolução ambos podiam fazer bem aquella diligencia. E, com effeito, elle respondente dera o recado ao dito seu cunhado, da parte do dito duque e lhe dissera o para que era. E o dito seu cunhado viéra falar com o duque e este lhe dissera o mesmo que lhe tinha dito a elle respondente. E se ajustaram a irem todos tres para lhes mostrar e verem e conhecerem a dita sege. Mas que, chegando acima das terras e defronte do pateo do dito ex.^{mo} sr. secretario de estado, ahi mandou o duque a elle respondente que ficasse com os cavallos, e elle foi mais o dito José Polycarpo ao mesmo sitio, e ahi então disseram que tinha passado a sege que o dito seu cunhado ficou conhecendo.

«E que depois fôra elle respondente e mais o dito seu cunhado muitas vezes, que seriam doze ou quinze vezes, fazer que iam esperar a dita sege, e que, supposto algumas vezes a viram passar, não quizeram atirar, e iam sempre dar parte ao dito duque que não tinha passado.

«Até que ultimamente em um domingo, segundo lembrança d'elle respondente, lhe dissera o dito duque que n'essa noite certamente havia passar a dita sege, que fossem elles sem falta porque elle duque tambem havia ir. E, com effeito, foram, e o duque não foi. E elle respondente e o dito seu cunhado estiveram esperando acima da quinta do Meio da banda das terras, junto ao muro que estava por acabar, e ahi passara a dita sege a tempo que já tinham dado onze horas da noite, e disparando ambos ao mesmo tempo as espingar-

das nas costas da sege se retiraram a correr pelas terras abaixo direitos á travessa do Guardamór, e mettendo-se na rua direita d'este logar seguiram para Lisboa, por signal que quando deram os ditos tiros tinha passado Bento Antonio, e ainda o vieram encontrar quasi no meio do muro da quinta. E que, passados dois dias, viera elle respondente falar ao dito duque, e este, sem elle respondente lhe dizer cousa alguma, lhe dissera que aquillo não prestara para nada, porque tinham atirado ao meio, e não tinham chegado ás portinholas da sege com as pistolas, como elle duque lhes tinha dito. E elle respondente se desculpava, dizendo-lhe que quando atiraram com as espingardas fôra a tempo que passara gente, causa porque não foram com as pistolas á sege. Ao que lhe respondera: «Está feito, está feito».

Quanto ao outro assassino, José Polycarpo de Azevedo, ninguem ignora que elle não só não foi preso em 14 de dezembro na quinta do duque de Aveiro em Azeitão, por não ter sido ainda sequer suspeitada a sua cumplicidade, e não ir portanto o nome d'elle na relação que levava o desembargador encarregado de effectuar a captura de varias pessoas d'aquella familia, mas tambem que nunca poude ser agarrado, por mais diligencias que para isso fizesse, dentro e fóra do reino, o marquez de Pombal.

Ficaria, de certo, incompleta esta noticia, se não apresentassemos tambem aqui a descripção authentica dos graves ferimentos do rei, conforme se lê na certidão passada pelo cirurgião-mór Antonio Soares Brandão.

Eil-a :

« Antonio Soares Brandão, cavalleiro professo na ordem de Christo, cirurgião da camara de sua magestade fidelissima, dos seus exercitos e cirurgião-mór do reino e suas conquistas, etc.

« Certifico que no dia tres de setembro d'este presente anno, depois das onze horas da noite, vi e curei a el-rei nosso senhor, que Deus Guarde, de umas feridas combustas e dilaceradas, feitas com armas de fogo, ao meu parecer, maiores que as espingardas ordinarias, carregadas estas com chumbo grosso, as quaes feridas principiavam desde a omoplata ou espadua direita, descendo pelo hombro e braço abaixo até o cotovello e tudo pela parte posterior, comprehendendo tambem o peito da mesma parte, no qual tambem recebeu do chumbo seis orificios, mas na parte superior do braço perto da articulação e sobre o musculo deltoide foi a maior força da carga que pelos effeitos do estrago me pareceram os tiros dados á queima roupa; de sorte que fez na sua entrada uma grande cavidade, com muita perda de substancia, grande dilaceração, da qual resultou muita perda de sangue, e passou o chumbo embuxado, junto e por cima dos processos da articulação do hombro, a parte interior, d'onde fez um grande tumor, no qual foi preciso fazer uma incisão e se tirou por esta parte chumbo e fragmentos da caruagem, tudo em muita quantidade, excepto o chumbo que já se tinha tirado pela sua entrada, e na continuação da cura se tiraram mais por diversas partes do braço trinta e oito grãos do mes-

mo chumbo e algumas porções do vestido, e por ser tudo verdade o juro pelo habito de Christo de que sou professo. — Junqueira a 20 de dezembro de 1758. — *Antonio Soares Brandão*.

Ora, eis ahi o que succedeu na infausta noite de 3 de setembro de 1758, noite de tão angustiosas recordações para D. José I que elle, não só fez voto de erigir um templo em memoria de ter escapado á sanha dos assassinos, mas tambem, volvidos dois annos certos sobre aquella data, lançou com a maior solemnidade, em presença de toda a côrte, a primeira pedra dos alicerces, e ainda, á hora da sua morte, recommendou á herdeira da corôa, D. Maria I, que acabasse a egreja. «Em terceiro logar lhe recommendo que completará a egreja da Memoria que prometti a Deus fazer e se acha meia feita, em agradecimento do beneficio que me fez e que foi notorio a todo o reino».

A egreja de Nossa Senhora do Livramento e S. José, que ficou sendo denominada da Memoria, ahi está no mesmo sitio em que se deram os tiros, com o seu elegante zimbório e um conjuncto harmonioso e bello, ao gosto do Renascimento. Se o exterior carecido de limpeza, as vidraças partidas e os telhados e terraços mal reparados, por onde entra a agua das chuvas que damnifica a abobada interna e o madeiramento, annunciam em verdade ruina proxima e attestam infelizmente ao estrangeiro incuria e desleixo indesculpaveis, não accusemos por tão justo motivo os nossos governos ou, antes, desgovernos.

Referindo, sem nenhum receio da menor contestação, o que passou n'aquella famosa noite, dei-

xámos ainda no tinteiro o que se não viu. Calámos, muito de proposito, se mais alguém, afóra o infame duque de Aveiro, armou o braço dos regicidas ; se porventura contra a vida do soberano tramaram outros membros da nobreza e os jesuitas que, na phrase ambigua do illustre dr. Coelho da Rocha, ficaram envolvidos na conspiração. Pareceu-nos, ao traçar estas linhas, que n'uma epocha de tão afferrado positivismo, como a nossa, o rigor inflexivel dos documentos diria muito melhor que todas as conjecturas, por mais bem fundadas e deduzidas que fossem, e contra as quaes é bom estar de sobre aviso porque nem sempre serão desinteressadas e sinceras. Por isso, já em 1876, o nosso grande historiador Herculano se mostrava, com razão, adverso a «certas generalisações e philosophias da historia, hoje de moda, em que se generalisa o erroneo ou o incerto».

ALBERTO PIMENTEL

O REI DA BRIGUEIRA

(AO DR. ALVES CRESPO)

O rei da Griceira

I

— Se elle não fôr santo, quem o ha de ser!

— Já o viste, Thuribia?

— Se o vi!? Já até lhe fallei. Está mettido dentro da sua gruta, d'onde só avista o mar. É como se quizesse ter Deus sempre deante dos olhos. Figura-te que cheguei á bocca da gruta, e chamei, tremendo : *Meu senhor! meu senhor!* D'ahi a momentos, vejo-o apparecer : um lindo homem, muito branco, com os cabellos louros e os olhos azues, com um ar de tristeza, que fazia respeito. Mal que me viu, perguntou-me : «A que vens tu, minha filha?» Estive um instante sem poder responder-lhe. Mas cobrei alento e disse-lhe : «A vêrvos, real senhor.» E logo cahi de joelhos, porque as pernas me tremiam como varas verdes. Então aquelle anjo do ceu, estendendo os braços, levantou-me, passou-me a mão pelo rosto, e disse-me como se estivesse fallando a sua filha : «Ora pois ! entra com Deus, e ouvir-te-hei.»

— Não sei como tiveste coragem de estar fallando a tão alto senhor!

— Eu andava já ha dias para dar tão ousado passo, porque tinha curiosidade de vêr o nosso santo rei D. Sebastião ; mas acanhava-me de o fazer. Outro dia fui á Carvoeira e, quando lá me vi, entrou comigo a curiosidade. Uma voz cá de dentro dizia-me : «Vae.» Fui. Metti pelo caminho de S. Julião e procurei a gruta, que me tinham dito ficava á beira do mar. Lá mesmo o encontrei. O tio Antonio Simões havia jurado a meu pae que era aquelle em carne e osso el-rei nosso senhor, que tinha podido escapar aos mouros. Elle que o diz é porque o sabe, que o tio Antonio Simões é um homem de bem ás direitas.

— E que te disse el-rei nosso senhor ?

— Perguntou-me quem me tinha mandado lá. Contei-lhe a pura da verdade : o que meu pae ouvira dizer ao tio Antonio Simões. Vae elle e sorriu-se. Esteve alguns instantes calado, com os olhos fitos no mar, e depois disse-me com uma voz tão dôce, que parecia musica do ceu : «Antonio Simões é um bom homem, mas julga que eu sou quem não sou. Não passo, filha, de um pobre solitario, que já não quer nada do mundo, e só deseja que o deixem tranquillo para chorar tudo quanto tinha e perdeu.»

— E tu que lhe disseste ?

— O que lhe havia eu de dizer ?! Que todo o povo da Ericeira sabia muito bem quem era aquelle grande senhor, por mais que sua alteza real o quizesse disfarçar. Que não havia palmo de terra onde não tivessem cahido as lagrimas do povo, que chorava a grande desgraça do seu rei. E n'isto, filha, rebentaram-me as lagrimas dos olhos, a quatro e quatro. Vae elle e levantou-se, encostou a minha cabeça ao seu peito, e disse-me :

«Não perdeste o teu tempo, comquanto te enganasses com a pessoa que procuravas. Eu não sou quem Antonio Simões cuida; sou, sim, um pobre solitario que se habituou a conversar com Deus, de dia e de noite, na grandeza das suas obras. Vae-te, e dize ao honrado povo da Ericeira que eu não sou quem elles erradamente suppõem, mas que nem por isso deixo de ser menos peccador. Pede-lhes que me deixem em paz, que não procurem avivar no meu espirito pensamentos que eu desejo affastar. Dize a teu pae e a teus visinhos isto mesmo, que o meu maior desejo é fazel-o saber a este desgraçado povo escravizado.» Eu tinha relanceado os olhos pela gruta, onde só havia terra e pedra. Não tive mão em mim que não dissesse: «E estaes vós aqui, meu senhor, sem uma enxerga onde o vosso corpo repouse?!» Aquelle grande senhor sorriu-se, e tornou-me: «Perdi tudo o que era do mundo, filha, não se me dá de agasalhos. Antonio Simões já para aqui teimou em trazer uma enxerga e uma manta, e eu dei-as ao primeiro mendigo que por aqui passou. Era um cego, — cego dos olhos, que outros o são do entendimento, mais cegos ainda que os dos olhos, porque não querem ou não podem vêr a sua desgraça. E despedindo-me deu-me um beijo na testa. A sua bocca parecia feita de velludo. Eu córei, que senti todo o sangue subir-me á cara. E, recuando, sahi da gruta, com o mesmo respeito com que teria sahido do Paço da Ribeira.

— Não contaste isso a mais ninguem?

— Ora! não contei eu outra cousa! Vim pela Carvoeira, e logo alli ficou tudo em pratos limpos. Juntou-se povo assim para ouvir-me, — e juntava os dedos das mãos uns aos outros. Mulheres não

havia mais na povoação. Umas já o tinham ido vêr. Tal qual como a mim! diziam ellas quando eu estava contando o que aquelle grande senhor me havia dito.

— Não se quer dar a conhecer! bradava uma.

— É o que é! dizia o tio Duarte Gil, que sabe muito bem, por lh'o ter confessado o tio Antonio Simões, que aquelle santo é a real pessoa de el-rei D. Sebastião em carne e osso. Outras mulheres vão lá ámanhã pedir-lhe que as deixe beijarem-lhe a mão.

— E tu beijaste-lh'a?

— Mal peccado! De atarantada que estava, nem lembrança tive de lhe pedir que me deixasse beijar-lhe a mão. Que falta de respeito que eu commetti com aquelle grande senhor! Mas hei de lá tornar para lhe beijar a mão...

— E eu vou contigo tambem.

— Pois iremos ambas, que tiraremos o medo uma á outra. Que elle a bem dizer não ha pessoa mais bondosa, mas a gente, como sabe que é el-rei nosso senhor, acobarda-se de lhe fallar. É o que é. Quando queres tu lá ir?

— Vamos para a semana, que tenho menos lida.

— Tens tu lida tamanha que te não dê vagar para anediar as crenchas? Ou queres pôr saia de córs de velludo com alforza nas vasquinhas?

— Sou agora alguma figura d'almadraques! Mas para a semana deve estar prompto o meu gónete de serguilha.

II

Era raro o dia em que na gruta de S. Julião não entravam dezenas de pessoas propellidas pelo desejo de vêr de perto o santo rei desgraçado;

que se tinha purificado de todos os seus erros na catastrophe de Alcacer-quibir e que, extranho no seu proprio paiz, chorava na solidão a perda da corôa real, que recebera de seus avós.

O litoral é retalhado em grandes penedias desconjunctadas, que tombaram umas sobre outras, como destroços de uma vasta edificação arruinada. A negrura do basalto parece retinta nas labaredas de um incendio antigo, que o facho de uma destruição enorme ateou. Aqui e alli uma estreita faixa de areia mitiga a aridez das ribas, offerecendo-se aos beijos da onda, que umas vezes se contenta em oscular-a fugitivamente, outras vezes, empinando-se em vagalhão, arquea sobre as rochas negrãs o dorso flexivel, quebrando-se subitamente n'uma explosão estrondosa de flocos de espuma.

Na corda do litoral, avançando para o sul, o Cabo da Roca altea-se com a perspectiva de um cubello longinquo, que fortifica a extremidade da ampla cordilheira de Cintra, recortada em ondulações gibosas, dando a impressão de um enorme dromedario petrificado.

Em frente da gruta, o mar, sem limites e sem recifes, immenso como a ambição dos homens, profundo como a grandeza de Deus.

Era alli, no recesso d'aquella gruta solitaria, que Matheus Alvares alimentava os seus planos audaciosos, vastos como o oceano, — espelho de todas as ambições terrenas, porque agora se aquieta por momentos para logo se revoltar n'um desespero incansavel.

Elle tinha nascido na ilha Terceira, rodeiado pelo mar, — pelo mar que parecia ser o modelo caprichoso do seu destino. Seu pae fora um pe-

dreiro, um humilde, que não atava ás suas tradições de familia um appellido distincto. Uma febre lenta de celebridade devorava em segredo a alma de Matheus Alvares, enfuriando-o na raiva de se vêr tão humilde como seu pae.

O mar sorria-lhe como uma estrada aberta e provocadora, que chamava os sonhadores, para os afogar na perfidia de um naufragio ou para os reverter n'uma praia de continente.

Tantas vezes o mar o procurou attrair, que Matheus Alvares acabou por confiar-se-lhe.

Por unica bagagem, a sua ambição. Não têm outra os ambiciosos que se aventuram.

Veu quasi ao acaso para a metropole, e obteve ingresso n'um convento da Extremadura. A sua alma pôde respirar mais desafogada, porque elle, o filho de um obscuro pedreiro açoriano, conseguira irmanar-se pelo habito aos mais illustres da commuidade. Mas a sua ambição constituiria uma especie de indisciplina revoltada, que lhe tornára insoffrivel o peso dos canones. Deliberou, pois, fugir ás peias regulamentares da vida monastica, e continuar a aventurar-se ao sabor da sua phantasia irreprensivel.

Ainda assim trouxera do convento um peculio proveitoso de phrases unctuosas e de inflexões macias, que não era para desaproveitar.

Para uma viagem incerta todo o viatico é prudente. Da sciencia dos frades trouxera apenas essa: a de saber viver para manobrar a róta de uma ambição indeterminada, mas audaz.

Transitando de povoação em povoação, reconheceu que todo o burgo era como que uma esponja que absorvia as mais salientes individualidades. Escolheu pois a solidão para se fixar, por-

que a solidão dá relevo á excentricidade, quasi sempre pretenciosa, do solitario. E depois melhor é, para os ambiciosos, attrair o burgo do que ser absorvido por elle.

Uma gruta, não tão solitaria que não estivesse encravada entre duas povoações do litoral, a Eri-ceira ao norte, S. Julião ao sul, mas não tão proxima do povoado que o povoado a assoberbasse, foi o palco escolhido por Matheus Alvares para o drama, que elle entrevia, da sua existencia futura.

Os primeiros dias arrastaram-se estereis de peripecias, porque a vida da lavoura deslisa sempre no mesmo trilho, sem avidez de sensações, e elle estava ladeado de camponezes. As primeiras noites eram profundas, insondaveis nas oscillações vagarosas d'esse colossal relógio que se chama o ceu. A lua, enorme pendula de prata, baloiçava-se monotonamente sobre o azul, parecendo marcar as primeiras horas da eternidade.

E Matheus Alvares, entregue á sua imaginação audaciosa, pensava, assentado n'uma pedra da gruta, com o rosto apoiado nas mãos, os cotovellos apoiados nos joelhos, descaído o labio inferior, — como D. Sebastião, dirieis.

Foi na solidão da beira-mar que Matheus Alvares procurou sondar a sua ambição, interrogal-a e medil-a. O que era que elle queria, a que ideia aspirava? E então, como se encontra de repente o conceito de um enigma, reconheceu que tinha seguido o rasto do *rei de Penamacôr*, o primeiro falso D. Sebastião. Como elle, havia tentado e abandonado a vida conventual; tambem como elle se fizera eremita. Mas o capuz que escondia a physionomia do *rei de Penamacôr*, bem pouco si-

milhante á de D. Sebastião, podia Matheus Alvares dispensal-o vantajosamente, porque as suas feições accordavam a reminiscencia das feições do mysterioso vencido d'Alcacer-quibir. Era uma vantagem enorme sobre o seu predecessor. Não a deixaria escapar-se.

Este sonho de grandeza subjugára completamente a sua ambição; enchera-a. Matheus Alvares erguera-se a meio da gruta, e, com o rosto alto, fitava o mar, onde a lua estirava um tapete de malhas argenteas. Uma visão grandiosa passára pelo seu espirito, como na fascinação de um espectáculo phantastico: ouvira o throno de Portugal gemer debaixo dos seus pés e vira o leão de Castella recuar deante dos seus chapins doirados.

O alvo do seu destino estava, desde essa hora, fixado: mirava-o com segurança, a despeito da sentença que condemnára a galés perpetuas o *rei de Penamacôr*.

Mas as tavolas do jogo de Matheus Alvares eram outras, e melhores. A sua similhaça com D. Sebastião valorisava o exito da empresa. Tinha a mesma idade do rei, a mesma brancura de pelle, a mesma barba aloirada. E depois a opinião publica estava já impressionada pela credulidade, disposta a admittir como possivel o regresso do vencido d'Alcacer-quibir. O *rei de Penamacôr* havia preparado o caminho, fôra o martyr de uma ideia e, pelo que respeita ás ideias, raras vezes lhes colhe o fructo aquelle em cujo espirito ellas primeiro floriram.

Isto pensára Matheus Alvares, e desde essa hora, sonhou-se rei de Portugal.

III

Traçado o plano, Matheus Alvares começou desde logo a executal-o habilmente.

O acaso havia-lhe deparado um poderoso auxiliar na pessoa de Antonio Simões, abastado proprietario de S. Julião. Foi-lhe facil reconhecer a ingenuidade que enchia a alma credula e boa do camponez. Exaltou-lhe a imaginação fallando-lhe das desgraças que pesavam sobre Portugal opprimido. Contou-lhe a historia do desastre d'Alcacerquibir com grande minudencia de informações, umas exactas, outras phantasiosas. Foi até o ponto de descrever-lhe as sensações intimas do rei na hora em que a nacionalidade portugueza se engolphou febrilmente n'um abysmo de sessenta annos de captiveiro. A escravidão havia accordado na alma popular o sentimento do prophetismo poetico. Bandarra, fallecido trinta e cinco annos antes, tinha accendido nas almas simples o facho da credulidade vidente. O rei voltaria da ilha encoberta, porque as prophecias o promettiam :

Este sonho que sonhei
E' verdade muito certa,
Que lá da *ilha encoberta*
Vos ha de chegar este rei.

Matheus Alvares, que facilmente conseguira lançar suspeitas no animo de Antonio Simões, ácerca da sua mysteriosa individualidade, revelára-lhe comtudo, accentuando muito intencionalmente esta revelação, que tinha chegado dos Açores, de *uma ilha*, a Terceira. E recordava-lhe ao mesmo tempo, como entregando-lhe o fio de um segredo, a trova de Bandarra :

Que lá da *ilha* encoberta
 Vos ha de chegar este rei.

D. Sebastião voltaria pois, porque o propheta mais de uma vez o affirmava com segurança :

Vejo sem abrir os olhos
 Tanto ao longe, como ao perto,
 Virá do mundo encoberto
 Quem mate da aguia os polhos.

O sebastianismo, diffundido nos campos pelas trovas que se popularisaram, ao mesmo tempo que robustecia a crença de que o *Encoberto* voltaria, cavava abysmos de dôr no intimo das almas, que viam perdida a independencia da patria.

Matheus Alvares não deixou de accentuar o effeito suggestivo de cada uma das suas meias-palavras, e procurou atear no espirito do pobre camponez a magua que o desastre de Alcacer-quivir havia derramado em todos os corações, a sêde de repôr no throno o rei christão que tinha sido vencido pelos infieis nas plagas de Africa.

Ensinou-lhe o romance castelhano, que se vulgarisára em muitas povoações :

Puestos estan frente a frente
 Los dos valerosos campos,
 Uno es del rey Moluco,
 Otro de Sebastiano.

E quando pronunciou a palavra *Sebastiano*, o seu corpo estremeceu n'uma vibração nervosa, e dos seus olhos rebentaram lagrimas, que revelavam uma dôr muito intima, muito concentrada n'um segredo cheio de personalismo.

Mas não passou das meias-palavras, nos primeiros tempos, não passou das suggestões artificiosas, por gestos ou vocabulos.

Antonio Simões revelou primeiro á mulher, depois ao seu amigo Pedro Affonso, de Rio-de-Mouro, o segredo das suas apprehensões. A mulher acreditou logo que o solitario da gruta fosse el-rei D. Sebastião. Mas Pedro Affonso achou prudente que Antonio Simões procurasse um meio de levar Matheus Alvares a denunciar a sua individualidade, a trahir o seu disfarce. Combinaram os dois que Antonio Simões, durante uma d'essas entrevistas, chamaria o dialogo para a pessoa do rei e, levantando-se de repente para logo cahir de joelhos, beijaria a mão de Matheus Alvares, bradando, inclinado e reverente: «Meu senhor! meu senhor!»

Assim fez. O solitario, julgando que já era tempo de vibrar o golpe de misericordia, quando Antonio Simões genuflectiu osculando-lhe effusivamente a mão, levantou-o carinhosamente nos braços, encostou-o ao peito, que conseguiu fazer arquejar, e disse-lhe: «Pois bem! já que adivinhaste o meu segredo, respeita a minha miseria, deixa-me acabar na obscuridade uma vida que não soube conservar no throno.»

Antonio Simões jurou guardar a mais absoluta reserva, para tranquillisar o espirito do solitario, mas o seu coração transbordava de felicidade expansiva por ser elle a pessoa a quem coubera a sorte de restituir á patria o rei *Desejado* e a independencia perdida.

Pediu, instou com Matheus Alvares que lhe desse a honra, ainda que immerecida, de ser seu hospede. Alvares, já auctoritariamente, intimou-lhe que se abstinhesse de insistir no offerecimento.

Requereu submissamente Antonio Simões que ao menos sua alteza real se dignasse acceitar-lhe

uma enxerga, para o seu real corpo repousar, e uma manta, para cobrir o seu corpo real.

Matheus Alvares transigiu, se bem que ainda contrariado, mas previu que o aceitar a enxerga, para a dar depois a qualquer mendigo, seria um acto de abnegação que Antonio Simões se apresaria a capitular de sublimemente evangelico.

Pedro Affonso quiz ir, com o seu amigo Antonio Simões, beijar a mão do rei *Encoberto*. Matheus Alvares deu a perceber que, sendo Pedro Affonso intimo amigo de Antonio Simões, não podia nem devia reservar de um o segredo que tinha revelado ao outro. Portanto, deu a dextra a beijar a Pedro Affonso, e tratou-o com tanta maior deferencia quanto, desde o primeiro lance de olhos, reconheceu que era esse o homem energico e resolutu que lhe convinha.

Effectivamente, Pedro Affonso conservava o typo d'esses chefes athleticos que nas sociedades grosseiras se impõem ainda pela força. Uma pagina de Herbert Spencer na *Sociologia* assignala que é a força que constitue ainda o primado entre os boschismans, os tapajos, os beduinos e outros povos selvagens. S. Julião, no seculo XVI, e porventura ainda hoje, não variava muito dos costumes dos boschismans, beduinos e quejandos.

Era de elevada estatura, quasi um gigante. Cabeça leonina, peito arqueado, braços musculosos, voz volumosa. Estava habituado a correr aventuras com as armas na mão. Combatera nos batalhões populares pela causa do prior do Crato, o rei mais ephemero e tambem mais popular que tem havido em Portugal.

Moralmente, partia do principio de que todos os caminhos levam a Roma, e para derrubar o go-

verno de Castella, que odiava, parecia-lhe que todos os meios seriam excellentes comtanto que offerecessem alguma probabilidade de bom exito.

Matheus Alvares ficou encantado de ouvi-lo, sobretudo quando Pedro Affonso, resolutamente, poz cartas na mesa e aclarou o jogo.

Tinha uma filha. Estava disposto a sustentar a causa de el-rei D. Sebastião, como havia sustentado a do Prior do Crato, porque elle apenas queria, segundo affirmava, assegurar a independencia de Portugal. Mas era arriscado o jogo, porque os castelhanos não largariam de boa mente o poder que haviam empolgado. Offerecia-se como chefe das hostes do *Encoberto*, deitaria pregão para uma nova cruzada, recrutaria gentes, reuniria armas, com o auxilio do seu amigo Antonio Simões, se ficasse estipulado que sua filha viria a ser rainha de Portugal. Declarou que, se Antonio Simões tivesse uma filha, não faria semelhante proposta, porque ella, em attenção ao pae, deveria ser a preferida. Mas como Antonio Simões tinha um filho, que poderia ser largamente agraciado pelo soberano, não prejudicava os justos direitos do seu amigo.

O rei concordou. Antonio Simões subscreveu ao pacto, e offereceu a Matheus Alvares mais um soldado na pessoa do filho.

Desde essa entrevista, que tomára um character decisivo, Matheus Alvares era, para aquelles dois homens, o rei de Portugal.

IV

Em entrevistas ulteriores, Matheus Alvares combinára com Pedro Affonso e Antonio Simões que,

ao passo que elles espalhariam que finalmente el-rei D. Sebastião havia reaparecido disfarçado em eremita, elle, por sua vez, negaria sybillinamente, isto é, por palavras duvidosas e vagas a sua qualidade de pessoa real.

D'este modo justificaria o disfarce que havia tomado e acautelava-se de qualquer represalia que o archiduque Alberto podesse empregar contra elle.

Eram ainda uns assomos de medo e de incerteza pelo impulso que Pedro Affonso daria ao commettimento.

Mas Pedro Affonso não se importava de correr todo o perigo n'uma empresa cujo bom exito poderia transformal-o no segundo homem de Portugal, sogro do rei e seu braço direito. Badalava por toda a parte que na gruta de S. Julião estava recolhido o rei de Portugal, vivendo em miseria extrema; que era preciso repol-o no throno, expulsando o estrangeiro intruso; que a conquista da independencia da patria, estando no coração de toda a gente, apenas dependia do regresso do rei, a quem o throno pertencia perante a justiça de Deus e o direito dos homens. «Ora, perorava elle, o rei voltou, está na gruta de S. Julião. Ide lá vel-o, apresentar-lhe as vossas homenagens de amor e respeito. Se elle vos quizer fazer persuadir de que não é D. Sebastião, tomae as suas palavras por uma prova de humildade christã, e de arrependimento, que não podêmos consentir.»

A filha de Pedro Affonso, Antonio Simões, sua mulher e seu filho secundavam-n'o n'esta cruzada patriotica, annunciando aos povos que o rei D. Sebastião tinha voltado e estava na gruta de S. Julião sem ter enxerga para deitar-se, nem manta para cobrir-se.

Formigueiros de gente concorriam diariamente a visitar o *Encoberto* na sua gruta da beira-mar. As mães levavam-lhe açafates de fartes, girgildas e fructas. As filhas, que tinham começado por ir beijar a mão de Matheus Alvares, acabaram por levar-lhe flores do campo, que dispunham em tapete dentro e fóra da gruta, como fazem delicadamente certas aves do paraíso, a *amblyornis ornata*, principalmente, no seu ninho primaveril.

Elle, dando aos olhos azues uma dôce expressão de ternura, abraçava-as respeitosa e procurava palavras com que podesse negar frouxamente ser o rei D. Sebastião, sem comtudo ferir a credulidade ardente do mulhero exaltado.

Que não era quem ellas cuidavam ; mas que no seu coração havia uma inextinguivel magua pela ruina de Portugal e pela usurpação feita ao rei lusitano, que elle conhecera muito bem n'uma ilha encoberta, como diziam as trovas do propheta de Trancoso.

As velhas respondiam-lhe que não estivesse sua alteza real a negar a sua jerarchia, e as raparigas, curvadas, abraçavam-lhe os joelhos, procurando beijar-lhe os pés que, graças ao aroma das flores, podiam disfarçar qualquer exhalção menos aromatica que a das flores.

Algumas raparigas, á bocca pequena e entre si, queixavam-se da esperteza ambiciosa umas das outras, citando o nome das que tinham ido de noite perguntar a el-rei D. Sebastião se elle queria ser allumiado pela lamparina dos seus olhos.

Os homens, fanatisados por Pedro Affonso, principalmente, arregimentavam-se para defender a sagrada causa do rei D. Sebastião, e já o alistamento dos voluntarios orçava por oitocentos soldados.

Desenvolvendo uma grande actividade, no commando em chefe da hoste, Pedro Affonso fazia excursões até Torres Vedras a fim de adquirir armas e munições de guerra.

Encontrava, é certo, alguns incredulos, que lhe lembravam o caso do mallogrado rei de Penamacôr. Mas Pedro Affonso, com uma grande audacia, respondia-lhes que fosse ou não fosse o vencido de Alcacer-quibir, Matheus Alvares havia de estar sentado no throno de Portugal antes do dia de S. João.

Vendo que as adhesões eram numerosas, e que o alistamento engrossava, o que valorisava a empresa, Matheus Alvares julgou ser chegado o momento opportuno de começar a execução do plano audacioso a que se havia associado.

Fixou dia para a solemne acclamação e consorcio de sua alteza real. *Alea jacta erat*: Matheus Alvares, comquanto arriscasse a pelle, não podia recusar nem retroceder.

No burgo da Ericeira, em plena praça publica, dispozeram-se os aprestos para as grandes ceremonias em que o rei, pela primeira vez depois de repatriado, devia apparecer ao seu povo.

As flores e os estandartes ornamentavam galhardamente a praça, em cujo centro fôra levantado o solio com docel e cadeiras de espaldar.

N'um altar, armado de improviso, a corôa de Nossa Senhora esperava o momento de descer sobre a cabeça da rainha, a filha de Pedro Affonso, e ninguem se lembrava de perguntar, nem ella mesma, se seria certo que D. Sebastião aborrecia as mulheres, como dizem alguns escriptores faceis em acreditar cousas pouco verosimeis.

Parecia-lhe á noiva que tal não succederia.

Em torno da praça o pequeno exercito do rei da Ericeira, marcialmente equipado, fazia guarda de honra ao throno.

Um vozear atroador e festivo saudou a apparição do cortejo real.

Vinham á frente dois mocetões de Fonte Boa dos Nabos desempenhando as funcções de porteiros da canna.

Seguiam-se os reis de armas, a cavallo e descobertos, e os moços da estribeira : a fina flôr dos rapazes de Odrinhas e Chelleiros.

O cargo de estribeiro-mór era exercido por Pedro Affonso, que tivera a discrição de se nobilitar com o appellido de Menezes.

A cavallo, e coberto, o seu olhar altivo dominava a multidão.

Com pequeno intervallo, cavalgava o rei, carnavalescamente magestoso, de elmo e arnez, com o manto de purpura pendente sobre as ancas do cavallo branco. A espada núa não era precisamente a de Affonso Henriques, que D. Sebastião tinha levado para Alcacer-quibir, mas não seria menos antiga. A futura rainha montava tambem um cavallo branco, que Antonio Simões, por grande distincção honorifica, levava de redea.

O vestido era de fazenda azul-celeste, decotado, e com tufos brancos nas mangas. Na cabeça bonnet de velludo preto, com pluma branca e pedras falsas. Punhos de renda cuja brancura contrastava com a negrura das mãos crestadas. Desde a cintura até aos pés um cordão de retroz amarello intervallado com esmeraldas de vidro. Hombrós nus, opulentos de carnação sadia, e algum tanto morena. Um collar de ouro, com um bonso pendurado.

Após as pessoas reaes agglomerava-se multidão de cavalleiros, sem distincção de logares e cobertos: as redeas soffreadas, as cabeças dos cavallos muito altas, os pés enfiados nos estribos quasi até aos calcanhares.

Hoje poder-se-ia chamar áquillo um cirio. No anno da graça de 1585 era a parodia de um cortejo real.

V

O rei e a rainha descavalgaram á ilharga da praça do Jogo da Bola, e dirigiram-se, a passo mesurado, para o solio erguido a meio da praça.

O rei subiu primeiro e conservou-se de pé sobre o throno. Pedro Affonso, com voz stentorosa, perguntou, do alto do ultimo degrau:

— Não é verdade que reconheceis a presença do nosso senhor e rei D. Sebastião, que Deus guarde por muitos e dilatados annos?

— E' verdade! é verdade! conclamou a multidão.

Pedro Affonso proseguiu:

— Não é verdade que de livre vontade o reconheceis como nosso senhor e rei, a quem de direito pertence a corôa de Portugal?

— E' verdade! é verdade! repetiu em côro a multidão.

Então Pedro Affonso subiu ao estrado, tirou delicadamente o elmo que cingia a cabeça de Matheus Alvares, substituindo-o pela corôa real, que o capellão da ermida do Espirito Santo lhe entregou depois de a ter abençoado na presença do povo.

Procedeu-se em seguida ao casamento, sendo a filha de Pedro Affonso conduzida ao solio pela mão de Antonio Simões.

O capellão da ermida do Espirito Santo pronunciou em alta voz as palavras sacramentaes, terminando por collocar sobre a cabeça da rainha a corôa de Nossa Senhora.

Então uma cerrada metralha de flôres, confeitos e grãos de trigo cobriu litteralmente o solio, fustigando, por varias vezes, as reaes faces dos augustos conjuges.

Junto á *Fonte do Cabo*, a mais antiga fonte da povoação, estrugiram morteiros atroadores.

O cortejo desfilou novamente no meio d'este estrondoso charivari, e suas altezas reaes foram hospedar-se em casa de Antonio Simões, que ficou sendo provisoriamente o paço do rei de Portugal.

N'esse mesmo dia, Matheus Alvares, querendo remunerar tantas provas de dedicação recebidas, agraciou seu sogro com os titulos de conde de Monsanto, marquez de Torres Vedras, senhor da Ericeira e governador de Lisboa... *in partibus infidelium*.

A uma das Valverdes, prima da rainha, nobilitou com o titulo de condessa. Creou mais um duque, e um marquez, titulos que ainda hoje se conservam como alcunha nas familias agraciadas. Tambem ainda subsiste o titulo de rainha em Anna Sunana, descendente da filha de Pedro Affonso.

A' noite o burgo da Ericeira illuminou; as suas casas brancas, de um aspecto moirisco, tinham a animação de uma folia do Ramadan em Marrocos. Havia gente ás janellas e ás portas. Pelas ruas estreitas formigava a multidão como se a voz

do *mudden*, em pleno Ramadan, lhe houvesse anunciado a hora do *magreb*.

E todavia estava-se n'um paiz christão, que então, mais do que nunca, odiava os moiros, causadores da derrota tremenda de Alcacer-quivir.

A filha de Pedro Affonso não encontrou no leito nupcial o frio D. Sebastião descripto por Cezar Cantu e outros historiadores. O que ella achou foi um D. Sebastião mais perfeito que o das historias. Historias!

A comedia da Ericeira teve écco em Lisboa, chegou ao conhecimento da côrte do archiduque Alberto. Com a primeira tentativa de mystificação, representada pelo *rei de Penamacôr*, mostrou-se o archiduque benevolente. Mas, em vista de uma nova tentativa, aggravada pela reincidencia do espirito popular que a applaudia, o regente julgou dever proceder com severidade.

Foi enviado á Ericeira o corregedor Diogo da Fonseca, que já tinha instruido o processo do *rei de Penamacôr*.

A' noticia da sua aproximação, os voluntarios da hoste de Pedro Affonso intimidaram-se a ponto de desertar: uns foram esconder-se nos barrocaes do litoral entre a Ericeira e Peniche; outros, os que eram pescadores, fizeram-se ao mar.

O proprio rei desapareceu com a sua real esposa. E Pedro Affonso, vendo-se sem soldados, sumiu-se tambem.

Ficaram apenas as mulheres e as creanças.

Que noite aquella, comparada com a da solemne aclamação de el-rei Matheus Alvares! Comquanto se estivesse no estio, soprava um rijo vento norte, que fazia ulular funebremente os moinhos sobranceiros ao burgo. As ruas silenciosas e desertas.

As casas luctuosamente fechadas. Só de vez em quando se ouvia a voz plangente das mulheres que, lastimando-se, voltavam de ser inquiridas pelo corregedor.

Relacionados os réos de alta traição, Diogo da Fonseca retirou para Lisboa, expedindo os respectivos mandados de captura ás justiças de Torres Vedras.

E' n'este lance que se evidencia a audacia de Pedro Affonso. Vendo escapar-se-lhe das mãos o seu proprio marquesado e a corôa real da filha, julgou dever jogar uma ultima cartada.

Teve artes de alliciar de novo os fugitivos e de os armar para combate, estimulando o animo das mulheres com dizer-lhes que elle, com as armas na mão, vingaria em Lisboa o ultrage que lhes fôra feito pelo corregedor da côrte.

Ao mesmo passo, induzia o genro a proclamar ao paiz, dando-se a conhecer como sendo o rei D. Sebastião, convidando o povo a expulsar o estrangeiro e a reivindicar a corôa para o legitimo rei.

Pedro Affonso ensinou a Antonio Simões, sempre facil em acreditar-o, que o almirante D. Diogo ds Sousa, que acompanhára D. Sebastião a Africa, tinha tido uma entrevista com Matheus Alvares na gruta de S. Julião, e o havia reconhecido como sendo o proprio rei.

Esta prova era tão concludente, que Antonio Simões correu a noticial-a de povoação em povoação, fazendo grande numero de proselytos.

Tendo já armado e espiritado o seu exercito, Pedro Affonso julgou dever romper as hostilidades antes que os mandados de captura chegassem ao seu destino.

Chamou o filho de Antonio Simões e pergun-

tou-lhe se elle estava disposto a desempenhar uma commissão de honrosa importancia.

— Tudo, respondeu com firmeza o rapaz.

— Pois bem. Vaes a Lisboa e entregas ao regente esta carta de sua alteza real, nosso rei e senhor.

O filho de Antonio Simões deu-se pressa em partir para Cintra, onde descansou alguns instantes, seguindo logo para Lisboa.

Chegado ao Paço da Ribeira, em quinta feira da Ascensão, perguntou se poderia fallar ao cardeal archiduque Alberto. Disseram-lhe que o cardeal tinha ido á Sé. Dirigiu-se immediatamente para a Sé e, avistando o cardeal, que saía da egreja, poz-se de joelhos deante d'elle, e entregou-lhe a carta.

O archiduque leu. Era um cartel insolente intimando-o a restituir-lhe sem delongas o governo de Portugal.

Sorriu o cardeal, e mostrou a carta ao corregedor, que o acompanhava. Diogo da Fonseca indignou-se e ali mesmo interrogou o portador da missiva:

— De quem é esta carta?

— D'el-rei nosso senhor, que a escreveu de seu punho.

— Ah! villão, que estás zombando!

— Por Deus, meu senhor, que o solitario da gruta é propriamente em pessoa el-rei D. Sebastião. Meu pae e minha mãe conhecem-n'o como aos seus dedos, e toda a gente lá sabe que é esta a pura da verdade.

— Que tolice ou que descaramento! exclamou o corregedor.

— Que ingenuidade! replicou ostentadamente o archiduque. Deixae ir em paz o *muchacho*.

—Deixal-o ir, meu senhor!

— Não dêmos importancia áquillo que de sua natureza a não tem. Quando os perseguimos, fogem! Que raça de valentes!

E o archiduque despediu, sorrindo com altivez castelhana, o filho de Antonio Simões.

Mas o corregedor, recolhendo a casa, mandou officiar ao seu collega de Torres Vedras ordenando-lhe que sem demora procedesse á captura dos sebastianistas da Ericeira.

VI

Pedro Affonso, vendo voltar o filho de Antonio Simões, o que porventura não esperava, tirou d'ahi argumento para exaltar a imaginação dos seus voluntarios, dizendo-lhes que o regente tanto reconhecia a verdade da carta, que se não atrevêra a contestal-a.

Ao mesmo tempo tomava as suas precauções, cobrindo a rectaguarda no intuito de marchar sobre Lisboa.

Mafra estava bem policiada, e o litoral era vigiado a todo o momento. Como refens, ordenára aos de Mafra que pozessem cêrco á casa do doutor Gaspar Pereira, magistrado superior e membro do conselho real.

O corregedor de Torres Vedras, estimulado pela instancia que lhe fizêra o corregedor da côrte, dirigira-se á Ericeira.

Mas em Mafra os revoltosos prenderam-n'o e ameaçaram-n'o de morte.

O golpe de mão estava preparado. Na vespera de S. João o exercito sebastianista, commandado por Pedro Affonso, atacaria Lisboa, forçando a entrada.

Justamente n'esta occasião, chegava a Lisboa uma carta do jesuita Leão Henriques, antigo confessor do cardeal-rei, para o secretario d'estado Miguel de Moura, incluindo um exemplar da proclamação espalhada por Matheus Alvares.

Immediatamente, Miguel de Moura ordenou ao Marquez de Santa Cruz, capitão-general de mar e terra, que pozesse á disposição do corregedor da côrte as forças sufficientes para baterem os revoltosos.

A ordem foi logo cumprida.

Diogo da Fonseca, cinco leguas andadas de Lisboa, soube que o corregedor de Torres Vedras tinha sido lançado ao mar do alto das ribas da Ericeira; que o doutor Pereira, um filho e um sobrinho, foram massacrados pelos revoltosos em Mafra; finalmente, que Pedro Affonso havia entrado no caminho das mais sangrentas represalias tripudiando n'um orgia de sangue.

Sem mais demora, avançou para a Ericeira, quartel-general dos sebastianistas.

Ahi pelas alturas de Odrinhas, appareceu-lhe uma guarda-avançada de esclarecedores revoltosos. Seriam uns duzentos. Diogo da Fonseca mandou-os intimar para que se rendessem. Elles responderam-lhe audaciosamente com uma descarga de arcabuzes. O combate foi rapido e decisivo. Desmantelados os sebastianistas de Matheus Alvares, trataram de salvar-se fugindo; mas cêrca de oitenta caíram em poder do corregedor, que lhes arrancou pelo terror ou pela tortura o segredo do seu plano de campanha.

Soube Diogo da Fonseca que o grosso da guerrilha havia sahido de Torres Vedras na hypothese de offerecer combate ás forças castelhanas, já a

esse tempo reforçadas pelas companhias que os capitães Santo-Esteban e Collantes commandavam.

Tendo expedido dois esclarecedores a cavallo, as tropas do governo hespanhol foram avançando para o valle do rio de Chelleiros, e iam já descendo a vertente meridional do valle quando os esclarecedores retrocederam, á redea solta, para annunciar que a guerrilha dos revoltosos estava á vista.

Desde a Carvoeira, o declive da vertente meridional é pedregoso e alpestre. Plantas silvestres verdejam pallidamente n'um ou n'outro comoro, mas o valle, por onde o rio desliza tortuosamente, escacissimo de aguas no verão, é feracissimo, e os trigos vegetavam altos e robustos.

Diogo da Fonseca tinha dois meios a seguir. Demorar-se no topo da vertente, pairando como Fabius Cunctator ou avançar resolutamente ao encontro da guerrilha.

Como não tinha por inimigo Annibal ou quem o valesse, e como estivesse conscio da força numerica e disciplina militar do exercito que lhe obedecia, não quiz desairal-o a ponto de mostrar receio da guerrilha. De mais a mais recebera instrucções para acabar com a insurreição fulminantemente. Metteu-se pois ao valle com a intenção de ganhar a vertente setemptrional. Mas, ao atravessal-o, como se ouvisse já perto o alarido berberesco da guerrilha, mandou occultar os seus arcabuzeiros entre os trigos, e só elle avançou a cavallo, acompanhado por uma pequena escolta de officiaes de justiça.

A guerrilha vinha chi bante, fanfarrona, caminho do valle: á frente, Pedro Affonso a cavallo, no meio de um estado-maior que não brilhava pelo numero. Eram os mesmos pimpões de Fonte Boa

dos Nabos, que tinham precedido o cortejo real no dia da aclamação.

Mal que avistaram o corregedor e a sua pequena escolta, deram em perseguil-o com grande furia e grita. Mas o corregedor e os seus desandaram a galope simulando medo. A guerrilha, chegando ao topo da encosta, achou deserto o valle, e só avistou ao longo da planicie o corregedor, que fugia á redea solta contra a corrente do rio.

As tropas regulares viram, d'entre os trigos, descer os sebastianistas, e, quando elles desceram, deram a primeira descarga de arcabuzes, que foi terrivelmente mortifera.

Pedro Affonso, reconhecendo o estratagema, largou a fugir, e a guerrilha, espavorida e fraccionada, procurava baldadamente ganhar algumas das vertentes do valle. Muitos dos voluntarios ficaram prisioneiros, e não poucos caíram mortos e feridos.

Houve porém um grupo de sebastianistas que se portou com heroica bravura. No valle, a pequena distancia da vertente septemtrional, assenta a egreja de Nossa Senhora do Porto, que foi mesquita, e que denuncia ainda todo o seu cunho de antiguidade moirisca, comquanto a data mais antiga que hoje se nos depara lá seja a de 1627.

Os ultimos guerrilheiros do rei da Ericeira fortificaram-se valorosamente no alpendre e nos parapeitos do muro que torneja o templo. D'ahi continuaram descarregando os seus arcabuzes até os derradeiros cartuchos. Não podendo ganhar a vertente, procuraram morrer com honra.

Este feito militar faz-nos lembrar de uma téla, *Les derniers cartouches*, em que o pintor Neuville

eternisou um episodio semelhante, occorrido em Bazeilles, por occasião da batalha de Sédan.

O que em Sédan fizeram em 1870 os soldados de infantaria de marinha — que nós cá não temos — realisaram-n'o, no nosso pequeno paiz, em 1585, os guerrilheiros do rei da Ericeira, Matheus Alvares.

E elle, o heroe da gruta de S. Julião? Que é feito d'elle?

Matheus Alvares, avisado da approximação da sua guerrilha, fôra cautelosamente observada do alto de um dos montes que pelo norte dominam o valle. Chegou a tempo que o corregedor Diogo da Fonseca e a sua pequena escolta de beleguins fugiam á redea solta pelo valle dentro, simulando grande medo. O rei da Ericeira desconcertou-se da sua gravidade real batendo palmas á fuga do corregedor, que julgava ser sincera; e com elle applaudiram tambem dois ou trez próceres invalidos que o acompanhavam.

Mas quando d'entre os trigos explodiu a primeira descarga dos arcabuzeiros, Matheus Alvares largou a fugir sem se importar com os próceres invalidos, nem com a dignidade real, nem com os seus guerrilheiros sacrificados.

Na hypothese de uma invasão das tropas castelhanas pelo sul, a rainha havia-se aposentado na Ericeira, onde as primas Valverdes e outras moçoilas nobilitadas lhe assistiam em improvisada côrte.

Quando a guerrilha passou na Ericeira para vir tomar o caminho de Cintra, por onde, segundo o plano de Pedro Affonso, devia marchar sobre Lisboa, a rainha com as suas donas e donzellas saiu ao encontro dos voluntarios fazendo-lhes fes-

tiva recepção e saudando o pae, que do alto do bucéphalo, como Cid Campeador o poderia fazer de cima do seu famoso *Babiaca*, a cumprimentou inclinando a espada impolluta.

Pobre rainha saloia! Esperando o pae, não foi tão infeliz como a filha de Jephthé, mas a sua grandeza real estava condemnada por horas.

As raparigas do burgo, fanatisadas pela causa do solitario de S. Julião, offereciam aos voluntarios copinhos de agua-ardente e flôres. Sorriam-lhes e acclamavam-n'os. Mas dentro de pouco tempo todo este scenario de ovação patriotica se transmudava no quadro lugubre de uma derrota tremenda.

E quem sabe talvez se os heroes que queimaram os seus ultimos cartuchos na igreja de Nossa Senhora do Porto não teriam sido mais alcoolisados pelo amor do que pelos copinhos d'aguardente que beberam?

O amor é sempre o mesmo impulsor de nobres audacias, seja nas cidades ou nas aldeias.

Quem hoje afunda o olhar na grande serenidade de valle, por onde o rio de Chelleiros entra no mar, proximo á Ericeira, mal poderá reconstruir o episodio guerreiro que ali occorreu, entre descargas de arcabuzes atroadores, ha trezentos e cinco annos exactos.

VII

O corregedor Diogo da Fonseca marchou, depois da victoria, sobre Mafra, onde, tendo mandado instaurar uma severa devassa, fez celebrar honras funebres por alma do doutor Gaspar Pereira, seu filho e sobrinho.

O pobre corregedor de Torres Vedras nem suffragios teve. A ingratição dos governos! Ponde os olhos n'isto, ó ingenuos magistrados do presente e do futuro.

E' claro que Diogo da Fonseca tratou, em primeiro logar, de haver ás mãos o rei da Ericeira e Pedro Affonso.

Matheus Alvares fugindo de serra em serra, pelas terras dentro, pediu poisada n'uma locanda. A estalajadeira, sabendo d'ahi a pouco a noticia da derrota, entrou-se de receios pela responsabilidade que lhe cabia por dar hospedagem ao solitario de S. Julião, muito conhecido em dez leguas ao redor. Mas um sentimento bom, de piedade feminina, acabou por convencel-a a receber na sua casa o pobre rei duas vezes vencido. Tinha ella razão para receiar das represalias do governo castelhano, bem mais razão por certo do que tivera o marquez de Santa Cruz para mandar reforçar em Lisboa a guarda do Paço da Ribeira, com medo da guerrilha dos sebastianistas. O certo é, porém, que a piedade poude mais n'ella do que o medo, e, acolhendo o rei fugitivo, ungiu-lhe porventura o corpo fatigado com lagrimas piedosas.

Dois dias depois, soldados castelhanos cercavam a locanda, e hospede e hospedeira caiam nas mãos do corregedor Diogo da Fonseca.

Matheus Alvares era sem demora enviado para Lisboa, sobre o dorso de um burro, como Jesus Christo entrou em Jerusalem. Antonio Simões e outros graduados sebastianistas, com excepção de Pedro Affonso, acompanhavam-n'o custodiados e montados biblicamente, como elle. As mãos atadas atraz das costas. A gente que transitava pelas ruas da cidade, e que tinha visto passar pouco

antes o archiduque Alberto, viu chegar o rei da Ericeira com o seu irrisorio cortejo, chasqueado e apupado pelos transeuntes castelhanos.

A pobre estalajadeira, que déra poisada a Matheus Alvares, foi, com outras muitas pessoas, justiça da no Alto da Forca, na Ericeira, a mesma eminencia onde o povo d'aquella villa julga ainda hoje que foi executado o falso D. Sebastião.

N'uma manhã de setembro d'este anno, junto á igreja de Nossa Senhora do Porto, perguntava eu ao tio Philippe Gaspar, o mais letrado camponez da Carvoeira :

— Onde foi então que mataram Matheus Alvares ?

E elle respondia com arreigada convicção :

— Na Ericeira, no Alto da Forca.

E' uma tradição confusa, que emparelha na morte o rei e os seus partidarios. Ali mesmo na Ericeira, onde o povo lançára ao mar o corregedor de Torres Vedras, e onde Pedro Affonso fizera quartel-general, era natural que Diogo da Fonseca quizesse dar o espectaculo de uma severa punição. Mas era tambem natural que o governo de Castella quizesse, por sua vez, mostrar á capital a dureza do castigo com que punia os que ousavam incommodal-o.

Matheus Alvares fez declarações categoricas :

— O seu plano, combinado com Pedro Affonso, era entrar em Lisboa na vespera de S. João, quando o povo estivesse reunido nos folguedos tradicionaes d'essa noite. Dar-se-ia a conhecer como sendo o rei *Encoberto*, annuciado nas trovas do Bandarra, e, depois de reconhecido e acceto pelo povo, dir-lhe-ia do alto de um balcão : Eu não sou o rei D. Sebastião, mas sou um homem que vos resti-

tuiu a independencia da patria livrando-vos do jugo de Castella.

E o povo reconhecido não duvidaria acceital-o como rei.

Eis o que elle havia pensado nas noites silenciosas da gruta de S. Julião.

A 14 de junho, Matheus Alvares foi conduzido ao cadafalso. Cortaram-lhe primeiro a mão com que elle havia falseado a assignatura de D. Sebastião ; depois enforcaram-n'o com alguns dos seus cúmplices ; por ultimo, cortaram a cabeça ao cadaver, espetaram-n'a n'um poste, e esquartejaram-lhe o corpo, pregando-lhe os quartos nas portas da cidade.

Pedro Affonso conseguiu andar a monte durante algum tempo. Mas acabou por ser denunciado por um dos seus correligionarios, vendido a Castella. Enviado a Lisboa, teve a sorte do genro : enforcado e espostejado.

E a filha, a mallograda rainha? Que ella sobreviveu ao desgosto de perder a corôa, não ha duvida nenhuma, porque deixou descendencia que na Ericeira perpetuou a alcunha de *Rainha* na sua familia. Provavelmente, atiraram-n'a no primeiro momento para o fundo de um carcere, até que se apiedaram d'ella, e lhe restituiram a liberdade. Pobre mulher! ella tudo havia sacrificado ao impostor Matheus Alvares, tudo...; era justo que lhe dessem alguma compensação piedosa. De mais a mais, nem o seu sexo nem a sua desgraça eram temerosos para o governo de Castella. Perdoando-lhe, ligavam-lhe menos consideração do que a seu marido, cuja sombra, vista á distancia de legoas, fizera reforçar a guarda do Paço da Ribeira!

De simulato rege Sebastiano é o titulo do poema em que o doutor Estevam Rodrigues de Castro contou as façanhas do rei da Ericeira. Eu, que já vou estando divorciado do verso, achei que era preferivel a prosa para contar uma historia em que o unico poeta que figura é um sapateiro.

Lisboa, 10 de novêmbro de 1890.

Ranquel del Lima Junior

OTHELLO SITO

Comedia original em 1 acto



OTHELLOSITO

EDUARDO, irmão de
ALBERTINA.

ACTUALIDADE

Uma modesta saleta, desordenadamente mobilada. Á direita mesa; em cima uma barretina de papelão e uma espada de folha. Proximo, uma cadeira de jantar, para creança, com uma grande boneca sentada. — Ao fundo, um canapé. — Á esquerda, portas envidraçadas para o jardim. Perto, um cavallo de balanço. — Á direita, um piano de estudo.

Scena I

ALBERTINA, sentada ao piano, corre escalas. EDUARDO montado no cavallo de balanço, faz contas n'uma pedra, collocada sobre a cabeça do cavallo.

EDUARDO

Tres vezes nove... dezoito... Oh! Não ando para traz nem para diante...

ALBERTINA

Apezar de estares a cavallo.

EDUARDO

Vá lá fazer contas com esse chocalho a martellar-me os ouvidos e a paciencia.

(Vae sentar-se n'uma cadeira com a pedra sobre a perna traçada).

ALBERTINA

Caustica menos um chocalho do que um chocalheiro como tu.

EDUARDO

Não me accusa a consciencia de metter no bico dos outros o que vejo ou oiço.

ALBERTINA

Francamente não sei de que te sirva a feliz memoria que tanto te gabam.

EDUARDO

Ora!... deixa-os lá fallar.

ALBERTINA

Papagueias tudo em casa que ouves de vespera no theatro...

(EDUARDO (cumprimentando ironico)

De V. Ex.^a, papagaio reconhecido.

ALBERTINA

Esqueces-te então das queixas que fazes de mim?

EDUARDO

Eu?!... Não estás boa de cabeça.

ALBERTINA

Ah! eu é que não estou! Nega, se és capaz, que foste dizer á mamã que bati no Diogenes?

EDUARDO

Sabes que sou bastante amigo d'elle para o proteger...

ALBERTINA

Em meu desfavor que sou tua irmã... Sacrificar-me, por amor d'aquelle fidalgo... Não ha uma coisa assim!

(Tocando fortemente o piano).

EDUARDO

Tu tens entendimento e elle não... Demais, deixa-me estudar e não me incomodes.

ALBERTINA

O incommodado é que se muda.

EDUARDO

Ora a menina que ainda ha dois dias mudou os dentinhos, já feita doutora.

ALBERTINA

Se alguém te escutasse iria imaginar que o teu dente de sizo nos havia dado a honra de se deixar ver.

EDUARDO

Invejosa! Pois olha que já ha bastantes annos mudei os meus.

ALBERTINA

Elles não se mudaram...

EDUARDO

Então o que fizeram?

ALBERTINA

Cahiram... das gracinhas.

(Ri).

EDUARDO

Estás a atezar-me... e eu não sei que contas heide mostrar ao papá quando m'as pedir.

ALBERTINA

Mostra-lhe as contas em que réza a avósinha.

EDUARDO

Por essas e outras é que o papá não te levou hontem commigo á representação do Othello.

ALBERTINA

Faltas á verdade. Não fui porque já tinha ido com o padrinho.

EDUARDO

E gostaste?

ALBERTINA

Gostei, mas o ultimo acto affligiu-me muito.

EDUARDO

Tenho-o todo na cabeça.

ALBERTINA

Ah!

EDUARDO

O que foi?

ALBERTINA

De todo se me varreu da ideia...

EDUARDO

O quê?

ALBERTINA

Estudar a lição de grammatica.

EDUARDO

Assustaste-me.

ALBERTINA

Recommendo-te silencio.

EDUARDO (áparte)

Apanhei-te com a bocca na botija. Vou desforrar-me. (Agarra de um pau e monta o cavallo de papelão. Alto). Eh!... Eh, boi!... Uh!... Toca a musica!... Toca a musica!... Táratá... tchin; tchin, tchin!

ALBERTINA

Oh! que inferneira! Vae-me a cabeça pelos ares!...

EDUARDO

Melhor... ficas sem ella... e não pagas nada. (Gritando). Quem não tem cabeça, não paga nada!

ALBERTINA (zangada)

Estás-me incommodando atrozmente.

EDUARDO (insidioso)

O incommodado é que se muda.

ALBERTINA (áparte)

Sim, senhor! cahi na rêde. (Alto). Não me fazes pirraça... Vou estudar para o jardim... Estou lá mais á fresca.

(Sae e deixa a porta aberta).

Scena II

EDUARDO (só)

Não te constipes, nem batas no Diogenes... Toca a concluir esta multiplicação... Tres vezes

nove, vinte e sete; e vão dois... Oito vezes
 oito... hum... hum... cinco vezes... hum...
 hum... hum... Agora a prova: hum... hum...
 quatro; hum... hum... quatro... Certa. Ainda
 bem. Estou livre da massada. Agora folgar! De
 que modo?... Ah! já sei. Ensaio o ultimo acto
 do Othello. Mas, falta-me a Desdemona. Com mi-
 nha irmã escusado será contar... Tambem, na
 scena da morte, ella pouco tem que dizer... Que
 ideia! A boneca de Albertina está ao pintar. Vae
 dito, faz a boneca de Desdemona. Mãos á obra.
 — A scena representa um quarto de dormir. Des-
 demona dorme no leito. (Deita a boneca no canapé.) Pro-
 ximo arde uma lampada. (Accende uma vella e colloca-a
 junto da boneca.) Bem bom! Agora arranjemyos o
 Othello. A espada... O capacete... (Põe a espada de
 folha á cinta e a barretina de papelão na cabeça. Vae buscar a uma
 gaveta uma caraça negra e colloca-a na cara. Vendo-se ao espelho.)
 Optimo! Esplendido! Se a mana me visse dei-
 tava a fugir. Ah! ah! ah!... Ora, o mouro en-
 tra pôr aqui; assim... e, depois de umas refle-
 xões, diz: «Não quero verter-lhe o sangue, nem
 rasgar-lhe a pelle mais branca do que a neve.
 (Depõe a espada). E' necessario comtudo que ella morra.
 Mostrando a luz). Apaguemos esta luz e depois...
 (Mostrando a boneca) apaguemos tambem aquella. (Beija-a.)
 Oh! halito perfumado, que á justiça quasi per-
 suades que torça e quebre o gladio!... Um beijo
 mais... mais outro. (Cobre a boneca de beijos.) Mais ou-
 tro ainda! e seja o ultimo! Tão doce nunca o
 houve e tão fatal!... Accórdou.» Segue-se um
 dialogosito até que elle sae-se com esta: «Se te
 lembras de algum crime, para o qual ainda não
 alcançaste perdão do ceu, implora-o já.» Ella, coi-
 tadinha, depois de umas lamurias de apertar o co-

ração, implora -lhe com uns modos muito bonitos :
 (Sempre que arremeda Desdemona deve tirar a mascara.) « Matae-
 me ámanhã ; deixae-me viver esta noite. — Não.
 Se resistes . . . — Meia hora apenas. — Não ha de-
 mora possível. — Só o tempo de resar uma ora-
 ção. — É tarde de mais. » (Asphixia a boneca.)

ALBERTINA (fóra)

Oh ! Eduardo, Eduardo !

EDUARDO (áparte)

Nem de encommenda . . . (Declamando.) « Que ru-
 môr é este ? . . . ainda não morreu ! ainda não está
 bem morta ! . . . Apesar de cruel sou compassivo . . .
 Não quero prolongar-te a agonia. Assim ! assim ! »
 (Carrega sobre o peito da boneca, rasgando-a.)

ALBERTINA (fóra)

Então, Eduardo, não ouves ?

EDUARDO

Mau ! mau ! que lá se foi tudo quanto Martha
 fiou. Representei tanto ao vivo que rasguei de alto
 a baixo o vestido á boneca. Quem ha de ouvir
 Albertina ? Não eu, que por aqui me safo. (Occul-
 ta-se atraz de um movel e logo que entra Albertina escapa-se para o
 jardim.) Pernas para que te quero.

Scena III

ALBERTINA (só)

Tambem não serves para nada. Olha o gran-
 de trabalho de responderes á gente. Queria pedir-te
 a boneca . . . Agora reparo . . . estou fallando ás
 paredes. Temos jogo das escondidas. É o mesmo.

Entretenho-me com a minha *bébé*. Mas não a vejo. Lembra-me perfeitamente de tel-a posto na cadeirinha. Aqui anda obra do senhor meu irmão. Forte mania de me escolher para objecto dos seus brinquedos. Espera... eu já te ensino. Vou para cima do canapé fingir que gemo, que estou doente. (Dirige-se ao canapé e dá um grito.) Ah!

Scena IV

ALBERTINA e EDUARDO

EDUARDO

Deve sortir bom effeito o meu plano. (Reparando em Albertina que tem as mãos na cara.) Soffres? Tens alguma coisa?

ALBERTINA (choramigando)

A minha *bébé* toda escangalhada!

EDUARDO (vé um boccado do vestido da boneca, apanha-o e mette-o no bolso. Áparte.)

Serve-me para prova.

ALBERTINA (áparte)

Hei de vingar-me. (Alto.) Então, o que dizes a isto?

EDUARDO

Digo que já descobri o auctor do crime.

ALBERTINA

És um Colombo para descobertas. Então quem foi?

EDUARDO

Peço-te encarecidamente que não lhe faças mal. Foi...

ALBERTINA

Foi?...

EDUARDO

... O Diogenes.

ALBERTINA

Diogenes?!

EDUARDO

Sim, Diogenes! (Áparte.) Disfarçemos. (Alto.) Aposto que não te recordas porque o papá o baptizou com aquelle nome?

ALBERTINA (reprimindo-se)

Não!... não me recordo! (Áparte.) Velhaco!

EDUARDO (áparte)

Está de fel e vinagre. (Alto.) Porque tendo o jardineiro, de uma pipa velha, armado a casa do cão, e como Diogenes, um philosopho grego, vivia dentro de uma pipa...

ALBERTINA (frenetica)

... E andava de dia com uma luz em busca de um homem verdadeiro, mas só encontrava aldrabões como tu!...

EDUARDO (áparte)

Peior! (Alto.) Eu não falto á verdade.

ALBERTINA

Para que criminas, então, o animal que se não póde defender?

EDUARDO

Porque podia, se valesse a pena, jurar em como foi elle. (Áparte.) Queres apanhar-me, mas para cá vens de carrinho.

ALBERTINA

Juravas falso! Por elle punha as mãos no fogo e por ti... nem que me dourassem. Anda, convince-me de que foi o cão que trouxe a boneca da cadeira para o canapé!

EDUARDO (áparte)

Estava a calhar para juiz, a mana. (Alto.) Naturalmente foste tu propria, e já te esqueceste... Comes tanto queijo...

ALBERTINA

Desculpa de mau pagador. Não se me dava de saber tambem, como entrou o animal aqui.

EDUARDO

Pelo seu pé... Ha pouco deixaste a porta aberta... Está claro...

ALBERTINA

Como tinta de escrever! (Áparte.) Que descarro!...

EDUARDO

Eu já te provo, deixa-me ir ver uma coisa. (Áparte.) Vou pôr o bocado do vestido ao pé do cão. (Sae.)

Scena V

ALBERTINA (só)

Pois tu não has de amargar o que fizeste? Mudo de tactica. Julgas que sou tola, a ponto de me deixar illudir assim! Pois bem. Principio de vingár-me por aqui. (Vae á pedra e apaga as contas.) Has de

fazel-as de novo que te has de regalar. Elle ahi vem. Fingirei que acredito tudo.

Scena VI

ALBERTINA e EDUARDO

ALBERTINA

Já viste a tal coisa?

EDUARDO (triumphante)

Já e certifiquei-me de que foi o cão o culpado.

ALBERTINA

Sim?

EDUARDO

Anda cá. (Encaminha-a até á porta do jardim.) Vês o cão deitado?

ALBERTINA

Vejo.

EDUARDO

O que tem elle ao pé da bocca?

ALBERTINA

Um pedaço do vestido da *lébé*.

EDUARDO

Insistes em culpar-me?

ALBERTINA

Pelo contrario. Dou as mãos á palmatoria, foi o mau do Diogenes. Perdôa-me ter duvidado da tua palavra.

EDUARDO.

Isso não é cá para nós.

ALBERTINA

Até logo.

EDUARDO

Adeus.

ALBERTINA (áparte)

Levas uma lição de mestre, essa te prometto eu!

Scena VII

EDUARDO (só)

Ora aqui está como se engana uma tola, com quanto não seja toleima... Bondade! Até me faz pena. A mana é tão amiga da boneca, como a mamã de nós. Não foi por mal. Enthusiasmei-me... E o Diogenes, coitadito! a pagar as favas, elle tão meu amigo, que me estima tanto, que me lambe as mãos... e eu pago-lhe as suas meiguices com a minha ingratidão. Sou um intriguista!... um falso denunciante! — Vejam como se trocaram os papeis. Quiz fazer de Othello e faço de Yago, aquelle mau homem da peça de hontem. — Ao mesmo tempo dá-me vontade de rir, Diogenes transformado em Othello. Tem graça! Ah! ah! ah!

Scena VIII

EDUARDO e ALBERTINA

ALBERTINA (perturbada e como que em busca de alguma coisa, com uns modos entre desgosto e angustia)

Agora é que vão ser ellas.

EDUARDO (admirado)

Ha alguma novidade? O que procuras?

ALBERTINA (cada vez mais perturbada)

Ai!... deixa-me!... Estou muito afflicta!...
muito assustada!...

EDUARDO

Mas por Deus! o que succedeu?...

ALBERTINA

Má hora aquella, em que me lembrei... de
contar tudo...

EDUARDO

Tudo quê?... pela tua saude explica-te!

ALBERTINA

... Sem pensar nas funestas consequencias!...

EDUARDO

Se não pões tudo em pratos limpos, endoideço!

ALBERTINA

Onde estarão as correias?

EDUARDO

As correias?!

ALBERTINA

Sim, fui dizer ao papá... que o Diogenes...
tinha escangalhado a boneca...

EDUARDO

Não sou eu só o chocalheiro.

ALBERTINA

Tens razão. Mas eu não adivinhava que o papá
ficasse furioso... Quer por força matar o cão...

Pediu-me logo as correias... Pretendi desculpar o animal... mas quem diz lá! Não houve meio.

EDUARDO

O que se ha de fazer?!

ALBERTINA

Tenho uma idéa.

EDUARDO

Dize, dize depressa.

ALBERTINA

Vae mostrar as contas ao papá para o distrahir. Talvez, vendo as contas... lhe passe.

EDUARDO

Bem achado, sim, senhor. Vou immediatamente. Onde está a pedra? (Vae buscar a pedra.) Oh!

ALBERTINA

O que foi?

EDUARDO (muito triste)

Está apagado o que fiz. E não foste senão tu!

ALBERTINA

Eu?!

EDUARDO

Sim, tu.

ALBERTINA

Eu?!

EDUARDO

Pois quem havia de ser?

ALBERTINA

Ora! Tem pouco que saber... O Diogenes.

EDUARDO

Hein?!

ALBERTINA

Sem tirar nem pôr.

EDUARDO

Não me illudes. Suppozeste ser eu o destruidor da tua boneca e de revindicta apagaste as contas.

ALBERTINA

Isso é que é ser desconfiado. Pois foi o cão... Eu vi.

EDUARDO

Tontinha! Como querias tu que o animal apagasse as contas?

ALBERTINA

... Com a lingua.

EDUARDO

Com a lingua?

ALBERTINA

Sim, Eduardo. Olha, muito surrateiramente poz as patinhas em cima da cadeira e principiou de lamber os algarismos... Apenas pude evitar que lambesse os numeros que o papá escreveu.

EDUARDO

Lavre lá dois tentos... Apanhou-me.

ALBERTINA (fingindo não ouvir)

Ah! encontrei as correias. Visto não haver meio de evitar que o papá mate o cão, vou levar-lh'as.

EDUARDO (impedindo-lhe a passagem)

Suspende?

ALBERTINA

Mas...

EDUARDO

Não consinto que pague o justo pelo peccador.

ALBERTINA

O quê?... Diogenes está innocente?

EDUARDO

Innocentissimo.

ALBERTINA

N'esse caso o culpado...

EDUARDO

Fui eu... fui eu que pretendendo imitar Othello matando Desdemona, estrangulei a boneca... rasguei-lhe o vestido. (Ajoelha.) Perdôa!

ALBERTINA (áparte)

Que coração de oiro! Já agora, para o emendar, levo a comedia até o fim. (Alto.) Perdôo-te de mil vontades!...

EDUARDO

Obrigado!

ALBERTINA

Mas...

EDUARDO

Outro mas?

ALBERTINA

E' que o papá deve estar fulo á espera das correias.

EDUARDO (triste)

É verdade!

ALBERTINA

Agora pergunto eu, o que se ha de fazer?

EDUARDO (com muita dignidade, depois de reflectir um momento)

E' a unica soluçãõ.

ALBERTINA

Qual?

EDUARDO

Dá-me as correias.

ALBERTINA

Para que as queres?

EDUARDO

Dá-as cá.

ALBERTINA

Ahi as tens. (Eduardo colloca-as nos hombros e encaminha-se para a porta.)

ALBERTINA (embargando-lhe o passo.)

O que pretendes fazer?!

EDUARDO

A proposito das lições que o papá nos ensina de historia, ainda tu, ha pouco, alludiste a Colombo; a mim agora lembra-me Egas Moniz. Como sabes, elle, arrependido da infidelidade que praticou a el-rei de Castella, se lhe apresentou com uma corda ao pescoço para receber castigo...

ALBERTINA (com as lagrimas nos olhos)

Não digas mais. És um anjo! (Beija-o.)

EDUARDO (muito commovido)

Está quieta!... isso faz-me peor! (Quer fugir.)

ALBERTINA (segurando-o)

Fica. Tem paciencia, vae fazer de novo as con-

tas que eu apaguei, o que me perdoarás... Nenhumas outras tens que dar ao papá.

EDUARDO

O que dizes?

ALBERTINA

Que tudo isto foi um estratagema, uma comedia, para te provar, que, apesar de ser bastante tua amiga, não permitto que faças de mim tola.

EDUARDO (pulandò de contente e um tanto commovido)

Ah! Albertina da minha alma! minha querida irmãsita! que pezo me tiraste! E's mil vezes melhor que Desdemona. Peço-te uma coisa... Representa commigo a scena da morte.

ALBERTINA

Com uma condição.

EDUARDO

Qual é?

ALBERTINA

Não me estrangulares como fizeste á boneca, meu Othellosito! (Abraçam-se e beijam-se.)

FIM.

FQ
9135
P5

Pinheiro Chagas, Manuel
A Africa portugueza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
